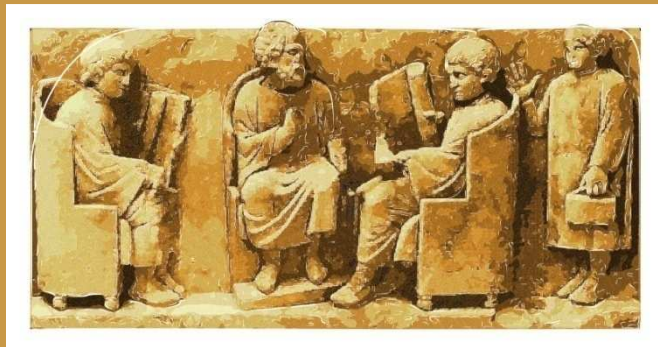


GIOVANNA LONGO

ENSINO DE LATIM

Reflexão e método



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIA E LETRAS
CÂMPUS DE ARARAQUARA

GIOVANNA LONGO

ENSINO DE LATIM

Reflexão e método

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras,
Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Araraquara, a fim
de se obter o título de Doutor em Linguística e Língua
Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Cortina

Co-orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

**Maio
2011**

Longo, Giovanna

Ensino de latim: reflexão e método / Giovanna Longo. – 2011
232 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Arnaldo Cortina; João Batista Toledo Prado

1. Latim – Ensino. 2. Semiótica. 3. Cultura clássica. I. Título

GIOVANNA LONGO

ENSINO DE LATIM

Reflexão e método

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento discursivos e textuais
Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Cortina
Co-orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Bolsa: CAPES

Data da defesa: 27/05/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Co-Orientador: Dr. João Batista Toledo Prado
UNESP - FCLAr

Membro Titular: Dr. Alceu Dias Lima
UNESP - FCLAr

Membro Titular: Dr. Cláudio Aquati
UNESP - IBILCE

Membro Titular: Dr. Mário Ferreira
USP - FFLCH

Membro Titular: Dra. Neiva Ferreira Pinto
UFJF - FALE

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Para o Márcio.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa. Em especial,

Ao Prof. Arnaldo Cortina, meu orientador, que tornou possível a realização deste trabalho junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAr, sobretudo pela leitura atenciosa e pelas referências sobre Semiótica;

À Prof^a Renata M. Facuri Coelho Marchezan, pela leitura do projeto de pesquisa e pelo apoio à sua realização;

Ao Prof. João Batista Toledo Prado, meu co-orientador, a quem devo minha escolha pelo latim desde o primeiro ano de graduação, por todas as conversas que foram fundamentais à minha formação, pela leitura crítica deste trabalho e, acima de tudo, pela amizade;

Aos Professores Cláudio Aquati e José Dejalma Dezotti, pela arguição gentil e cuidadosa no Exame de Qualificação;

Ao Prof. Brunno V. G. Vieira, grande amigo, pela possibilidade de realização do estágio docência, cuja oportunidade foi, sem dúvida, determinante para o desenvolvimento do material aqui apresentado;

Ao Prof. Alceu Dias Lima, meu orientador do mestrado, que com sua generosidade nos dá a todos a verdadeira dimensão do que é *ser* professor, por todas as suas estimulantes reflexões sobre linguagem, poesia e ensino, sem as quais este trabalho não teria sido possível;

À minha querida amiga Fernanda Zucarelli, que se ofereceu gentilmente para testar o material, pela amizade sincera e incondicional;

À minha mais que amiga Maria Cecília Pires Barbosa Lima, companheira de todas as horas, com quem pude compartilhar minhas inquietações, pela nossa convivência, que, sem dúvida, faz com que eu me torne uma pessoa melhor;

Aos meus pais, Marco Antonio Longo e Rita Antonietta Cusumano Longo, pela presença constante e por me ensinarem, desde sempre, a importância dos estudos;

E, finalmente, a Márcio Thamos, minha grande referência pessoal e acadêmica, por fazer parte da minha vida.

A pesquisa contou com o apoio financeiro da CAPES.

A língua é a forma mediante a qual concebemos o mundo. Não há teoria do conhecimento, objetiva e definitiva, sem o recurso aos fatos da língua.

Não há filosofia sem linguística .

Luis Hjelmslev, 1991, p.184

“o latim é uma língua viva do passado” e, portanto, só em relação a esse passado cabem as providências que diferenciam o seu ensino do de qualquer outra língua estrangeira do presente.

Alceu Dias Lima, 1995, p.19

Ensino de Latim: reflexão e método

O estudo do latim está essencialmente voltado à aquisição de uma competência receptiva escrita. Por essa razão, o ensino dessa língua antiga deve ter como objetivo principal a formação de leitores. A eficaz compreensão de textos antigos depende de um processo de aprendizagem que passe por três níveis de competência: o nível linguístico, o nível textual e o nível intertextual. Da conceituação saussuriana de *língua* e *fala* à concepção de *semiótica pluriplana* de Hjelmslev, é possível ir das oposições linguísticas, que criam sentido na frase, aos mecanismos que permitem reconhecer o texto como objeto cultural. Como parte desse encaminhamento metodológico para o ensino de latim, que procura estreitar o distanciamento cultural existente entre o mundo antigo e o contemporâneo, evitando anacronismos na leitura e na interpretação de textos latinos, apresenta-se uma sistematização da matéria no seu estágio inicial em que se visa à compreensão das estruturas frasais latinas e, com elas, as oposições de caso.

Palavras-chave: latim; ensino; forma e substância; semiótica denotativa e semiótica conotativa; cultura clássica; leitura.

Teaching Latin: reflections and methodology

The study of Latin is essentially focused on the receptive writing skills acquisition. For this reason, the teaching of this ancient language should have the readers' training as its main objective. The effective understanding of ancient texts depends on a learning process that is based on three competence levels: the language level, the textual level and the intertextual level. From Saussure's language and speech conceptions to Hjelmslev's pluri-planar semiotic concept, it is possible to go from linguistic oppositions, which create sentence meaning, to mechanisms that allow the recognition of the text as a cultural object. As part of this teaching methodology, which seeks to narrow the cultural gap between the ancient and the contemporary world, avoiding anachronistic interpretation of Latin texts, this study presents a systematization of the initial contents of the discipline which aims to provide tools for the understanding of simple sentence structures and case oppositions.

Keywords: Latin; education; form and substance; denotative semiotics and connotative semiotics; classical culture; reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
A formação em Latim nos quadros de um curso de Letras	10
Ensino de língua ou ensino de cultura clássica?	12
Itinerário	14
P A R T E I	
ENSINO DE LATIM E TEORIA DA LINGUAGEM	16
Latim, língua materna	17
Do objeto da Linguística	19
Dos planos da linguagem	22
Forma e substância: a delimitação do sentido	25
O lugar da Significação nos fatos de linguagem	28
Semióticas Denotativas e Semióticas Conotativas	33
Análise dos sistemas conotados	37
P A R T E II	
ENSINO DE LATIM E A FORMAÇÃO DO LEITOR	43
O estudo do latim e a recepção escrita	44
Níveis de abordagem do texto: balizas para o ensino	47
P A R T E III	
ENSINO DE LATIM E AQUISIÇÃO DA COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA	50
Um método linguístico para o ensino de latim	51
O método “<i>Da Fala à Língua</i>”	52
A importância da noção de tema	57
Porque as frases normalizadas não se confundem com <i>adaptações</i>	60
<i>Da Língua à Fala</i>: estimulando a recorrência a partir de frases normalizadas	61
PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO	64
I. O EXCERTO LATINO	65
II. UNIDADES	73
UNIDADE I –	
o caso nominativo	76
e as orações com predicado formado por verbo de ligação e por verbo intransitivo	
UNIDADE II –	
o caso acusativo	96
e a oração com predicado formado por verbo transitivo	

UNIDADE III – o caso genitivo e a expansão nominal	103
UNIDADE IV – o caso dativo e o predicado com verbo transitivo com dois complementos	113
UNIDADE V – o caso ablativo e a oração com seus termos acessórios. As preposições latinas	120
UNIDADE VI – o sistema verbal: o modo indicativo	128
Unidade VII – a voz passiva	147
CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TÓPICOS NÃO SISTEMATIZADOS	156
A frase complexa (hipotaxe)	156
A coordenação (parataxe)	163
Dêixis e anáfora	164
UNIDADE VIII – o modo imperativo e o caso vocativo	165
P A R T E I V	
SEMIÓTICAS CONOTATIVAS: AS ABORDAGENS TEXTUAL E INTERTEXTUAL	170
Do denotado ao conotado	171
Nível textual: o texto como sistema semiótico	173
Nível intertextual: relações entre linguagem e cultura	177
Virgílio, <i>Bucólicas</i>, IV: leitura comentada	185
CONCLUSÃO	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214
BIBLIOGRAFIA	218
Anexo	221

INTRODUÇÃO

Atualmente, o estudo institucionalizado de línguas antigas, em especial o Latim, é proporcionado por apenas alguns poucos cursos de humanidades oferecidos em universidades públicas do país.

A possibilidade de acesso direto à grande variedade de registros escritos legados pelas culturas antigas é o principal motivo pelo qual, ainda hoje, haja estudiosos interessados nesse idioma.

Assim, uma vez que a Antiguidade Clássica é tema de interesse para diversas áreas do conhecimento, qualquer que seja a formação dos que se dedicam ao aprendizado de uma língua antiga na atualidade – História, Filosofia, Letras, etc. –, é o contato com a Cultura Clássica a finalidade última de seus estudos¹.

Apesar de se reconhecer que o interesse pelo estudo do latim pode se dar em diferentes áreas do conhecimento, é da perspectiva da formação em Letras que as ideias sobre ensino e descrição dessa língua antiga serão aqui encaminhadas.

¹ Pesquisas recentes mostram, em relação especificamente ao latim, que nos últimos anos, desde que a matéria perdeu sua obrigatoriedade nos cursos da escola média, aquela ideia consensual de que o estudo do latim se justificaria principalmente por seu papel ancilar, de língua instrumental, a serviço de outras disciplinas, vem sendo abandonada nos meios acadêmicos. Os especialistas e pesquisadores da área, em geral, tomam como legítimos aqueles objetivos que visam ao contato e à recepção da Cultura Clássica. (MIOTTI, 2006, p.23-54)

A formação em Latim nos quadros de um curso de Letras

A fala legítima dos antigos romanos deixou de ser produzida há muitos séculos. Por essa razão, o estudo da língua latina está essencialmente voltado à recepção escrita, ou seja, deve objetivar a aquisição de uma competência que habilite à *leitura de textos escritos por falantes naturais*².

O motivo pelo qual, ainda hoje, se formam nos cursos de Letras do País especialistas em Língua e Literatura Latinas é a conservação e a transmissão da herança literária deixada pelos antigos romanos. Entende-se que o estudo do latim, nesse contexto, deve colocar o aprendiz em contato com os registros textuais, mais do que isso, porém, deve levá-lo a perceber a densidade humana nas manifestações dessa cultura antiga. Em razão disso, entende-se que o ensino desse idioma deve prever ainda a internalização dos conceitos necessários à reflexão sobre linguagem verbal tomada como objeto do saber humano, requisito de uma boa formação nessa área do conhecimento (LIMA, 1992, p.11).

Assim, as discussões aqui propostas têm uma perspectiva bem definida: a do ensino de latim, nos quadros de um curso de Letras que preveja, em sua carga-horária, uma quantidade suficiente de aulas que permita abranger conteúdos específicos de Língua e Literatura Latinas. São os cursos estruturados dessa maneira que formam especialistas nesse idioma antigo.

No entanto, isso não significa que a proposta aqui apresentada não possa também ser aplicada àqueles cursos elementares de Latim, cujo oferecimento ainda se dê em alguns cursos de Letras. Essa disciplina, que conta com um número de horas às vezes bastante reduzido, de certa forma toma o latim com aquele caráter de “língua instrumental” (LIMA,

² Ao longo deste trabalho, procurar-se-á demonstrar que o entendimento do latim como *língua materna* leva a reconhecer como legítimos apenas os textos escritos por falantes que se tornaram competentes no idioma por serem sujeitos pertencentes ao contexto da enunciação em que o latim ainda não era uma língua de *sincronia fechada*. (Cf. LIMA & THAMOS, 2005, p.125).

1995, p.23) e, nesse sentido, tem objetivos diferentes daqueles aqui apresentados como legitimadores do estudo dessa língua antiga.

Esses cursos, entretanto, abrangem um público sempre maior de estudantes quando comparados com aqueles que formam especialistas na área. A aplicação do que aqui será proposto pode revelar resultados bastante interessantes, uma vez que proporciona o contato com a cultura clássica em alguma medida. A diferença entre esses cursos elementares e os cursos de formação específica em latim ficaria por conta do fato de que, em vista do tempo reduzido de trabalho, não será possível habilitar o aprendiz à leitura de textos clássicos no original, daí o alcance dos objetivos ser apenas parcial.

Entende-se que a aplicação do método proposto, desenvolvido para a formação de especialistas, também em cursos elementares permite contribuir para a *formação humana* dos futuros professores de português, graças ao duplo aspecto que só as letras clássicas possuem, como destaca Fiorin (1991, p.516-7):

A legitimidade das letras clássicas surge [...] da própria formação de nossa cultura, da necessidade de buscar a identidade. [...] Ao mesmo tempo, porém, conhecer outras línguas, quaisquer que sejam, é buscar a diferença. Sob a infinita diversidade das línguas é a diversidade das culturas que fascina. Afinal, a língua mergulha numa cultura, define uma sociedade, forja para cada indivíduo uma visão de mundo. Para cada cultura, qualquer outra é motivo de espanto, de desconfiança e até de repulsa. No entanto, o conhecimento íntimo de uma cultura leva à compreensão e à aceitação da diferença. O estudo das línguas leva à alteridade e, portanto, à diferença. [...] É dessa forma que se torna o homem mais humano: [...] nem negação da identidade nem da alteridade. As Letras Clássicas apresentam esse duplo aspecto: o da identidade e o da alteridade. Em sua completude, são uma herança a conservar.

Ensino de língua ou ensino de cultura clássica?

Quando se tem em vista o objetivo de *ler textos clássicos no original*, devem entrar em jogo, nas práticas de ensino-aprendizagem, conteúdos que vão além da mera descrição gramatical.

Não se pode, de fato, pensar no estudo de uma língua em separado da cultura que a justifica como natural. E isso vale para qualquer língua. Em se tratando de um idioma antigo, para entendê-lo como um idioma como qualquer outro – a despeito de não ser o de uso corrente de nenhum falante da atualidade – a necessidade de ancorar seu estudo no conhecimento da cultura à qual pertence mostra-se ainda mais evidente. Isso se deve ao fato de haver uma gigantesca ruptura espaciotemporal entre a vida contemporânea e uma manifestação legítima em língua latina.

Para que se possa compreender qualquer registro escrito pertencente à cultura romana, é preciso retomá-la e buscar compreendê-la tanto quanto possível. Caso contrário, a recepção de textos latinos correrá sempre o risco de ser fragmentária, anacrônica e eivada de interpretações equivocadas.

Trabalhar com a língua sem dissociá-la da cultura é uma preocupação que se tem atualmente, nos cursos de latim. É o que mostra, por exemplo, Miotti (2006, p.16-22), ao analisar um dos métodos de ensino de latim considerados dos mais completos disponíveis atualmente³. A autora destaca:

Já de início [...] o aluno é encorajado a trabalhar com textos de extensão considerável com a ajuda de um vocabulário disponível no início de cada

³ Trata-se do método *Reading Latin* (JONES & SIDWELL, 2005) que, a despeito de ser em língua estrangeira (original em inglês e tradução em espanhol), é adotado em algumas das principais universidades brasileiras e conta com bastante aceitação por parte de professores e alunos, sob o argumento de que possibilita um contato antecipado dos estudantes com o “universo da tradução” (MIOTTI, 2006, p. 18).

lição. [...] Constituídos de frases curtas e simples, os primeiros textos são adaptações de comédias antigas que [...] dão maior vivacidade ao trabalho de tradução e colocam o aluno em contato com obras literárias desde os estudos mais primários, de modo a que ele passe a ter uma ideia da riqueza da literatura latina mesmo antes de poder conhecê-la através de suas formas autênticas (sem facilitaões). (2006, p.17).

A questão que se impõe é se seria mesmo essa a alternativa ideal para iniciar um trabalho que tem como objetivo proporcionar a leitura de textos originais. Será preciso pensar em como será possível proceder a uma prática que envolva objetos de ordens tão diferentes (texto, língua, história, cultura, literatura) sem, com isso, sobrecarregar o ensino inicial com grande quantidade de informações. O risco, aí, é o de sempre: desviar o foco daquilo que é realmente essencial em um primeiro momento.

Quando se tem em vista o estudo de uma língua como o latim, da qual não há outra fonte senão a dos textos escritos, é preciso, antes de mais nada, atentar para o fato de que a falta do discurso oral implica a impossibilidade de se reconhecer, dentre os testemunhos da fala latina que restaram, o latim coloquial, aquele que o falante, qualquer que fosse seu nível de instrução, usava na conversação do dia-a-dia (LIMA, 2000, p.33ss). À disposição do aprendizado dessa língua antiga, ao contrário do que ocorre com os idiomas modernos, não há manifestações desprovidas dos artifícios estilísticos próprios dos textos literários. É essa circunstância que impõe um dos principais entraves ao ensino inicial do idioma.

Mas é importante não deixar de considerar um fato, tanto mais irrefutável quanto fundado na premissa saussuriana de que *a língua é uma forma, não uma substância*: a existência de escritores capazes de explorar os recursos expressivos da linguagem verbal em seu mais alto grau, tanto em Roma como em qualquer outro lugar, pressupõe a natural existência de cada uma das variantes linguísticas decorrentes da língua, sem as quais não haveria como estabelecer-se uma população heterogênea, com suas tradições, crenças, hábitos e costumes.

Se, como bem definiu Saussure, “a linguagem é multiforme e heteróclita” (2003, p.17), quando o que está em causa são as reflexões sobre a *linguagem verbal*, ficam envolvidas questões de várias ordens, mas, uma vez que, tomadas como objetos do conhecimento, *língua* e *fala* são dois “caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo” (2003, p.28), é necessário colocar cada coisa no seu devido lugar.

Itinerário

O trabalho está dividido em quatro partes principais. A primeira apresenta uma reflexão sobre os conceitos da teoria da linguagem fundamentais para o encaminhamento da descrição do latim com vistas ao ensino, tomando como ponto de partida, principalmente, as ideias de Saussure e Hjelmslev. Assim, da conceituação saussuriana de *língua* e *fala* à concepção de *semiótica pluriplana* de Hjelmslev, discutem-se os conceitos que levam à compreensão do latim como língua materna e do texto legítimo, que é ao mesmo tempo fonte e objetivo dos trabalhos com esse idioma, não só como testemunho da língua de Roma, mas também como objeto cultural.

A segunda parte delimita as balizas para um ensino que tenha em vista a formação de leitores. Entende-se com Fiorin (1991, p.517) que, para proporcionar a leitura efetiva de um texto latino, o ensino deve percorrer um percurso que contemple conhecimentos envolvidos em três níveis de competência: o nível linguístico, o textual e o intertextual. Muito embora se procure discutir o que pode estar previsto na formação de cada uma dessas três competências, a proposta principal deste trabalho é apresentar um modelo de sistematização dos procedimentos do ensino inicial.

Assim, a terceira parte apresenta uma espécie de matriz de material didático com as primeiras lições de latim, que pode ser levado à sala de aula com o intuito de formar a competência linguística do aluno. O modelo segue, principalmente, os procedimentos do método *Da Fala à Língua: estudos do enunciado latino* (LIMA, 1995 e 2000) e apresenta a descrição sistematizada de estruturas frasais simples. Com relação às estruturas complexas, apresenta-se uma breve discussão sobre questões que deverão estar presentes em um futuro trabalho de sistematização, de acordo com o modelo aqui proposto.

Finalmente, a quarta e última parte ocupa-se da discussão geral sobre os conceitos envolvidos na aquisição das competências textual e intertextual. Mesmo não tendo sido descritos sistematicamente procedimentos de ensino que trabalhem essas duas competências, o que resultaria em um material interdisciplinar, o conjunto de conhecimentos envolvidos na formação dessas competências deve estar na mira do professor de latim, uma vez que o objetivo principal de toda prática é a formação de leitores de textos antigos. Assim, como uma espécie de exemplo de leitura, apresenta-se ao final dessa parte uma breve análise da *IV Bucólica* de Virgílio, texto utilizado como *cópus* da pesquisa.

Vale ressaltar, ainda, que as discussões e descrições apresentadas ao longo deste trabalho, as quais não se pretenderam exaustivas, derivam de uma proposta mais ampla de renovação dos estudos latinos, desenvolvida há algumas décadas pelos professores da área de Língua e Literatura Latinas da FCLAr - UNESP, e cujos fundamentos se encontram na obra *Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método*, de Alceu Dias Lima (1995).

*

* *

PARTE I

ENSINO DE LATIM
E TEORIA DA LINGUAGEM

Latim, língua materna

Em seu livro intitulado *Uma estranha língua? – questões de linguagem e de método*, Alceu Dias Lima (1995) estabelece os fundamentos de uma proposta de atualização dos estudos latinos, à luz dos conceitos da moderna teoria da linguagem – da linguística saussuriana, e seu desenvolvimento por Hjelmslev, à Semiótica de Greimas.

Esse encaminhamento, que propõe uma abordagem renovada em relação às práticas tradicionais de ensino do latim, tem em vista não só colocar o especialista em contato direto, o mais cedo possível, com as realizações textuais autênticas desse idioma, mas também garantir uma compreensão sistêmica da língua dos antigos romanos.

Essa compreensão sistêmica do latim, proporcionada pela ciência da linguagem, tem um aspecto fundamental que vai além da questão necessária à apreensão de todo objeto do conhecimento. A compreensão da língua como um sistema, tal como ensinou Saussure, implica a noção de coletividade. A coletividade é, pois, uma condição necessária para a existência de uma língua.

Se houve, como o dado histórico não permite negar, uma população heterogênea, com suas crenças, tradições, hábitos e costumes, habitando uma determinada região do mediterrâneo, é porque houve uma língua natural em torno da qual essa população pôde organizar-se para expressar e transmitir seus valores culturais.

Compreender o latim sistemicamente é, pois, entendê-lo como língua natural e, portanto, como *língua materna*. A ideia é, em si, bastante simples. Talvez até simples demais. O que pode parecer pouco condizente com algo relacionado ao latim.

As circunstâncias históricas em que se encontra o latim reduziram seu aprendizado a práticas pouco naturais limitadas aos domínios escolares. Essa secular dependência de uma tradição escolar contribuiu para que se criasse não a imagem de um idioma como qualquer

outro, que se pudesse aprender desde a infância, através de conversações cotidianas, mas sim a imagem de um código de doutos.

Assim, parece mesmo difícil se convencer da simples ideia do latim como língua materna, quando o que resta à comprovação de sua existência são textos como os de Cícero, por exemplo. Mas é a compreensão sistêmica de uma língua que permite entender que o fato de haver escritores, capazes de explorar com tamanha propriedade os recursos expressivos da linguagem verbal, pressupõe a natural existência de cada uma das variantes linguísticas decorrentes desse sistema.

É essa a grande questão trazida pelas reflexões de Alceu Dias Lima. O latim de Cícero, de César, de Ovídio, Horácio e Virgílio é o latim de todo o povo de fala latina, o latim materno dos romanos:

Quem, dentre nós, imagina uma criança, um camponês, uma mulher do povo de fala latina, exprimindo-se naquele latim ciceroniano das nossas aulas? O que é sensato pensar é que, se esse latim, o de César, de Cícero ou de Tito Lívio existe é porque existiram também variáveis populares que exprimissem sobretudo a presença de um povo – com todas as diferenças linguísticas de região, de classe social, de idade, e demais que se possam imaginar – constituindo a comunidade no seio da qual somente cada escritor pôde existir e se formar como falante de excepcional competência. Ou seríamos tão ingênuos a ponto de pensar que, em Roma, as pessoas comuns falavam como Cícero escrevia? Ou, ainda, que simplesmente se falasse como se escrevia?¹ (LIMA e THAMOS, 2005, p.126).

¹ O fato de os testemunhos da língua latina terem chegado aos dias atuais somente através de registros escritos é uma importante questão que se impõe ao ensino e que deve ser atentamente considerada. Os desacordos existentes entre a representação gráfica e a fala oral, no caso de uma língua sem falantes naturais vivos como o latim, impõem lacunas irreparáveis ao seu aprendizado, sobretudo com relação à prosódia. Além disso, as condições em que cada uma das modalidades de expressão se manifesta são muito diferentes. O discurso escrito configura-se sob certos rigores aos quais o oral não é submetido. Como o próprio Saussure afirmou em seu *Curso* (2003, p.226), a *língua literária*, que pode ser entendida como “toda espécie de língua culta, oficial ou não, ao serviço da comunidade inteira”, está submetida a outras condições de existência (SAUSSURE, 2003, p. 163). As manifestações escritas são o registro de um uso resultante de *escolhas estilisticamente conscientes* que falantes fizeram dentre as possibilidades combinatórias do esquema lingüístico. É a consciência do uso, que determina um maior rigor à expressão escrita – rigor próprio das coisas feitas para permanecer.

A condição de que desse latim só restaram, aos dias atuais, textos deixados por aquela pequena parcela da população que dominava a escrita não pode fazer pensar na possibilidade de existência de uma língua fora da coletividade. Pensar assim é separar o latim daquilo que é a razão da sua existência: a cultura romana.

É desse modo que a teoria da linguagem irá contribuir para a revisão das práticas de ensino-aprendizagem do latim. Para que seja possível, a partir da leitura dos textos originais, compreender o dado cultural e, acima de tudo, o dado humano, os conceitos da teoria da linguagem serão de fundamental importância.

Do objeto da Linguística

a língua é uma forma e não uma substância.

Ferdinand de Saussure, 2003, p. 141

Um dos principais fundamentos do *Curso de Linguística Geral*, do qual pôde ser deduzida toda a teoria da linguagem, e que trouxe inúmeras contribuições para a concepção moderna dessa ciência humana, é a distinção entre *língua* e *fala*, como reconhece Hjelmslev (1991, p.82):

A importância está ao mesmo tempo na simplicidade, na coesão e na evidência da doutrina que tacitamente ele [Saussure] impõe às opiniões de conveniência. Essa doutrina, reduzida à sua essência absoluta, é a distinção operada entre *língua* e *fala*. O conjunto da teoria deduz-se logicamente dessa tese primordial. É essa tese que virá fatalmente colocar-se contra a atitude habitual. F. de Saussure faz a descoberta da língua; de um só golpe toma-se consciência do fato de que a linguística da época não havia considerado senão a fala, havendo até então negligenciado “seu verdadeiro e único objeto.”

Ao definir os limites da Linguística, Saussure (2003, p. 10) advertiu que uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria se não determinar a natureza de seu objeto

de estudo. Apesar de reconhecer que a língua é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da fala (2003, p. 27), o linguista afirma categoricamente que o único e verdadeiro objeto da Linguística é a *língua* considerada em si mesma e por si mesma (2003, p.271).

Entretanto, diferentemente de outras ciências em que os objetos são dados previamente e podem ser considerados de diversos pontos de vista, nessa ciência “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto [...]” (SAUSSURE, 2003, p. 15).

É com essa observação que Saussure rompe com as ideias sobre linguagem desenvolvidas até então². Ao reconhecer que o tempo impõe diferentes perspectivas sobre os fatos de linguagem, o linguista ressaltou a necessidade de se distinguirem dois tipos possíveis de abordagem: uma em que se levem em conta os aspectos evolutivos desses fatos, observados em relação à sucessão temporal; e outra, em que se considerem os fatos simultaneamente relacionados.

A distinção³ entre *diacronia* e *sincronia* permitiu trazer à ciência a noção de *valor*⁴: Saussure chegou à constatação de que é somente considerando os fatos de linguagem a partir da abstração da ideia de sucessão temporal, que se percebe um todo formado por *relações* estruturais, um *complexo sistema de valores*, a que ele denominou *língua*. Do ponto de vista diacrônico, relações desse tipo não ocorrem⁵. É por isso que do ponto de vista diacrônico não

² Como destaca o próprio Hjelmslev (1991, p.81-2), “Na época em que Ferdinand de Saussure professava seus cursos de linguística geral, a linguística estava completamente acantonada no estudo da mudança linguística, concebida sob um ângulo fisiológico e psicológico [...]. Os termos nos quais se colocava todo o problema da linguística pré-saussuriana eram o do ato individual. O último e capital problema era o da causa da mudança linguística, procurada nas variações e deslizes da pronúncia, nas associações espontâneas, nas ações da analogia. Em última análise, na linguística pré-saussuriana tudo se reduz à ação do indivíduo; a linguagem se reduz à soma das ações individuais.”

³ “É ao linguista que tal distinção se impõe mais imperiosamente, pois *a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos.*” (SAUSSURE, 2003, p.95. *Grifos nossos.*)

⁴ Vale destacar que o capítulo destinado à conceituação de *valor* pertence à segunda parte do *Curso*, denominada “Linguística sincrônica” (SAUSSURE, 2003, p. 117-162).

⁵ Segundo Saussure (2003, p.101), “Na perspectiva diacrônica, ocupamo-nos com fenômenos que não têm relação alguma com os sistemas, apesar de os condicionarem”.

há que se falar em *língua*⁶. Fundamenta-se aí o princípio da abordagem estruturalista que consiste em uma

descrição científica da linguagem em termos de relações entre unidades, quaisquer que sejam as propriedades que essas unidades apresentem, porquanto elas não são relevantes para as relações nem dedutíveis dessas relações. (HJELMSLEV, 1991, p.37).

Bem como destacou Saussure (2003, p. 124) em seu *Curso*: “Quando a ciência não apresenta unidades concretas imediatamente reconhecíveis, é porque não são essenciais”. Não são, pois, as unidades que importam ao sistema, mas as *relações* que se estabelecem entre elas. São as relações que instituem os *valores*, e estes, por sua vez, não se confundem com os elementos que lhes servem de suporte.

A condição para que haja um sistema é, pois, a de que essas relações se dêem entre unidades coexistentes, isto é, tal como são percebidas pela consciência coletiva dos falantes. Portanto, é somente o *ponto de vista sincrônico*, o das relações simultâneas, que permite apreender o objeto de estudo da Linguística: a *língua*⁷,

⁶ Vale lembrar as próprias palavras de Saussure (2003, p.106): “o aspecto sincrônico prevalece sobre o outro, pois, para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade [...]. Também a constitui para o linguista: se este se coloca na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam.”

⁷ Não obstante Saussure (2003, p.102) ter afirmado que a língua é um sistema do qual todas as partes devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica, algumas interpretações equivocadas querem ver na constituição própria da *língua* um aspecto diacrônico. Talvez uma das razões para isso seja o fato de que, na conclusão do capítulo III da Primeira Parte, intitulado “Linguística Estática e Linguística evolutiva” (2003, p.94ss), o autor apresente um esquema que subdivide a *linguagem* em *língua* e *fala* e a língua, em *sincronia* e *diacronia* (Cf. SAUSSURE, 2003, p.115). Mas é preciso atentar para o fato de que o próprio autor diz o esquema referir-se à “forma racional que deve assumir o estudo linguístico”. Portanto, essa “divisão” apresentada não é propriamente da língua, mas dos estudos linguísticos, separados pelo autor em *Linguística Sincrônica* e *Linguística Diacrônica*, para desfazer as confusões que reinavam nas pesquisas em sua época. Ao longo do referido capítulo o autor enfatiza a importância do dado diacrônico sempre em função do sincrônico, uma vez que é o dado evolutivo que “justifica” a constituição do sistema. Contudo, Saussure não deixa fazer certas ponderações: “Costuma-se dizer que não há nada mais importante que conhecer a gênese de um determinado estado; isto é verdade em certo sentido: as condições que formaram esse estado nos esclarecem acerca de sua verdadeira natureza e nos livram de certas ilusões [...]; mas isso prova justamente que a diacronia não tem seu fim em si mesma. Pode-se dizer dela o que se diz do jornalismo: que leva a todas as partes, com a condição de que o abandonemos a tempo.” (2003, p. 106)

um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum *conjunto de indivíduos*, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2003, p. 21. *Grifos nossos*).

Por isso ela é *uma forma*, um sistema de valores puros decorrentes de relações coexistentes; é um fenômeno psíquico, e *não uma substância*, isto é, algo dotado de uma materialidade positiva.

Dos planos da linguagem

Sobre esse postulado da Linguística Estrutural de Saussure, Hjelmslev instituiu sua teoria da linguagem, a *Glossemática*, cujo objetivo era “tornar possível uma descrição simples e exaustiva do sistema que está por trás do processo textual” (1975, p. 48). Reconhecendo que a linguagem comporta dois planos homólogos – o *Plano da Expressão* e o *Plano do Conteúdo* – cada qual constituído por uma *forma* e uma *substância*, desenvolve a distinção entre essas dicotomias (forma/substância e expressão/conteúdo), tão fundamental para a compreensão da Linguística moderna e sobre a qual se erigiu a Semiótica francesa.

A partir da concepção saussuriana de signo como um “todo formado por expressão e conteúdo” (HJELMSLEV, 1975, p. 53) – abandonando definitivamente a definição tradicional, “a expressão de um conteúdo”⁸ – Hjelmslev impõe como crucial para a identificação e a análise de uma semiótica o reconhecimento de dois planos bipartidos. Segundo o linguista, expressão e conteúdo pressupõem-se mutuamente:

⁸ Embora pareça bastante sutil, a diferença entre as duas definições é fundamental e de extrema relevância para o entendimento da teoria. Na definição tradicional, expressão equivale simplesmente à manifestação e implica uma oposição entre “forma” e “conteúdo”, o que não condiz com os postulados hjelmslevinos. Como será visto mais adiante, trocar uma definição pela outra pode representar um retrocesso para o desenvolvimento da ciência.

[...] expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir [...] um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo. (1975, p. 54).

Essa dependência, ou função⁹, contraída pelas duas grandezas é definida como *função semiótica*.

Fortemente ancorado nas ideias de Saussure, o linguista dinamarquês chama a atenção para o fato de que, se se deixasse de considerar a função semiótica na análise de um texto (processo)¹⁰, não seria possível delimitar signos, o que não permitiria estabelecer critérios objetivos como base para a análise (HJELMSLEV, 1975, p. 54-5).

Eis aí um ponto fundamental. Quando se fala em relação, a primeira noção que vem à mente é a de estrutura, tal como ditam os ensinamentos de Saussure. Assim, pensar na função semiótica como a relação que institui o signo permite compreendê-lo como algo estritamente formal. Aliás, como bem explica Hjelmslev (1975, p. 57), “São apenas as funções da língua, a função semiótica e aquelas que dela decorrem, que determinam sua forma”. A própria definição de *signo* – unidade constituída pela *forma do conteúdo* (significado) e pela *forma da expressão* (significante) e estabelecida pela solidariedade denominada *função semiótica* – confunde-se com a da língua mesma:

uma das definições possíveis (e mesmo, ao nosso ver, a definição mais fundamental) de uma *língua*, na acepção saussuriana do termo, é a que consiste em defini-la como uma forma específica organizada entre duas substâncias, a do conteúdo e a da expressão – portanto, como uma forma específica de conteúdo e de expressão. (HJELMSLEV, 1991, p. 48).

⁹ Na Glossemática, função é uma “dependência que preenche as condições de uma análise” (HJELMSLEV, 1975, p. 137).

¹⁰ O *processo semiótico* para Hjelmslev é a *sintagmática*. Não se deve confundir-lo com a *fala* de Saussure. A sintagmática é uma hierarquia relacional e, por isso, diz respeito à forma.

A noção de *forma* equivale, pois, à concepção de estrutura, isto é, a forma é decorrente das relações de oposição que delimitam o sistema e que instituem os valores. Já a *substância*, segundo Hjelmslev, é a parcela material da linguagem, que decorre da ordenação, articulação e formalização do *sentido*. A ela não se pode atribuir uma existência independente da forma: *não existe substância sem forma*, do mesmo modo que *não existe expressão sem conteúdo*, *nem conteúdo sem expressão*. Segundo Hjelmslev (1975, p. 61),

as duas grandezas que contraem a função semiótica, a expressão e o conteúdo, comportam-se de modo homogêneo em relação a ela: é em virtude da função semiótica, e apenas em virtude dela, que existem esses seus dois funtivos que se pode agora designar com precisão como sendo a forma do conteúdo e a forma da expressão. Do mesmo modo, é em razão da forma do conteúdo e da forma da expressão, e apenas em razão delas, que existem a substância do conteúdo e a substância da expressão, que surgem quando se projeta a forma sobre o sentido, tal como um fio esticado projeta sua sombra sobre uma superfície contínua.

Note-se, ainda, que a relação que une *forma* e *substância* é arbitrária, do mesmo modo que o é a relação entre *expressão* e *conteúdo*. Isso significa que “a arbitrariedade do signo encontra-se [...] desdobrada numa arbitrariedade entre forma e substância em cada um dos dois planos” (HJELMSLEV, 1991, p. 122). Desse princípio, decorre que uma mesma forma pode ser manifestada por diversas substâncias.

Assim, no que diz respeito à linguagem verbal, Saussure (2003, p. 23), ao delimitar o ponto de vista sob o qual se estabelece o objeto da Linguística, deixa claro que “Não só pode a ciência da língua prescindir de outros elementos da linguagem como só se torna possível quando tais elementos não estão misturados”. É por seu caráter formal que a língua pode ser tomada como objeto autônomo de investigação.

Toda substância pressupõe uma forma. É da descrição desta que a Linguística se ocupa. O estudo de toda e qualquer *língua natural* deve guiar-se por esses princípios.

Princípios que, segundo a proposta da teoria da linguagem inaugurada por Hjelmslev, deveriam ser estendidos à descrição e análise de toda e qualquer linguagem.

Forma e substância: a delimitação do sentido

É assumindo a condição de sistema de signos¹¹ que as práticas sociais podem organizar-se para expressar e transmitir a cultura das comunidades humanas. Dentre todos os sistemas semióticos, as línguas naturais constituem a única realidade imediata para o pensamento e, como tal, são capazes de traduzir qualquer sistema com uma adequação e eficácia que nenhum outro possui (LOPES, 1976, p. 18). Segundo Hjelmslev (1975, p. 115), “a razão disso é a possibilidade ilimitada de formação de signos e as regras bastante livres que regem a formação de unidades de grande extensão (como as frases, por exemplo) em todas as línguas [...]”.

Sabe-se, entretanto, que, apesar de toda a inteligibilidade passar necessariamente pela língua natural¹², nenhuma língua pode expressar com absoluta precisão outra cultura que não seja a de seu próprio grupo social, uma vez que

as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade; elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra. (LOPES, 1976, p. 22)

¹¹ Vale lembrar aqui o Capítulo 12 dos *Prolegômenos*, “Signos e Figuras”, em que Hjelmslev (1975, p. 52) afirma ser um traço essencial e fundamental da estrutura da linguagem ela constituir-se de um número limitado de figuras (não-signos), que podem formar um número ilimitado de signos: “As línguas não poderiam ser descritas como simples sistemas de signos. A finalidade que lhes atribuímos por suposição faz delas, antes de mais nada, sistemas de signos; mas, conforme sua estrutura interna, elas são sobretudo algo de diferente: sistemas de figuras que podem servir para formar signos”.

¹² Como afirma Hjelmslev (1975, p.115), “uma língua é uma semiótica na qual todas as outras semióticas podem ser traduzidas, tanto todas as outras línguas como todas as outras estruturas semióticas concebíveis. Esta tradutibilidade resulta do fato de que as línguas, e elas apenas, são capazes e formar não importa qual sentido”; é apenas em uma língua que se pode “ocupar-se com o inexprimível até que ele seja exprimido”.

A concepção hjelmslevina de sentido e a oposição entre forma e substância, desdobrada nos dois planos da linguagem, esclarecem bem essa questão.

Hjelmslev (1975, p. 79), ao considerar as semelhanças e as diferenças entre as línguas, afirma:

Nas línguas, semelhanças e diferenças pertencem àquilo que, com Saussure, denominamos forma, e não à substância que é formada. *A priori*, talvez se poderia supor que o sentido que se organiza¹³ pertence àquilo que é comum a todas as línguas e, portanto, às suas semelhanças; mas isto é ilusão, pois ele assume sua forma de maneira específica em cada língua; não existe formação universal, mas apenas um princípio universal de formação.

De acordo com o linguista, é um equívoco pensar que o sentido organizado, isto é, formalizado – a substância –, poderia ser comum às diferentes línguas. É somente a partir de uma abstração daquele princípio de formação (que comporta a função semiótica), que seria possível chegar ao *fator comum a todas as línguas*, a que Hjelmslev denomina *sentido*. O sentido é entendido como um contínuo amorfo, uma grandeza não analisada. Grandeza essa que só se define pela função que a une ao princípio de estrutura das diferentes línguas, pois

o sentido é [...] inacessível ao conhecimento, uma vez que a condição de todo conhecimento é uma análise, seja qual for a sua natureza. Portanto, o sentido só pode ser reconhecido através de uma formação, sem a qual ele não tem existência científica.

É por essa razão que é impossível tomar o sentido, seja o da expressão ou o do conteúdo, como base da descrição linguística. (HJELMSLEV, 1975, p. 79-80).

Assim, é a língua enquanto forma que delimita o sentido de maneira específica. Dessa formalização do sentido surge a substância. Desse modo, “O sentido se torna, a cada vez, substância de uma nova forma e não tem outra existência possível além da de ser substância de uma forma qualquer” (HJELMSLEV, 1975, p. 74). Isso significa que, se a substância

¹³ Por “sentido que se organiza” entende-se “substância”.

pressupõe a forma, também ela não pode ser idêntica nas diferentes linguagens: de cada formalização do sentido, surge uma substância específica.

As diferenças entre as línguas não provêm das realizações diferentes de um tipo de substância, mas das realizações diferentes de um princípio de formação ou, em outros termos, de diferentes formas em relação a um sentido idêntico porém amorfo. (HJELMSLEV, 1975, p. 80).

A diferença entre as línguas resulta, pois, da *forma* que o *sentido* assume de maneira específica em cada uma delas. É a forma que permite delimitar os aspectos das experiências vividas por uma dada coletividade. Esse é o fator que determina que a correspondência entre línguas diferentes nunca se dê em perfeita conformidade (LOPES, 1976, p. 24).

Esse é, pois, um preceito da teoria da linguagem. Desse modo, ele deve ser válido para a análise de todo e qualquer objeto semiótico. Seja qual for a linguagem-objeto, deve-se reconhecer nela uma estrutura subjacente que, como tal, se constitui numa forma. Assim também essa forma determina a ordenação do sentido de um modo particular, correspondente a essa estrutura. Ou seja, a substância resultante dessa formalização também será específica, uma vez que depende exclusivamente da forma.

Assim, a teoria da linguagem – a partir do reconhecimento dos dois planos homólogos indissociáveis, constituídos cada um por uma forma e uma substância – leva a pensar na impossibilidade de haver correspondência estrita entre substâncias que manifestam formas diferentes. Portanto, a significação produzida por uma dada semiótica não se confundiria com aquela de um objeto pertencente à outra semiótica. Cada linguagem, cada semiótica, teria, portanto, um modo particular de formalizar o sentido¹⁴.

¹⁴ Desse modo, aquela aparente correspondência a que se chega comparando-se significações produzidas por diferentes semióticas (por exemplo, um filme, um quadro, um poema, um romance) seriam, na verdade, equivalências que resultam da mediação realizada pela língua natural, necessária à compreensão dos diferentes objetos.

Se o princípio da forma é válido para estabelecer a diferença entre as línguas naturais, também deverá ser considerado pertinente para a diferenciação das linguagens como produtoras de objetos de significação únicos em sua maneira de expressar uma Cultura.

A compreensão da significação desses objetos culturais depende do entendimento de algumas lições de Saussure e Hjelmslev sobre o lugar da significação nos fatos de linguagem, e sua relação com a Cultura.

O lugar da Significação nos fatos de linguagem

É no IV Capítulo da Segunda Parte de seu *Curso de Linguística Geral*, que Saussure (2003, p. 130ss) define a **significação** como um dos aspectos do **valor linguístico**, expondo claramente a diferença entre esses dois importantes conceitos:

[os valores] são sempre constituídos:

1º. Por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar;

2º. Por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa.

[...] Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode *ser* “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente. (2003, p. 134).

A *significação*, segundo Saussure, decorre da associação do *significante* com o *significado*. No entanto, afirmar que um signo significa alguma coisa, isto é, ater-se àquela associação, é realizar “uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma ideia da

realidade; mas em nenhum caso exprime o fato linguístico na sua essência e na sua amplitude” (SAUSSURE, 2003, p. 136). Isso porque o conceito, o *significado*, não é senão um *valor* determinado por suas relações com outros valores semelhantes e sem os quais não poderia haver significação. Não existe, portanto, significação sem valor, uma vez que não se pode pensar na existência do signo fora do sistema.

Retomando a discussão sobre os dois importantes conceitos de *significação* e *valor*, Hjelmslev afirma que “a significação constitui o domínio próprio da substância do conteúdo” (1991, p. 122). Uma reflexão mais atenta sobre esta afirmação permite constatar que ela está em perfeita conformidade com as ideias de Saussure. Reconhecendo a língua como uma forma organizada entre duas substâncias, Hjelmslev (1975, p.61-2) estende ao signo essa mesma relação:

Parece justo que um signo seja signo de alguma coisa e que essa alguma coisa seja de algum modo exterior ao próprio signo; é assim que a palavra *bois* (madeira, lenha, bosque) é signo de um tal objeto determinado na paisagem e, no sentido tradicional, esse objeto não faz parte do signo. Ora, esse objeto da paisagem é uma grandeza relevante da substância do conteúdo, grandeza que, por sua denominação, liga-se a uma forma do conteúdo sob a qual ela se alinha com outras grandezas da substância do conteúdo, por exemplo a matéria de que é feita uma porta. O fato de que o signo é signo de alguma coisa significa, portanto, que a forma do conteúdo de um signo pode compreender essa alguma coisa como substância do conteúdo. [...] Dever-se-ia dizer [...] que um signo é o signo de uma substância da expressão: a sequência de sons [bwa], enquanto fato pronunciado *hic et nunc*, é uma grandeza que pertence à substância da expressão que, em virtude apenas do signo, se liga a uma forma da expressão sob a qual é possível reunir outras grandezas da substância da expressão (outras pronúncias possíveis, por outros elocutores ou em outras ocasiões, do mesmo signo). [...] o signo é, portanto, ao mesmo tempo, signo de uma substância de conteúdo e de uma substância da expressão. É nesse sentido que se pode dizer que o signo é signo de alguma coisa.

Essa afirmação reforça a distinção entre *forma* e *substância* e adverte contra qualquer tentativa de tomar o referente extralinguístico como base para tratamento da significação. O

objeto da paisagem¹⁵ é uma *grandeza da substância do conteúdo* – poder-se-ia dizer *o sentido* – e não a própria substância. É somente pelo fato de a grandeza adquirir uma forma¹⁶ (ser delimitada) que se torna possível associá-la com outras grandezas. Em outras palavras, é a língua, enquanto *forma*, que permite ao homem categorizar o mundo, estabelecer relações e transmitir experiências. Não se pode perder de vista que a substância pressupõe a forma: “assim como uma moeda existe em virtude de um valor e não inversamente, assim o som e a significação existem em virtude da forma pura, e não inversamente” (HJELMSLEV, 1991, p. 90).

De acordo com Hjelmslev, dizer que um signo é signo de alguma coisa só tem sentido se se entender essa alguma coisa como a substância (do conteúdo ou da expressão). Ora, colocando essa afirmação em paralelo com aquela de Saussure, poder-se-ia inferir que trocar um signo por algo dessemelhante, ou seja, por aquilo que não é o próprio signo, é entrar no domínio da substância do conteúdo.

A substância surge quando se projeta a forma sobre o sentido amorfo. Cada língua delimita o sentido tomando-lhe aspectos diferentes. Assim, os aspectos apreendidos do sentido tornam-se a substância de uma forma qualquer. A substância é, pois, constituída pela concepção que o sujeito falante tem do mundo. Vista assim como “o conjunto dos hábitos de uma sociedade” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.485, *s.v. Substância*; HJELMSLEV, 1991, p.84), a substância pode ser considerada como pertencente ao domínio da Cultura.

Definir a significação de um signo é descrever a substância do conteúdo que o manifesta. Esse é o ponto em que Língua e Cultura se encontram. Para descrever a substância do conteúdo é preciso lançar mão tanto dos dados da cultura material quanto dos vários discursos pertencentes às mais diversas áreas do conhecimento.

¹⁵ Note-se que Hjelmslev diz “o objeto *da paisagem*” e não o “objeto” *em si*. Embora ele não desenvolva isso especificamente, fica claro que o “sentido” – como o próprio termo leva a pensar – não são as coisas do mundo, mas aquilo que pode ser percebido a partir das sensações físicas.

¹⁶ Isto é, no momento em que o sentido se torna a substância de uma forma qualquer.

Segundo Hjelmslev (1991, p. 124), são pelo menos três os níveis de descrição que a substância do conteúdo comporta: o nível *físico*, o nível de *percepção* e o nível de *avaliação* ou *apreciação coletiva*. Para descrevê-la exaustivamente é necessário considerar todos os níveis e suas relações mútuas, pois:

Não é pela descrição física das coisas significadas que se conseguiria caracterizar o uso semântico adotado em uma comunidade linguística pertencente à língua que se deseja descrever, mas, pelo contrário, pelas avaliações adotadas por essa comunidade – apreciações coletivas e opinião pública. A descrição semântica deve, pois, consistir antes de tudo numa aproximação da língua às demais instituições sociais e constituir o ponto de contato entre a linguística e os demais ramos da antropologia social. É assim que uma só “coisa” física pode receber descrições semânticas bem diversas segundo a civilização considerada. (HJELMSLEV, 1991, p. 124-5)

Embora se esteja enfatizando, na esteira de Hjelmslev, que a significação seja do domínio da substância do conteúdo, nunca será demais ressaltar que não haverá como falar em “substância do conteúdo” sem considerar a forma do conteúdo:

Essa [...] noção – a substância do conteúdo – exige maior precisão. Entenderemos [...] que a substância só pode ser proximizada e captada com a ajuda de uma lexicalização, a qual se situa necessariamente dentro do universo significante. A substância do conteúdo não deve, pois, ser considerada como a realidade extralinguística, psíquica ou física, mas como a manifestação linguística do conteúdo, situada num nível diferente do da forma. (GREIMAS, 1973, p. 37).

E tudo o que se pode dizer do plano do conteúdo é sempre a partir da relação deste com o plano da expressão, com o qual se estabelece a solidariedade denominada *função semiótica* e sem a qual não haveria como falar em signo e menos ainda em universo de significação. A esse respeito Hjelmslev (1975, p. 77) esclarece:

Quer nos interessemos mais especialmente pela expressão ou pelo conteúdo, nada compreenderemos da estrutura da língua se não levarmos em conta, antes de mais nada, a interação entre os dois planos. O estudo da expressão e

do conteúdo são, ambos, estudos da relação entre expressão e conteúdo; estas duas disciplinas se pressupõem mutuamente, são interdependentes, e separá-las seria um grave erro.

Apesar da tendência de se reduzir o tratamento da significação a uma abordagem lexical, é preciso ressaltar aqui que a extensão máxima do signo vai muito além da das palavras: “[o signo] Corresponde [...] a grandezas verbais de diferente extensão e complexidade, indo do simples lexema ou mesmo de uma flexão até à frase ou enunciado e ao próprio discurso, ainda o mais longo” (LIMA, 1995, p. 31).

Considerando que uma frase, um poema, um romance, etc. são signos, e como tais, estabelecidos pela função semiótica, também eles são signos de uma substância do conteúdo (e obviamente, da expressão). É sob essa perspectiva que devem ser tomados como objetos de análise.

No entanto, será preciso atentar para o fato de que signos-palavras e signos-textos não são elementos da mesma ordem. Sem esquecer-se do fato de que a *significação* depende de uma estrutura formal, o reconhecimento de um poema, por exemplo, como signo, isto é, como objeto de significação, está determinado por fatores que transcendem o nível linguístico de análise.

Assim, a descrição da substância, com vistas à definição da significação de um signo, dependerá da perspectiva de análise do objeto. Essa perspectiva mostrará que a significação se dá em níveis, o que torna possível a ampliação dos conceitos saussurianos de *língua e fala*.

Essa ampliação pode ser feita a partir da discussão dos conceitos de *semióticas biplanas* e *semióticas pluriplanas*, apresentadas por Hjelmslev, no capítulo XXII dos seus *Prolegômenos*.

Semióticas Denotativas e Semióticas Conotativas

Os conceitos de *denotação* e *conotação* são muito difundidos entre aqueles que se ocupam dos estudos de linguagem verbal. De acordo com o tratamento usual que se dá a esses conceitos, denotação “designa o sentido literal das palavras” (HOUAISS, 2009, s.v. *Denotação*). Já o conceito de conotação refere-se aos significados paralelos de um termo, em geral atribuídos a ele por associações afetivas, estilísticas, positivas ou negativas. Daí, por exemplo, dizer-se que

Duas palavras podem ter a mesma denotação e conotação completamente diversa [...]. [...] as palavras *docente*, *professor* e *instrutor* [...] denotam praticamente a mesma coisa: alguém que instrui alguém; as três palavras são, entretanto, carregadas de conteúdos conotativos diversos, sobretudo no que diz respeito ao prestígio e ao grau de respeitabilidade que cada um desperta. (SAVIOLI e FIORIN, 2003, p.114)

Nota-se, entretanto, que, definidos dessa maneira, esses conceitos aplicam-se, antes, à caracterização estilística dos usos da linguagem. Muito embora, como será visto a seguir, essas definições usuais, em especial a de conotação, possam ser relacionadas, em alguma medida, com a conceituação feita por Hjelmslev, entende-se que a distinção entre esses conceitos se deve mais propriamente à constituição dos sistemas de significação, objetivo da sua introdução na teoria da linguagem. De fato, o reconhecimento de um sistema de significação de segundo grau, a que o linguista dinamarquês denominou conotação, permitiu abandonar as “concepções muito difundidas mas ingênuas de que conotação era o emprego afetivo de um vocábulo” (PINTO, 2008, p.11).

Para a teoria da linguagem instituída por Hjelmslev, uma língua natural é apenas uma dentre as diversas semióticas existentes nas culturas humanas. Entretanto, ao longo de todo o desenvolvimento da *Glossemática*, é a língua natural que recebe a preferência do linguista. É

apenas no último capítulo, antes da “Perspectiva final”, que o autor irá mostrar a real dimensão do alcance teórico de suas ideias.

A constatação da existência de semióticas pluriplanas permitiu à teoria da linguagem ir além da imanência, ou seja, daquilo que lhe havia sido imposto como objeto inicial de investigação, e reintegrar a estruturas semióticas de ordem superior o que, em um primeiro momento, foi tomado como não-semiótico. É dessa maneira que

A teoria linguística [...] é levada a reconhecer não apenas o sistema linguístico em seu esquema e seu uso, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem e, através dela, atingir o domínio do saber humano em sua totalidade. (HJELMSLEV, 1975, p. 133).

No referido capítulo dos *Prolegômenos*, Hjelmslev confere às línguas naturais o estatuto de *semióticas denotativas* definidas *negativamente* como “semióticas das quais nenhum dos planos é uma semiótica”, isto é, semióticas biplanas, sistemas simples em que a um plano de expressão corresponde apenas um plano do conteúdo.

[...] por uma simplificação voluntária, apresentamos a língua “natural” como o único objeto da teoria da linguagem, [...] procedemos como se o único objeto da teoria fosse as *semióticas denotativas*. Entendemos, por esse termo, semióticas das quais nenhum dos planos é uma semiótica. (HJELMSLEV, 1975, p. 121)¹⁷

Mas, como tudo o que concerne a uma formulação teórica coerente, um conceito só se define por sua oposição aos demais que constituem a teoria. A classificação das línguas

¹⁷ Parece bastante clara a afirmação de Hjelmslev, pelo próprio paralelismo sintático da passagem, de que o que se está chamando *semióticas denotativas* sejam as línguas naturais. Entretanto, há leituras dos *Prolegômenos*, como a que se encontra no *Dicionário de Semiótica*, que afirmam exatamente o contrário: “uma língua natural não é uma semiótica denotativa” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 123, s.v. *Denotação*). Para esclarecer o mal entendido é preciso, em primeiro lugar, compreender que Hjelmslev, na esteira de Saussure, define a *língua* como uma *forma* (HJELMSLEV, 1991, p.48), a que ele denominou *esquema*, por oposição a *uso* (1991, p.81ss). A revisão, proposta pelo próprio linguista dinamarquês, da suposição inicial de que subjacente a um texto haveria um único sistema semiótico (o da língua) (HJELMSLEV, 1975, p.122) não deve levar a pensar que a língua não seja um sistema denotado, mas, ao contrário, que há subjacente a um mesmo texto, além do sistema linguístico, sistemas outros que não se confundem com a língua (HJELMSLEV, 1975, p.125), mas que, como sistemas homólogos a ela, também são produtores de significação. Caberia perguntar-se se não estaria o mal entendido relacionado à velha confusão entre os conceitos saussurianos de língua e linguagem.

naturais como *semióticas denotativas* surgiu justamente daquela necessidade de ampliação do alcance da teoria¹⁸.

[...] quando estabelecemos o procedimento de análise, admitimos tacitamente que o objeto proposto era um texto redigido numa dada semiótica e não numa mistura de duas ou mais semióticas.

[...] a fim de estabelecer uma situação-tipo simples trabalhamos supondo que o texto dado apresenta uma homogeneidade estrutural e que, legitimamente, só podemos nele introduzir, por catálise, um único sistema semiótico¹⁹. No entanto, esta suposição²⁰ não resiste a um exame; pelo contrário, todo texto [...] habitualmente contém derivados que repousam em sistemas diferentes. (HJELMSLEV, 1975, p.122)

Assim, o conceito de *semióticas denotativas* só tem valor quando confrontado com outros dois conceitos, igualmente importantes e sem os quais o de denotação não teria razão de ser. Trata-se dos conceitos de *semióticas conotativas* e *metassemióticas*.

Segundo o autor, caracteriza-se como *semiótica conotativa* uma semiótica da qual um dos planos, o da expressão, é uma semiótica: “Uma semiótica que não é uma língua e cujo plano da expressão é constituído pelos planos do conteúdo e da expressão de uma semiótica denotativa” (HJELMSLEV, 1975, p. 125). Já a *metassemiótica*²¹ é uma semiótica que trata de uma semiótica, ou seja, uma semiótica cujo plano do conteúdo é uma semiótica.

Mas se o próprio Hjelmslev, ao longo de sua obra, afirmou categoricamente a indissociabilidade dos planos de conteúdo e de expressão (1975, p.54), de que maneira conceitos que não têm existência independente um do outro poderiam servir de base para diferentes definições? A esse propósito o próprio autor pondera:

¹⁸ Uma vez que essa ampliação permitiu reconhecer a existência de outros sistemas de significação além do da língua natural.

¹⁹ O sistema denotado.

²⁰ Suposição de que um texto possa ter somente a língua natural como estrutura subjacente, produtora de significação.

²¹ Metalinguagem na terminologia de Barthes (2003, p.96)

[...] os conceitos de expressão e conteúdo não podem dar lugar a definições formais, pois são designações atribuídas arbitrariamente a grandezas que só existem por oposição uma a outra e que só podem ser definidas negativamente. (1975, p. 126).

Isso significa que aquelas são apenas definições iniciais sem qualquer valor operatório – traço fundamental de todo conceito científico. Para conferir-lhes o caráter de cientificidade, Hjelmslev introduz o conceito de *operação*²² que permite o desdobramento das semióticas pluriplanas em dois tipos: as *semióticas científicas* e as *semióticas não-científicas*. Desse modo, uma *semiótica científica* é uma semiótica que é uma operação e uma *semiótica não científica*, uma semiótica que não é²³. A partir dessa diferenciação, o linguista redefine os conceitos de semióticas conotativas e metassemióticas:

[...] definiremos uma *semiótica conotativa* como sendo uma semiótica não-científica da qual um ou vários planos é (são) uma semiótica(s); e uma *metassemiótica* como uma semiótica científica da qual um ou vários planos é (são) uma semiótica(s). De fato, vimos que nos casos mais frequentes um *único* dos planos é uma semiótica. (1975, p. 126).

O autor ainda acrescenta mais uma subdivisão tipológica²⁴, que não será pertinente para as reflexões que aqui se propõem. Assim, a partir da introdução desses conceitos, a abordagem do texto como objeto cultural, deverá levar em conta que nele está em jogo mais de um sistema de significação.

²² Definida como uma “descrição de acordo com o princípio de empirismo” (1975, p. 137). Esse princípio é considerado pelo autor como o critério da cientificidade de uma teoria. O princípio exige que a teoria “satisfaça às três condições – hierarquicamente ordenadas – da não-contradição (ou da coerência), da exaustividade e da simplicidade” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 163, s.v. *Empirismo*).

²³ Note-se que, ainda de acordo com o verbete *Denotação* do *Dicionário de Semiótica*, “[...] Hjelmslev a abandona [a definição de semiótica biplana] definitivamente propondo uma nova distinção entre semióticas científicas e não-científicas” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.123). No entanto, a leitura do referido capítulo dos *Prolegômenos* deixa claro que tal distinção é pertinente apenas à definição de semióticas pluriplanas, o que não compreende as semióticas denotativas.

²⁴ Segundo Hjelmslev (1975, p.126), pode-se imaginar uma semiótica científica (metassemiótica) que trate de uma metassemiótica. Esta seria denominada *meta-(semiótica científica)* e definida como *uma metassemiótica cuja semiótica-objeto é uma semiótica científica*. Já uma *metassemiótica* (semiótica científica) *que tem como semiótica-objeto uma semiótica não-científica* é uma *semiologia*.

A análise dos sistemas conotados

todo texto [...] habitualmente contém derivados que repousam em sistemas diferentes.

Hjelmslev, 1975, p.122

Não há qualquer objeção ao fato de que, já no *Curso*, Saussure tenha fornecido as bases para o estudo da língua enquanto *forma*²⁵. Ao delimitar o ponto de vista sincrônico como imprescindível para a apreensão do objeto da Linguística, o autor introduz a ideia de língua como sistema de *valores puros*, isto é, opositivos e negativos, e afirma:

[...] a ideia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2003, p. 132).

Nunca será demais lembrar o fato de que o único teórico que Hjelmslev se digna a citar em seus *Prolegômenos* é o mestre genebrino²⁶, cuja teoria é desenvolvida pela Glossemática. Assim, nada melhor que as palavras do próprio Hjelmslev (1975, p. 62-3) para consolidar as ideias de Saussure:

[...] parece mais adequado utilizar a palavra *signo* para designar a unidade constituída pela forma do conteúdo e pela forma da expressão e estabelecida pela solidariedade denominada função semiótica. [...].

A distinção entre a expressão e o conteúdo, e sua interação na função semiótica, são fundamentais na estrutura da linguagem. Todo signo, todo sistema de signo, toda língua enfim, abriga em si uma forma da expressão e uma forma do conteúdo.

²⁵ a despeito de sua teoria do signo ser, por vezes, considerada substancialista, o que se pode facilmente rebater, retomando passagens do próprio autor: “o que importa na palavra não é o som em si, mas as *diferenças* fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação”; “é *impossível* que o som, elemento material, pertença por si à língua [...]. Todos os *valores convencionais* apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhe serve de suporte.” (*grifos nossos*, 2003, p.137)

²⁶ “Aderimos explicitamente ao passado em certos pontos a respeito dos quais sabemos que outros conseguiram resultados positivos antes de nós. Um único teórico merece ser citado como pioneiro indiscutível: o suíço Ferdinand de Saussure”. (HJELMSLEV, 1975, p. 5)

Se os conceitos da teoria devem prestar-se à análise de toda e qualquer linguagem, é preciso entender que toda significação pressupõe uma forma e sempre que se estiver diante de uma estrutura formal, seja ela de que natureza for, devem-se levar em conta noções como a de *sincronia e valor*.

Assim, será preciso lembrar, ainda com Saussure (2003, p. 120) que “a língua”, entenda-se, a *estrutura*, “não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição”, é somente a atenção e o hábito que permitem se percebam seus elementos particulares.

Do ponto de vista linguístico, um texto em linguagem verbal é um ato de fala, uma manifestação da língua natural, uma escolha individual e atualizada do sistema e, portanto, dotada de uma materialidade positiva.

Já do ponto de vista social e prático (não metassetmiótico ou científico), um texto é um objeto cultural. É possível reconhecer nele significações que vão além daquelas que a análise linguística permite compreender.

De acordo com Hjelmslev (1975, p.122), reconhece-se que textos ou partes de textos apresentam-se sob diversas *categorias – formas estilísticas* (verso, prosa); *estilos* (criador, imitativo, arcaizante, etc.); *estilos de valores* (elevado, baixo ou vulgar, neutro); *gêneros de estilos* (oral, escrito, gestual, etc.); *movimentos* (cólera, alegria); *idiomas* (tipos vernaculares como linguagem cotidiana ou profissional, línguas nacionais, variantes regionais, fisionomias). Essas categorias são solidárias e seus membros podem ser combinados, imprimindo aos textos características como, por exemplo, a de *estilo literário*, que é ao mesmo tempo um estilo criador e de valor elevado. A esses membros ou ao resultado de suas

combinações Hjelmslev chama *conotadores*²⁷. São eles que permitem identificar o que se denomina semióticas conotativas. Segundo o linguista:

Parece [...] legítimo considerar o conjunto dos conotadores como um conteúdo cujas semióticas denotativas são a expressão, e designar o todo formado por esse conteúdo e essa expressão pelo nome de *semiótica*, ou antes, de *semiótica conotativa*. (1975, p. 125)

É da relação entre a expressão, que é a própria língua enquanto semiótica denotativa, com o conteúdo, formado pelos conotadores, que surge a significação conotada. Assim, a partir do reconhecimento das semióticas conotativas, é possível entender o texto também como uma estrutura, mas uma estrutura de ordem diferente da estrutura linguística:

todas as grandezas que, em primeira instância e considerando apenas o esquema da semiótica-objeto, deviam provisoriamente ser deixados de lado como objetos não-semióticos, são reintegradas e compreendidas como componentes necessários das estruturas semióticas de ordem superior. (HJELMSLEV, 1975, p.132)

É desse modo que se pode entender que, enquanto produto cultural, os textos são, eles próprios, linguagens derivadas das línguas naturais e, como tais, construídas conforme uma estrutura homóloga à estrutura das línguas naturais (LIMA, 1992e, p. 95).

Enquanto à Linguística, como metassemiótica, cabe o estudo das línguas naturais – semióticas denotativas –, à Semiologia²⁸ caberia ocupar-se do estudo das linguagens humanas, como sistemas de significação produtores de objetos culturais – semióticas conotativas.

²⁷ Muito embora Hjelmslev cite os exemplos de conotadores sob a rubrica de estilo, a significação que se pode reconhecer a partir da relação entre conotadores não se restringe apenas àquilo que a Estilística permite analisar.

²⁸ Para a semiótica greimasiana a definição dada por Hjelmslev ao termo semiologia – metassemiótica cuja semiótica-objeto é uma semiótica conotativa – equivale à sua definição própria de Semiótica: “a metassemiótica não-científica corresponde à nossa definição de semiótica” (Cf. Greimas & Courtés 2008, p. 310, s.v. *Metassemiótica*, a despeito da pequena confusão terminológica em afirmar “metassemiótica não-científica”).

Torna-se imediatamente evidente que uma metassemiótica pode e deve ser acrescentada à semiótica conotativa a fim de aí realizar a análise de seus objetos últimos. Assim como a metassemiologia das semióticas denotativas tratará na prática os objetos da fonética e da semântica sob uma forma reinterpretada, a maior parte da linguística propriamente sociológica e a linguística externa de Saussure encontrarão na metassemiótica das semióticas conotativas o seu lugar sob uma forma, ela também, reinterpretada. Cabe a esta metassemiótica analisar os múltiplos sentidos do conteúdo – geográficos e históricos, políticos e sociais, religiosos, psicológicos – que se ligam à nação (como conteúdo da língua nacional), à região (como conteúdo da língua regional), às formas de apreciação dos estilos, à personalidade (como conteúdo da fisionomia, tarefa essencialmente caracterológica), aos movimentos etc. Pode-se prever que inúmeras ciências especiais e antes de mais nada, sem dúvida, a sociologia, a etnologia e a psicologia, deverão trazer aqui sua contribuição. (HJELMSLEV, 1975, p. 130).

É dessa maneira que se confere a desejável ampliação dos conceitos saussurianos de *língua e fala*, na medida em que se passa a reconhecer o uso linguístico como produtor de significações particulares. O estudo dos textos como semióticas conotativas permite entrar definitivamente no domínio da Cultura.

Como se viu, definir a significação de um signo é descrever a substância do conteúdo que o manifesta, qualquer que seja a natureza ou a extensão desse signo. A dificuldade proveniente desse trabalho advém do fato de que, do ponto de vista linguístico, essa substância é sempre de natureza social, ideológica, psicológica e, portanto, não-semiótica.

Para a Glossemática, “nenhum dado de substância serve de critério nem à identificação nem à discriminação das semióticas complexas” (LIMA, 1992e, p. 101). Entretanto, “se um discurso conotado é uma semiótica, será possível descrevê-lo como uma rede de dependências tal como se faz para a língua natural” (LIMA, 1992e, p. 99). Ou seja, se um discurso é uma semiótica, aquilo que do ponto de vista da língua era meramente acidental, instável, variante deve passar a ser tomado como constante. É somente assim que se lhe pode atribuir uma significação²⁹.

²⁹ Uma vez que se entende que a significação depende da forma, e que a forma é sistêmica, a concepção de discurso como “o lugar da instabilidade” (FIORIN, 2001, p.15ss) só seria válida do ponto de vista da análise

Para Hjelmslev (1975, p. 83),

Aquilo que, de um ponto de vista, é “substância” torna-se “forma” de um outro ponto de vista; isto está relacionado com o fato de que os fúntivos denotam apenas terminais ou pontos de intersecção das funções, e que apenas a malha funcional das dependências é acessível ao conhecimento e possui uma existência científica.

Desse modo, um texto, enquanto linguagem de conotação, é um todo formado por uma sobreposição de sistemas significantes. Isso quer dizer que, se sob uma mesma sequência realizada for possível reconhecer mais de um efeito de sentido, uma análise poderá revelar aí tantas linguagens quantas forem as estruturas de significação (LIMA, 1992e, p. 96).

A teoria da linguagem de Hjelmslev reconhece a existência de dois planos homólogos *indissociáveis*, constituídos cada um por uma forma e uma substância. O percurso gerativo de sentido, modelo de análise da significação tomado pela semiótica da Escola de Paris, a despeito de ter-se construído supostamente a partir de conceitos hjelmslevinos, privilegia a análise do plano do conteúdo em detrimento do plano da expressão³⁰. Talvez esteja no problema das semióticas conotativas o mal-entendido. O conteúdo a que tal método de descrição se aplica não seria senão o conteúdo das semióticas conotativas.

Hjelmslev prevê que a descrição de uma semiótica conotativa deva começar pela exploração de seu plano da expressão (a semiótica denotativa), através da prova da comutação. Já a Semiótica aventa a possibilidade de o esforço teórico dirigir-se em primeiro

linguística (denotativa). A partir do momento em que se apreendem significações engendradas pelas instâncias enunciativas, o discurso deve passar a ser tomado como objeto de análise semiótica, portanto, como semiótica conotativa.

³⁰ A crítica aqui se deve ao fato de que “Nesse percurso [o gerativo de sentido], distinguem-se a imanência, que diz respeito ao conteúdo, da manifestação, que é a união de um plano de conteúdo com um ou vários planos de expressão.” (FIORIN, 2001, p.36). Hjelmslev deixa claro que cada um dos planos da linguagem se desdobra em uma parcela formal e outra material. Esta última, a substância (do conteúdo e da expressão) é a responsável pela manifestação da forma (do conteúdo e da expressão). A relação entre forma da expressão e forma do conteúdo é que gera a significação. Assim, pensar na possibilidade de haver um plano do conteúdo separável do plano da expressão, e mais, em um plano do conteúdo que se manifestasse por meio de um plano da expressão, seria um retrocesso. A definição que tomava o signo como sendo a expressão de um conteúdo já foi há muito superada. (Cf. HJELMSLEV, 1975, p. 53)

lugar para a substância desse conteúdo, argumentando que “isso permitiria reconhecer inicialmente as principais dimensões típicas em que se exerce a atividade conotativa” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.92, *s.v. Conotação*). Entretanto, é um princípio fundamental da teoria da linguagem que “Não se pode introduzir antecipadamente a descrição da substância [...], mas a descrição da substância pressupõe ao contrário, a descrição da forma” (HJELMSLEV, 1975, p. 80).

A prova da comutação é o princípio que permite extrair da linguagem aquilo que é estritamente formal; é por meio da aplicação desse princípio que se pode atestar que a uma diferença no plano da expressão deve corresponder uma diferença no plano do conteúdo. Isso mostra que, em hipótese alguma, a análise deve deixar de considerar um dos planos, uma vez que é a relação entre expressão e conteúdo, mais precisamente entre a forma da expressão e a forma do conteúdo, que funda a *semiose* (ou a função semiótica), instauradora da significação.

É preciso, pois, reconhecer que em um texto há em jogo sempre mais de um sistema de significação, daí a necessidade de considerar níveis diferentes de análise. No nível linguístico, isto é, o da semiótica denotativa, reconhecem-se determinados tipos de significações que não permitem compreender o texto como objeto cultural em sua totalidade. Será preciso, então, reconhecer os demais sistemas de significação que formalizam outros sentidos, que transcendem aqueles recortados pela língua natural.

Essas preocupações devem estar presentes nas reflexões sobre ensino de latim, uma vez que as práticas envolvem questões de leitura de textos antigos. O trabalho com a teoria da linguagem permite que se tome o objeto de análise sempre por partes para que, ao fim e ao cabo, se possa entendê-lo por inteiro.

PARTE II

ENSINO DE LATIM
E A FORMAÇÃO DO LEITOR

O estudo do latim e a recepção escrita

Considerando a lição de Saussure segundo a qual uma *língua*, sendo um sistema de valores, só pode existir na coletividade, deve-se entender que o latim, como língua materna, isto é, como o idioma natural dos antigos habitantes de Roma, perdeu sua unidade linguística no momento em que a civilização romana deixou de ter representantes com suas necessidades de comunicar e expressar seus valores, seus anseios, sua Cultura.

Desse modo, qualquer *realização discursiva* em língua latina que não seja a de um falante natural não será latim, uma vez que não se pode ter o domínio de uma língua natural, somente estando de posse do conhecimento das regras gramaticais fornecidas artificialmente por manuais escolares. Apenas os indivíduos pertencentes àquela coletividade, e que por isso puderam compartilhar as mesmas experiências, eram dotados da capacidade ilimitada de criar e compreender enunciados.

Se “língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (BENVENISTE, 1975, p. 31), o fato de não haver mais falantes naturais de latim atualmente impõe, como único testemunho da fala viva desse povo, os registros escritos que chegaram até os dias atuais.

Mas a razão de não se poder mais falar o latim dos romanos não impede que se possa assimilar o sistema formal dessa língua. Se o uso é sempre a manifestação de um esquema, cada um dos textos legítimos do latim é um registro de escolhas particulares dentre as possibilidades daquele sistema linguístico. Daquela perspectiva que prevê que para a fala ser inteligível e produzir todos os seus efeitos é pressuposta a existência da língua (SAUSSURE, 2003, p.27), todo e qualquer texto latino, desde que escrito por um falante natural, é uma prova material – única remanescente –, da existência dessa língua que foi, para aquele povo antigo, sua língua materna.

É por essas razões que o estudo do latim deve estar voltado essencialmente para a recepção escrita¹. Mas afinal, o que é necessário para proporcionar a *leitura efetiva* de um texto antigo?

Sabe-se que, malgrado as dificuldades impostas pelas práticas tradicionais de ensino, que enfatizam a descrição da substância em detrimento daquilo que é sistêmico, o intuito de proporcionar o contato com o texto original é alcançado pelos métodos tradicionais.

Mas o fato é que, ao tomar como base a análise da substância e não da forma², o ensino acaba por distorcer a imagem da língua latina, fazendo com que ela seja vista não como uma língua materna, que serviu à expressão e comunicação de uma cultura particular, e sim como um complexo conjunto de regras de um código de eruditos.

É nesse sentido que se propõe uma revisão das práticas tradicionais de ensino. Qual é o real proveito que pode ser tirado da leitura de um texto latino, mesmo que original, depois de se passar por todos os obstáculos impostos por um ensino feito nesses moldes tradicionais? A visão do latim como um código, a ser memorizado a todo custo, não pode levar senão à ideia de que a leitura de seus textos não passará de uma mera decodificação da palavra escrita. E essa prática deixa de ser entendida como a de aquisição de conhecimento, uma vez que

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1987, p.18).

Assim, sem negar o papel cumprido pela tradição de ensino do latim, qual seja, o de propiciar o contato com o texto original, vale a ressalva de que para ler, de fato, um texto numa língua, qualquer língua, não basta conhecer as suas regras gramaticais, visto que a

¹ Diferentemente do estudo das línguas modernas em que se trabalham as duas modalidades, oral e escrita, em suas formas receptivas e produtivas; ou seja, aprende-se a falar, a ouvir, a ler e a escrever no idioma.

² Levando, por exemplo, a pensar que as tais “declinações” e “conjugações” sejam próprias da natureza da língua.

“compreensão crítica do ato de ler não se esgota na mera decodificação da escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1987, p.11).

A compreensão do texto em uma dimensão mais aprofundada depende de outros fatores, que devem necessariamente fazer parte das preocupações do ensino, sobretudo o de uma língua antiga como o latim.

A leitura é um ato de linguagem, assim como a relação do homem com o mundo também o é. As relações humanas que se estabelecem no seio de uma sociedade são sempre regidas pelo mecanismo da produção dos sentidos e, por esse motivo, mediatizadas pela linguagem. (CORTINA, 2004, p.153)

A leitura é um processo cognitivo. Quando se lê um texto, apreendem-se determinadas significações; é nesse sentido que se diz que a leitura

é inicialmente – e essencialmente – uma *semiose*, uma atividade primordial cujo resultado é correlacionar um conteúdo a uma expressão dada e transformar uma cadeia de expressão em uma sintagmática de signos. (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 281, s.v. *Leitura*).

Mas essa significação, como a teoria da linguagem permite conceber, se dá em vários níveis, pois

Às coerções inscritas no texto, acrescentam-se as do meio sociocultural circundante: a competência textual do leitor encontra-se inscrita e condicionada pela episteme que recobre um estado sêmio-cultural dado. (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 282, s.v. *Leitura*).

Assim, para que se possa proceder à leitura efetiva de textos latinos, será preciso tomá-los sob a perspectiva de que o latim foi uma língua materna e que, portanto, serviu de expressão para uma Cultura.

Níveis de abordagem do texto: balizas para o ensino

Em um artigo intitulado “Letras Clássicas no 2º grau: competências textual e intertextual”, Fiorin (1991) apresenta, a partir de uma discussão sobre a legitimidade dos estudos de latim e grego, uma proposta de abordagem dessas línguas clássicas no ensino médio. Nessa proposta, que sugere sejam levados à sala de aula textos traduzidos de autores clássicos, o autor aponta, diante do fato de que o aprendizado de Letras Clássicas está voltado essencialmente à recepção de textos escritos, três competências necessárias para a compreensão eficaz desses registros textuais: *a competência linguística, a competência textual e a competência intertextual* (1991, p.517).

Segundo o autor, a *competência linguística* está relacionada ao conhecimento da gramática da língua, necessário a um primeiro contato com o texto:

Não pode ler um texto no original quem desconhece os sons distintivos de uma língua, sua morfologia e a sintaxe do período. Além disso, é preciso que haja um conhecimento lexical mínimo, sem o que não se podem aprender os conteúdos veiculados pelo texto. Os conteúdos gramaticais, expressos pelas categorias gramaticais e pelas matrizes sintáticas, e os conteúdos lexicais devem ser do domínio do leitor para que ele possa fazer uma leitura de primeiro nível [...]. (1991, p.517).

Entretanto, os conhecimentos dessa natureza não garantem propriamente uma leitura do texto, pois este não é simplesmente uma grande frase ou uma soma de frases. São necessários os conhecimentos que garantam uma *competência textual*, aquela que, segundo o autor, permite reconhecer os mecanismos que forjam o sentido do texto, como um todo estruturado.

Mas esses dados, por sua vez, também não são suficientes para garantir o entendimento do texto de forma integral. Falta ainda a *competência intertextual*, aquela que, a partir do “conhecimento dos dados históricos, dos sistemas filosóficos, da cosmovisão de um povo, da cultura” (FIORIN, 1991, p.518), permite perceber o diálogo entre os textos:

Se é verdade que a linguagem não se reduz à ideologia (sistema de ideias e representações produzidas numa dada época por uma determinada formação social), porque ela tem um nível interno de estruturação, é também verdade que um texto assimila as angústias, os anseios, as expectativas, as ideias, a visão de mundo, enfim, a cultura de uma época. Um texto dialoga com outros, seja reproduzindo-os, seja polemizando com eles. Um texto é um lugar de contratos e conflitos. (FIORIN, 1991, p. 518).

Para que o aprendizado do latim cumpra com o seu fim e satisfaça todas as condições necessárias à realização da leitura de textos antigos, é preciso que o ensino siga um percurso que contemple os conhecimentos envolvidos nessas três competências, imprescindíveis à leitura de um texto.

Assim, como “os conhecimentos que permitem a leitura de um texto latino fazem parte de uma competência anterior à da própria leitura” (PRADO, 1992, p. 34), entende-se que são apenas os conhecimentos do sistema denotado, isto é, da língua enquanto estrutura, que devem ser contemplados no trabalho com a *competência linguística*. E o ponto de partida para a descrição do sistema denotado serão os textos legítimos, já que não é possível ensinar latim em latim, isto é, não se podem reproduzir situações cotidianas ou expressar relatos de experiências em aulas de língua latina, a não ser anacronicamente, pois

O latim [...] não é uma língua moderna; seu uso não compreende a produção, mas a recepção de enunciados produzidos no passado. Acrescente-se a isso a impossibilidade de conhecer com precisão o ponto de articulação de seus fonemas, a imagem acústica das vogais longas e breves, a entonação correta das frases para exprimir conteúdos de natureza emocional e subjetiva e, sobretudo, o despropósito de pretender ser o sujeito enunciativo de uma língua cujo contexto de enunciação se deu há pelo menos dois mil anos. (PRADO, 1992, p. 34)

Uma vez apreendidas as estruturas frasais e, com elas, as oposições básicas da língua latina, passa-se à abordagem do texto, isto é, ao trabalho com as competências textual e intertextual.

Apresenta-se a seguir um possível desenvolvimento dessas ideias, voltadas para as questões do ensino de latim. Em um primeiro momento, serão tratadas as questões concernentes à abordagem linguística do texto, acompanhada de uma possível sistematização com vista à aplicação prática em sala de aula. Em seguida, será feita uma aplicação do conceito de semióticas conotativas à leitura do texto nas dimensões textual e intertextual.

*
* *

PARTE III

ENSINO DE LATIM
E AQUISIÇÃO DA COMPETÊNCIA
LINGUÍSTICA

Um método linguístico para o ensino de latim

Se a fala legitimamente romana deixou de ser produzida há tantos séculos, os registros textuais de falantes natos devem constituir não somente o alvo daqueles que se dedicam ao estudo desse idioma, mas também a única fonte a partir da qual é possível determinar o sistema formal dessa língua antiga.

Assim, o latim como *língua* materna só pode ser estabelecido a partir da *fala* de autores romanos, imortalizada em suas obras literárias. Ou seja, essa perspectiva linguística que impõe o texto legítimo como ponto de chegada para o estudo do latim, determina também que ele seja tomado como ponto de partida para o ensino.

Uma das condições necessárias para entender o latim como língua materna, isto é, na sua dimensão humana, é procurar, o máximo possível, aproximar o seu aprendizado de um processo menos artificial. Mas como diminuir aquele grau de artificialismo comum ao ensino formal de toda e qualquer língua, se o que se tem legitimamente, em latim, é apenas a possibilidade de aquisição de uma competência receptiva escrita? Como adequar às exigências do ensino inicial dessa língua a fala estilisticamente elaborada de seus textos?

A oposição entre *forma* e *substância* é o ponto chave para o tratamento do problema. Ao delimitar o objeto da Linguística, Saussure (2003, p 28) deixou claro que língua e fala são “caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo”. Isso significa que, sendo a língua uma forma, para descrevê-la é preciso ater-se somente às oposições do sistema, aquelas que instituem os valores.

Assim, dadas as circunstâncias históricas em que se encontra o latim e a necessidade de se trabalhar com a *forma*, impõe-se como o método mais apropriado para o ensino inicial dessa língua aquele que permita deduzir de seus textos escritos apenas as *oposições básicas responsáveis pela formação da unidade oracional*, no interior do sistema. Ou seja, um

método que permita o trabalho naquilo que se definiu, de acordo com Hjelmslev (1975), como nível denotado.

A presença reiterada de um número limitado e constante de unidades estruturais é inerente a toda e qualquer manifestação (HJELMSLEV, 1975, p.8). É graças a essa potencialidade reiterativa das estruturas do sistema que o falante é capaz de criar e reconhecer enunciados novos e ilimitados. Característica própria da língua enquanto forma, é essa *criatividade*, e não as manifestações resultantes das possíveis combinações dessas estruturas, que importa no estudo de uma *língua*, no sentido saussuriano do termo.

O método “Da Fala à Língua”

O trabalho com o primeiro nível de competência pode ser guiado pelos principais fundamentos do método intitulado *Da fala à língua: estudos do enunciado latino* (LIMA, 2000, p.32-58). Esse método consiste em realizar procedimentos que tornem evidentes as estruturas linguísticas subjacentes aos textos latinos. Para isso, opera-se com o conceito-chave de *recorrência*, que deve ser entendida como

a presença reiterada de um número limitado e constante de unidades estruturais do sistema frasal, localizadas ao longo do processo discursivo, **sem que se tenha, por isso, a impressão de repetitividade**, por mais longo que seja o discurso. Tão vigoroso e aperfeiçoado poder de reproduzir-se deve-se à natureza virtual, potencial e humana dessas estruturas, ou formas, enquanto partes constitutivas da língua, ou se se prefere, da competência. (LIMA, 2000, p.32).

A recorrência estimulada, isto é, posta em prática mediante exercícios regulares, leva ao reconhecimento da língua enquanto forma, uma vez que, com ela, se evidencia a existência de um número limitado e constante de unidades cuja combinação leva à produção ilimitada de enunciados.

O trabalho com a forma denotada depende de recursos como este. A ênfase nas oposições linguísticas, isto é, nas diferenças significativas, é dada a partir de procedimentos que estimulam a recorrência das estruturas.

São dois os procedimentos adotados: o de *normalização* e o de *reiteração estrutural*.¹

1. O procedimento de normalização

A normalização deve ser entendida como um mecanismo operatório concebido para reconduzir enunciados complexos a um *estado hipotético inicial*, isto é, anterior a qualquer realização concreta.

A recondução dos períodos do texto original a frases com estruturas simplificadas se faz por meio de dois processos:

1º o da *projeção planar das orações*, ou seja, devem-se excluir os termos coordenadores, subordinadores e todos os demais elementos responsáveis pelo engendramento do discurso (aqueles que garantem a coesão textual) e, assim, igualar o número de frases do texto autêntico ao das orações que nele ocorrem.

2º recondução ao *estado-zero*, em que se suspendem todas as transformações flexivas, exceto as de **caso**. Para tanto, adota-se uma ordem linear fixa² para cada oração e realizam-se as chamadas *reversão léxica* e *reversão gramatical* de seus elementos (LIMA, 2000, p.45).

A ordem regular adotada para a apresentação das frases normalizadas será:

SN SUJEITO + SN OBJETO OU PREDICATIVO + SN ADVERBIAL + VERBO.

¹ O método prevê dois procedimentos destinados a estimular a recorrência a *normalização* e a *simulação da oralidade* (LIMA, 2000, p. 48-50), que consiste no “jogo de perguntas e respostas” a partir das frases normalizadas. Para a proposta aqui apresentada esse segundo foi preterido, optando-se por adotar o que se convencionou chamar *reiteração estrutural*.

² Como será explicitado na proposta de sistematização, essa espécie de ordem canônica é anterior a qualquer traço de estilo inerente ao discurso: “Importa estar atento a que **ordem** aqui nada tem de operacional. Refere-se apenas à substância, ao não formal dos elementos com que a unidade oracional trabalha. É como que uma injunção de natureza física (fonética ou gráfica) desses dados” (LIMA, 2000, p.33).

A *reversão léxica* é entendida como a passagem do repertório fechado ao repertório aberto dos nomes. A fim de destacar apenas a variação da dinâmica dos casos, opera-se no sentido oposto ao da *pronominalização*, fator capital de coesão textual. Assim, cada pronome deve ser substituído pelo termo ao qual se refere no texto.

Já a *reversão gramatical* é um procedimento em que os itens nominais e verbais devem ser tomados por sua forma não-marcada, ou seja, em um primeiro momento, os nomes são apresentados na sua forma singular (exceto os *pluralia tantum*) e os verbos, na sua forma conjugada em 3ª pessoa do singular (não-pessoa) do presente do indicativo ativo (forma axial) (Cf. LIMA, 1995, p.125).

A partir desses procedimentos, chega-se a um número de frases simples, em que ficam realçados os contrastes entre seus componentes. O propósito das frases normalizadas é pôr em destaque tão-somente as oposições de casos e o modo como elas se manifestam em latim, em face da existência de variantes temáticas.

A seguir um breve exemplo deste procedimento:

Exemplo de normalização:

Tomem-se os versos 11 a 13 da IV *Bucólica*, de Virgílio:

*Teque adeo decus hoc aeui, te consule, inibit,
Pollio, et incipient magni procedere menses
te duce [...]*

Análise:

Teque	adeo	decus	hoc	aeui	te	consule	inibit
tu <i>pron.</i> <i>pers.</i> : tu -que <i>encl.</i> : e	adeo <i>adv.</i> : principalmente	decus, decoris <i>n.</i> : glória	hic <i>pron.</i> <i>dem.</i> : este	aeuum, aeui <i>n.</i> : tempo	tu <i>pron.</i> <i>pers.</i> : tu	consul, consulis <i>m.</i> : cônsul	ineo <i>v.intr.</i> : surgir
ablativo singular		nominativo singular	nominativo neutro singular	genitivo singular	ablativo singular	ablativo singular	3ª p.s. futuro simples

Pollio	et	incipient	magni	procedere	menses	te	duce
Pollio, Pollionis m.: Polião	et <i>conj.</i> : e	incipio v. <i>tr.</i> : começar	magnus, -a, -um <i>adj.</i> : grande	procedo v. <i>intr.</i> : avançar	mensis, mensis <i>m.</i> : mês	tu <i>pron.</i> <i>pess.</i> : tu	dux, ducis <i>m.</i> : comandante
vocativo		3ª p.p. futuro simples	nominativo plural	infinitivo presente	nominativo plural	ablativo singular	ablativo singular

Tradução de referência:

Sendo tu o cônsul, Polião, principalmente contigo, esta glória do tempo surgirá e, sendo tu o comandante, os grandes meses começarão a avançar.

Normalização:

Foram realizados procedimentos de reversão gramatical e os termos frasais, colocados na ordem fixa SN sujeito + SN predicado, com verbo no final:

1. Pollio consul est.
[Polião é o cônsul.]

2. Pollio dux est.
[Polião é o comandante]

- As orações reduzidas de participio (ablativo absoluto) foram transformadas em orações simples com verbo de ligação.

3. Decus aeui Pollione consule init.
[A glória do tempo surge com o cônsul Polião.]

- O demonstrativo dêitico foi suprimido e o verbo no futuro, colocado na forma de presente do indicativo.

4. Magnus mensis Pollione duce procedit.
[O grande mês avança com o comandante Polião.]

- Os termos no plural foram passados para o singular e o verbo foi colocado no tempo presente.

2. O procedimento de reiteração estrutural

Esse procedimento consiste em separar as frases normalizadas de acordo com sua estrutura, determinada pelo predicado, e em apresentá-las de modo sistemático para que se trabalhe, a cada vez, com uma estrutura específica.

A estrutura oracional é sempre composta por um sintagma nominal sujeito – cujo núcleo é um substantivo no caso nominativo, acompanhado ou não de uma expansão nominal (o caso genitivo ou mesmo o dativo) – e por um sintagma verbal predicado – cujo núcleo é um verbo que determina a ocorrência ou não de casos como o acusativo e o dativo, e que pode ainda vir acompanhado de restrições de sentido adverbial expressas pelo ablativo.

Desse modo, a estrutura oracional básica que é sempre composta por $\boxed{\text{SN}_{\text{sujeito}} + \text{SV}_{\text{predicado}}}$, poderá, quando tratar-se de estruturas simples, apresentar os seguintes componentes:

1. **nominativo** (+ genitivo)³ + **nominativo** (+ genitivo) (+ **dativo** (+ genitivo)) (+ **ablativo** (+ genitivo)) + **v. de ligação**

2. **nominativo** (+ genitivo) + **acusativo** (+ genitivo) (+ **dativo** (+ genitivo)) (+ **ablativo** (+ genitivo)) + **v. transitivo**

3. **nominativo** (+ genitivo) (+ **ablativo** (+ genitivo)) + **v. intransitivo**

É o modo de apresentação das frases nos exemplos e exercícios o fator responsável pela *reiteração estrutural*. A apresentação deve ser regulada pela disposição dos termos naquela ordem canônica⁴ e pela introdução de cada novo componente frasal. Exemplos desse procedimento poderão ser vistos no modelo de material apresentado.

³ Os casos entre parênteses podem ou não ocorrer.

⁴ Essa disposição pode, em um segundo momento, ser relativizada de modo a fazer o aluno entender, na prática, aquilo que ouviu do professor: em latim, os componentes frasais gozam de maior mobilidade por conta da flexão. Essa apresentação fora da ordem canônica deve, no entanto, seguir a disposição encontrada no texto original, para evitar construções ambíguas.

Assim, o que deve ser levado em conta não é a configuração fônica ou gráfica de um nome nesse ou naquele caso, mas a oposição que a diferença entre essas formas nominais cria no interior de cada estrutura oracional. Essa oposição estabelece-lhes o valor; é essa operação que gera o sentido em latim.

A recorrência das estruturas, que evidencia a virtualidade da língua, será o fator responsável pela internalização da noção de caso⁵. Com o tempo, o aluno é levado a perceber a regularidade subjacente à aparente irracionalidade da proliferação de formas nominais. As diferenças observadas na manifestação dos casos são, no fundo, decorrentes de variáveis regidas por um princípio estrutural: a relação *tema / morfema*.

A importância da noção de tema

Para um método que procura evidenciar as diferenças formais dos signos da língua latina, no que toca ao mecanismo de flexão, é pertinente o trabalho com a noção de *tema*. Entendido como a unidade constituída pelo radical, em geral acrescido de uma vogal temática ou epentética, à qual se associam os morfemas, gerando as desinências correspondentes a cada caso e número (e, ainda, gênero, quando tratar-se de adjetivos), o *tema* é de natureza virtual e, como morfema que é, assinala-se graficamente com hífen.

Assim, o tema, que só se concebe por seu estatuto de unidade do sistema, resulta da “subtração” do morfema casual, presente na desinência. É nesse sentido que se diz que “a existência da flexão é a condição estrutural da existência do tema” (LIMA, 2000, p.45).

Entende-se, portanto, por desinência o sufixo flexional, resultado fonético da junção de um morfema casual com a vogal temática. Mas é preciso cuidar para que o aluno não seja

⁵ A noção elementar de caso, bem como a de *declinação* que a encerra, está prevista para um momento inicial de introdução da matéria. Cf. Anexo.

levado a pensar nessa junção como uma espécie de operação aritmética. Trata-se, ao contrário, de um processo orgânico, próprio das línguas naturais, processo este cujos condicionamentos de formação estão fora do sistema e, em razão disso, somente uma abordagem diacrônica permite inferi-los. Mas essa prática não deverá ser considerada relevante para os propósitos de um trabalho que busca evidenciar a forma, uma vez que “A linguística moderna [...] sabe muito bem que as considerações diacrônicas não são pertinentes para a descrição sincrônica.” (HJELMSLEV, 1975, p.112).

O que interessa, enfim, com relação à declinação é o *resultado* da junção da vogal temática e do morfema casual. Por isso o método dará ênfase às desinências. Mas sem jamais perder de vista que é a variante temática que permite encontrar a regularidade na declinação. Daí a relevância a noção de *tema* para esse trabalho.

É sempre delicada a tarefa de rever práticas consagradas. Embora toda proposta de renovação de ensino de latim encontre na crítica das práticas tradicionais as bases motivadoras para empreender tal desafio, não se deve simplesmente desprezar aquilo que foi feito ao longo de tantos séculos e que, bem ou mal, apresentou resultados.

A descrição tradicional do latim apresenta os termos nominais divididos em cinco grupos, chamados “declinações”. Esses grupos correspondem às seis variantes temáticas dos nomes latinos (-a-, -o-, -i- / consoante, -u-, -e-). Se as “declinações” correspondem a grupos temáticos, qual seria a razão para a necessidade de uma “nova proposta”?

O fato é que em latim não há, linguisticamente falando, “declinações”. Há, sim, *declinação*, uma única como fenômeno morfológico que encerra a noção de caso. Desse modo, os quadros apresentados pelas gramáticas são, na verdade, exemplos do uso. Por isso, o problema não está simplesmente no fato de se apresentarem modelos da declinação, mas, sim, no fato de que a separação em “declinações” desvia o foco daquilo que é importante (porque linguístico): as oposições de caso. São elas que geram sentido na frase, porque atendem ao

princípio de que uma diferença na expressão corresponde a uma diferença no conteúdo, é por essa razão que se pode dizer que as “declinações” não pertencem ao sistema. Falar em “declinações” pode levar a pensar, por exemplo, que palavras de tema em -a- (“1ª declinação”) se opõem às de tema em -o- (“2ª declinação”), quando o que há, de fato, são simples variantes de uso.

A descrição nos moldes tradicionais leva, ainda, a que na prática sejam tomados todos os casos de uma só vez, separados de acordo com as variantes temáticas. E, uma vez que não há textos legítimos que registrem ocorrências exclusivas de vocábulos pertencentes a uma única variante temática, o trabalho não se torna possível senão com base em exemplos inventados.

A descrição tradicional, assim, dá grande destaque ao dado morfológico, isolando o termo do contexto que lhe dá razão de existência e o justifica: a oração. Ao aluno iniciante é muito difícil discernir por si só o que seja dado de ordem sistêmica (oposições de caso) e o que seja do uso (variantes temáticas), e o encaminhamento feito naqueles moldes torna quase impossível essa tarefa.

A descrição formal do latim indica o *tema* como a unidade mais adequada para a referência aos itens flexivos fora da situação de discurso (LIMA, 2000, p.46). Por todas essas razões é que a prática deve privilegiar as unidades temáticas. É por razões didáticas e de economia no acúmulo de informações que se devem grafar os temas dos itens flexivos quando tomados metalinguisticamente. No entanto, é preciso destacar que “o tema não é aquela sequência do léxico com que se ilustra o conceito e sim a entidade nominal ou verbal com as determinações morfossintáticas da classe: verbo, substantivo, adjetivo e anafóricos” (LIMA, 2000, p. 46).

Assim, como será visto, optou-se por não fazer essas unidades figurarem nos vocabulários do material. E isso se deveu a duas razões:

1. Tema não é uma unidade manifestada, por isso, não deve ser reduzido a uma convenção gráfica. O esforço do método é o de levar o aprendiz a reconhecer temas e a entendê-los como unidades constantes, fundamentais para o funcionamento da *língua*, enquanto sistema.

2. O material não tem por objetivo discutir, rever ou restabelecer convenções lexicográficas para os itens flexivos, e sim fornecer subsídios para que o aluno se torne capaz de lidar com o dicionário, no momento de sua consulta. Em razão disso, a apresentação dos itens nos vocabulários não se afasta da convenção tradicional. Como foi constatado em trabalho anterior (LONGO, 2006, p.38-68), a entrada dos dicionários não chega a ser o maior problema da descrição tradicional: uma vez entendidas as tais convenções, essa barreira inicial é facilmente superada. De fato, a definição da significação léxica e os exemplos apresentados são as grandes barreiras impostas aos consulentes.

Porque as frases normalizadas não se confundem com *adaptações*

Um método como esse permite extrair do texto legítimo aquilo que é estritamente formal do ponto de vista linguístico. A frase normalizada põe em destaque as relações de oposição que geram o sentido no sistema latino. E a recorrência dessas estruturas permitirá a internalização da noção de caso, principal especificidade do latim, de modo menos artificial.

Assim, baseado no fato de que tudo o que se refere à língua é de natureza virtual, esse procedimento em nada afeta o texto original em sua integridade filológica. De fato, uma vez que essa recondução explicita apenas a *estrutura frasal*, não se chega a trabalhar, nessa fase do ensino, com noções como a de *texto* ou a de *discurso*. O texto original, nesse momento,

serve apenas de base para se depreenderem aquelas estruturas; trabalho, portanto, a ser desempenhado pelo professor.

Por isso uma frase normalizada não deve ser confundida com uma realização discursiva. Uma unidade frasal, por mais elementar que seja, quando tomada simplesmente de um texto, é uma unidade do discurso⁶ e, nesse sentido, em hipótese alguma deve ser vista como “equivalente” a uma frase normalizada.

Uma vez extraído do texto o dado denotado, isto é, as estruturas linguísticas, resta fazê-las recorrer, sob a forma de exercícios, para que se alcance o objetivo pretendido de assimilação dessas estruturas, sem que para isso sejam necessárias grandes doses de esforço mnemônico.

Da Língua à Fala: estimulando a recorrência a partir de frases normalizadas

A primeira etapa do trabalho deve dar conta de garantir a compreensão daquilo que é linguístico. Mas como não será possível trabalhar com a estrutura, com o psíquico, sem recorrer à materialidade da linguagem, é preciso ter plena consciência de que o fônico e o gráfico aí não devem ser confundidos com a estrutura formal, para a qual servem de suporte⁷. Essa consciência permitirá o encaminhamento adequado das questões do latim.

Nessa etapa, o texto original deve ser visto como “mero” ato de fala, isto é, como apenas uma das inúmeras possibilidades de atualização do sistema latino, que subjaz a essa manifestação particular. Quando se trabalha no nível linguístico, são as questões que dizem

⁶ Sobre isso vale lembrar que “O discurso não é uma grande frase nem um aglomerado de frases, mas um todo de significação. Nesse sentido, a frase deve ser entendida como um seguimento do discurso – o que não exclui, evidentemente, que o discurso possa ter, em certos casos, a dimensão de uma frase.” (FIORIN, 2001, p.30)

⁷ Daí a importância do trabalho orientado pela apresentação das estruturas frasais: é nelas que as oposições de caso cobram seu valor e não na configuração fônica (ou gráfica) das desinências.

respeito ao *sistema denotado* que estão em jogo. A oração normalizada em latim deve ser entendida como a explicitação da forma linguística.

Ao se trabalhar com a frase normalizada, o intuito é estimular a recorrência de estruturas do sistema frasal. Portanto, não é com o texto de um autor em especial (Virgílio ou Ovídio) que se está trabalhando, nem mesmo com a sua frase (enquanto unidade de discurso) e sim, e tão-somente, com a sua *língua*: com aquela entidade social que permitiu a esses falantes – a esses como a quaisquer outros – expressar, comunicar e compreender o mundo a sua volta.

Do ponto de vista da *língua latina*, do *sistema denotado*, a fala de Virgílio não é, em nenhum aspecto, diferente da de Ovídio, da de Cícero ou da de qualquer outro falante, fosse qual fosse seu grau de instrução. Do ponto de vista da língua são as oposições sistêmicas (de caso, gênero, número, pessoa, modo, tempo, etc.) que importam. É por isso que em um primeiro momento são elas, e não essa ou aquela escolha particular de seus ilustres falantes, que interessam.

Chame-se ela, numa atitude que dê prioridade aos procedimentos de criatividade individual, retórica ou poética, como em Aristóteles ou Horácio ou, mais modernamente, o sistema conotado, em que há o predomínio do lúdico, como quer Huizinga; aceite-se ao invés, como é próprio dos discursos com preocupação científica e metodológica, o privilégio da denotação, que consiste em projetar com transparente correspondência termo a termo a forma da expressão sobre a forma do conteúdo, *a fala nunca é nada mais que o acidente quando posta em confronto com a essência que é a língua*. (LIMA, 1995, p. 41. *Grifos nossos*).

Daí a insistência na importância do trabalho inicial com frases normalizadas. Não há, nesse momento, como se falar em texto. No texto estão envolvidas questões de outra ordem.

Entende-se que o estudo do latim a partir de frases normalizadas deva restringir-se ao período inicial de apresentação das estruturas linguísticas. Uma vez internalizadas as estruturas simples e complexas, pode-se partir para o texto original. Mas o fato de o latim ser

uma língua sem falantes naturais impossibilita ao estudante moderno adquirir a competência de um falante natural. Isso determina que sua prática de leitura seja sempre metalinguística: não se lê despreziosamente um texto em latim. A fluência de leitura será sempre limitada, por exemplo, pela necessidade de visitas constantes ao dicionário e à gramática, sempre acompanhadas de muita reflexão.

Assim, mesmo um aluno iniciado, quando estiver diante da tarefa de ler um texto em latim, deverá necessariamente passar por uma etapa de reconhecimento de estruturas sintáticas e lexicais. Por essa razão, acredita-se que o aprendizado inicial feito nos moldes que aqui são apresentados possibilitará a esse aluno reconhecer aquilo que é constante no texto, para somente em seguida tomá-lo como a performance de um autor em particular.

Sobre as bases do método “*Da Fala à Língua*”, propõe-se o material descrito a seguir, que contempla a sistematização das estruturas frasais simples do latim.

PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO

Numa tentativa de encaminhar as principais ideias do método “*Da Fala à Língua: estudos do enunciado latino*”, e ao mesmo tempo de introduzir os dados de Cultura Clássica a partir de ocorrências originais de textos latinos, apresenta-se a seguir uma sugestão de material que poderia ser levado à sala de aula, com exercícios de compreensão da frase latina que estimulam a recorrência de suas oposições básicas. O conteúdo proposto como material é apresentado em quadros⁶, acompanhados de descrições e comentários. Como se trata de um modelo, as propostas de exercícios servem apenas como exemplo e não se pretenderam exaustivas, isto é, não se esgotaram as possibilidades de frases normalizadas para essa apresentação. O que para um encaminhamento prático pode e deve ser reconsiderado.

O modelo contém duas partes principais: I) o excerto latino em tradução, acompanhado da versão original, de breves comentários e de notas de referência; e II) unidades que contemplam tópicos gramaticais⁷.

⁶ Somente o conteúdo dos quadros se refere ao material a ser levado à sala de aula.

⁷ Entende-se que tudo isso deva ser introduzido por uma etapa em que se sejam fornecidas, de maneira bastante sucinta, informações gerais sobre a história do latim, desde a sua origem indo-europeia até a apresentação dos seus principais autores divididos em períodos literários; além dos dados gramaticais introdutórios (informações sobre o alfabeto, sobre a pronúncia restaurada, sobre as categorias nominais e o fenômeno da declinação, sobre as categorias verbais e a conjugação, etc.). Como foi dito anteriormente, um exemplo de introdução encontra-se em anexo.

O excerto latino

Somente o que durará através dos séculos pode se pretender em última instância um objeto cultural.

Hanna Arendt, 2007, p. 255

Se o que justifica a existência do latim como língua materna é a existência de uma cultura, o trabalho com as estruturas linguísticas não pode prescindir de uma etapa que permita uma aproximação do aluno iniciante com os valores dessa cultura antiga. Desse modo, o trabalho com as estruturas frasais e a morfologia dos casos latinos é introduzido pela apresentação do excerto original, do qual terão sido tomadas as estruturas frasais e do qual terá sido extraído todo o conteúdo lexical da unidade.

Dada a distância temporal e as diferenças culturais que medeiam a época de produção de um texto clássico e a atualidade, a apresentação do excerto original, acompanhado de uma breve contextualização com informações sobre contexto e autor, é de fundamental importância, pois permite evitar possíveis estranhamentos iniciais por parte do aluno, sobretudo com relação ao assunto de que tratarão as frases normalizadas.

Assim, nessa primeira etapa do processo, é apresentado o excerto latino, introduzido por uma breve apresentação, e acompanhado de uma tradução de referência. Um mesmo excerto pode servir de base para várias unidades do material, uma vez que nele ocorrem diversas estruturas frasais.

Para a demonstração dos procedimentos didáticos foi selecionada a *IV Bucólica*, de Virgílio (VIRGILE, 1926). Por tratar-se de um texto relativamente longo, através dele foi possível contemplar todos os tópicos abordados. O método *Da fala à língua* sugere que a escolha do córpus, a partir do qual serão deduzidas as estruturas linguísticas, recaia sobre qualquer texto ou autor, sendo a autenticidade o único fator imprescindível, ou seja, que o texto tenha sido escrito por um falante legítimo do latim.

No entanto, entende-se que, em um trabalho desenvolvido em um curso de Letras, que tem como principal objetivo encaminhar a reflexão sobre linguagem verbal, seria recomendável que se tomassem textos pertencentes a escritores que foram capazes de explorar os recursos expressivos da linguagem em seu mais alto grau e que, por isso, melhor representam a cultura romana. Nesse sentido, a representatividade de Virgílio é inquestionável. E a escolha de um texto poético não deve ser encarada como fator gerador de grandes dificuldades ou estranhamentos. Na verdade, as imagens concretas que figuram nos textos poéticos são, ao contrário, de mais fácil apreensão:

As palavras de sentido concreto são mais particularizantes, figurativas em oposição às de sentido abstrato, mais generalizantes, temáticas; por isso o poeta privilegia as primeiras. A palavra concreta, ao evocar psiquicamente uma imagem, atinge, de forma mais direta, a inteligência através dos sentidos. (THAMOS, 2010, p.4).

É por essa razão que os textos latinos, dos quais se sugere sejam extraídas as estruturas frasais, deveriam preferencialmente pertencer àqueles autores consagrados pela tradição literária. Entende-se que informações sobre esses textos mais representativos, se fornecidas já no início do aprendizado, podem contribuir para a leitura desses mesmos quando se partir para uma abordagem textual e intertextual.

Vale lembrar ainda, com Fiorin (2006a, p.7), que, embora claramente distintos em suas finalidades, os dois “módulos” do curso de Letras (os estudos linguísticos e os literários) mantêm entre si relações muito estreitas:

De um lado, um literato não pode voltar as costas para os estudos linguísticos, porque a literatura é um fato de linguagem; de outro, não pode o linguista ignorar a literatura, porque ela é a arte que se expressa pela palavra; é ela que trabalha a língua em todas as suas possibilidades e nela condensam-se as maneiras de ver, de pensar e de sentir uma dada formação social numa determinada época.

Apesar de nesse momento privilegiar-se o trabalho com o nível linguístico, não se pode deixar de reconhecer a importância de o ensino ter em vista etapas que contemplem as abordagens textual e intertextual. São elas que permitem a compreensão dos textos latinos como objetos culturais.

Exemplo de comentário:

O comentário não tem outro objetivo senão o de fornecer algumas informações básicas sobre o autor e o texto do qual serão extraídos os dados fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais, para que, como se disse, possíveis estranhamentos sejam evitados. Há sempre uma grande quantidade de informações que podem ser fornecidas sobre esses textos e autores, mas nesse momento do trabalho, cumpre evitar o acúmulo de dados que não sejam relevantes para a compreensão das estruturas frasais. Por essa razão é que o comentário deve ser o mais breve possível, pois se trata apenas de uma primeira apresentação do texto⁸.

Virgílio, *Bucólicas*, IV

O poeta Virgílio viveu entre os anos de 70 e 19 a. C. Sua primeira obra, *Bucólicas*, é um livro composto por dez poemas pastoris. A IV *Écloga* é uma das mais famosas. Diferentemente das demais, essa possui um “tom mais elevado”. Nela o poeta não canta a vida pastoril e, sim, o nascimento de uma criança com qualidades divinas, fato que marcará o retorno da Idade de Ouro e o recomeço de um período de paz e harmonia sobre a terra.

⁸ Informações e análises mais aprofundadas podem ser fornecidas e trabalhadas em aulas de literatura, por exemplo, momento em que o enfoque do trabalho deverá ser o texto e não mais as estruturas linguísticas.

Exemplo de tradução de referência:

Uma *tradução de referência*, procedimento necessário para a realização das normalizações, é o resultado de uma prática metalinguística em que se busca transpor os componentes léxico e morfossintático do latim para o português a fim de ajudar o leitor a ter uma primeira compreensão do texto⁹. Portanto, ela deve resultar em um texto em vernáculo o mais literal possível, em relação à língua de partida.

Esse tipo de “tradução” se faz em função exclusivamente da compreensão do sistema latino e de suas oposições, responsáveis pela produção do sentido linguístico. Essa tradução não é, portanto, um equivalente formal do texto poético, mas, sim, do texto enquanto ato de fala, isto é, enquanto manifestação de um sistema linguístico. Em virtude disso, ela não será poema, porque transpõe para a língua de chegada tão-somente à substância do conteúdo linguístico do texto original; nesse sentido

faz parte da metalinguagem, ou seja, ela também é comentário, ao passo que uma tradução de um *poema* deve ser, por sua vez, poema. Quando muito “tradução” [como a de referência] ajuda a recompor a fábula não o poema, pois tanto a fábula, caso haja fábula, quanto as referências históricas, bem como as de língua e estilo pertencem à matéria prima ou à substância e não à forma. E o poema é a sua forma. (LIMA, 1992a, p.14)

A proposta é de que se apresente, no material, uma tradução de referência junto com o texto original. A leitura da tradução, introduzida pelo breve comentário, deve fazer parte da apresentação da matéria, antecedendo a explicação das estruturas frasais latinas. Essa tradução vem acompanhada de notas que, assim como os comentários, visam a fornecer informações sobre algumas referências culturais necessárias para garantir a compreensão básica do contexto do qual as frases terão sido tomadas, evitando assim possíveis estranhamentos.

⁹ Essa concepção baseia-se na ideia de “‘Traduzione di lavoro’, nella quale se rende esplicito e consciente il ruolo strumentale del tradurre: non per tradurre, ma per capire.” (SEGA & TAPPI, 1986, p.16)

Tradução de referência

Ó musas da Sicília, cantemos coisas um pouco maiores; arbustos e baixos tamarindos não agradam a todos. Se cantamos florestas, que sejam florestas dignas de um cônsul.

Já chegou a última idade¹ da predição de Cumas: a grande ordem dos séculos renasce. Já volta a Virgem, voltam os reinos de Saturno². Do alto céu, uma nova raça é enviada.

Tu, ó casta Lucina³, favorece o menino que está nascendo – com ele pela primeira vez a geração de ferro terminará e, em todo o mundo, surgirá uma geração de ouro –: já reina teu Apolo⁴.

E tu, Polião⁵, sendo o cônsul, principalmente contigo, esta glória do tempo surgirá e, sendo tu o comandante, os grandes meses começarão a avançar. Se alguns vestígios do nosso crime permanecem, nada valem, abandonarão as terras com perpétuo temor.

O menino receberá a vida dos deuses e, junto aos seres divinos, verá heróis com os quais ele próprio se parecerá; e com virtudes paternas governará um mundo pacífico.

E para ti, menino, a terra sem nenhum cultivo espalhará os primeiros presentinhos: as heras errantes aqui e ali com o bácaro⁶, e as colocásias⁷ misturadas com o viçoso acanto⁸. As cabritas, por si sós, levarão para casa as tetas cheias de leite; e os rebanhos não temerão os grandes leões. O próprio berço produzirá flores delicadas para ti. Morrerá a serpente e morrerá a enganadora erva venenosa, o amomo⁹ assírio nascerá em toda parte.

Mas assim que puderes ler as glórias dos heróis e os feitos de teu pai e puderes conhecer o que seja a virtude, pouco a pouco o campo florescerá com delicadas espigas; nos silvados não cultivados, penderá a uva avermelhada e os duros carvalhos destilarão um orvalhado mel.

Enfim, do antigo crime restarão poucos vestígios que queiram tentar Tétis¹⁰ com remos, cercar com muros as cidadelas e abrir sulcos na terra. Então, existirá outro Tífis¹¹ e outra Argo¹² que transportará distintos heróis. E existirão ainda outras guerras e o grande Aquiles¹³ será novamente enviado à Troia¹⁴. Aí, quando a idade já

Texto original

*Sicelides Musae, paulo maiora canamus;
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:
si canimus siluas, siluae sint consule dignae.
Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas;
5 magnus ab integro saeclosum nascitur ordo.
Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;
iam noua progenies caelo demittitur alto.
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
desinet ac toto surget gens aurea mundo,
10 casta, faue, Lucina: tuus iam regnat Apollo.
Teque adeo decus hoc aeu, te consule, inibit,
Pollio, et incipient magni procedere menses
te duce. Si qua manent sceleris uestigia nostri,
inrita perpetua soluent formidine terras.
15 Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit
permixtos heroas et ipse uidebitur illis
pacatumque reget patriis uirtutibus orbem.
At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu
errantis hederas passim cum baccare tellus
20 mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.
Ipsae lacte domum referent distenta capellae
ubera, nec magnos metuent armenta leones;
ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.
Occidet et serpens, et fallax herba ueneni
25 occidet; Assyrium uolgo nascetur amomum.
At simul heroum laudes et facta parentis
iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus,
molli paulatim flauescet campus arista,
incultisque rubens pendebit sentibus uua,
30 et durae quercus sudabunt roscida mella.
Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis,
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.
Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo
35 delectos heroas; erunt etiam altera bella,
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.
Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.
40 Non rastros patietur humus, non uinea falcem;
robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;*

firmada tiver feito de ti um homem, o próprio navegante deixará o mar e o pinho náutico não trocará mercadorias. Toda a terra produzirá tudo. O solo não suportará enxadas, nem a vinha, a foice; até o forte lavrador já soltará os jugos aos touros. A lã não aprenderá a mentir cores variadas, mas nos prados, o próprio carneiro mudará o velo ora em suave vermelho púrpura, ora amarelo açafroado. Espontaneamente, um vermelho vestirá os cordeiros que pastam.

“Fiai tais séculos” disseram aos seus fusos as Parcas¹⁵, concordes com o poder inalterável do destino. Avança para as grandes honras – o tempo já terá chegado – ó cara descendência dos deuses, ó grande filho de Júpiter¹⁶! Olha o mundo oscilante com sua massa arredondada, as terras, a extensão do mar e o céu profundo, vê como tudo se alegra com o século vindouro.

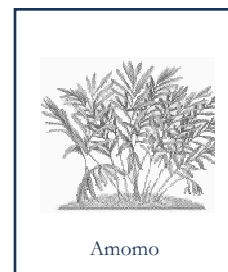
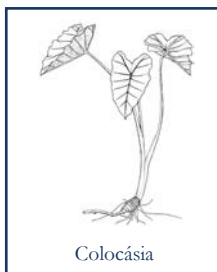
Ó, que a última parte da minha vida se mantenha longa; a inspiração será suficiente para cantar teus feitos. Não me vencerá com poemas nem o trácio Orfeu¹⁷, nem Lino¹⁸, mesmo que o pai esteja junto deste e a mãe, junto daquele: a Orfeu, Calíope¹⁹ e a Lino, o formoso Apolo. Até Pã²⁰, se comigo disputasse tendo a Arcádia²¹ como juiz, até mesmo Pã com a Arcádia como juiz, dar-se-ia por vencido.

Começa a conhecer a mãe pelo sorriso, pequeno menino – nove meses causaram longos fastios a tua mãe – começa, pequeno menino, pois aqueles que não sorriram à mãe, nenhum deus julgou digno de sua mesa, nenhuma deusa, de seu leito.

*nec uarios discet mentiri lana colores,
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti
murice, iam croceo mutabit uellera luto;
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.
“Talia saecla” suis dixerunt “currite” fusis
concordes stabili fatorum numine Parcae.
Aggredere o magnos (aderit iam tempus) honores,
cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!
Adspice conuexo nutantem pondere mundum,
terrasque tractusque maris caelumque profundum;
adspice uenturo laetantur ut omnia saeclo.
O mihi tum longae maneat pars ultima uitae,
spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!
Non me carminibus uincet nec Thracius Orpheus,
nec Linus, huic mater quamuis atque huic pater adsit,
Orphei Calliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet,
Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.
Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem
(matri longa decem tulerunt fastidia menses);
incipere, parue puer: qui non risere parenti,
nec deus hunc mensa, dea nec dignata cubili est.*

Notas:

- ¹ *última idade*: a Idade de Ferro.
- ² *Virgem e reino de Saturno*: Astréia, virgem que espalhava a justiça e a virtude na Idade de Ouro, período do reinado do deus Saturno, mas que abandonou a Terra na Idade de Ferro.
- ³ *Lucina*: epíteto da deusa Diana, divindade protetora dos partos e dos recém-nascidos e irmã de Apolo.
- ⁴ *Apolo*: deus do sol, irmão de Diana, simboliza o equilíbrio, a ordem, a harmonia.
- ⁵ *Polião*: cônsul Asínio Polião, a quem o poema foi dedicado.
- ⁶ *bácaro*: planta também conhecida como nardo, muito usada pelos antigos para entretecer coroas de louros.
- ⁷ *colocásia*: planta de origem asiática, também conhecida como inhame. Possui tom púrpura e forte perfume.
- ⁸ *acanto*: planta ornamental nativa do Mediterrâneo. O desenho da sua folha serviu como modelo para detalhes arquitetônicos e artísticos da Antiguidade.
- ⁹ *amomo*: planta asiática muito perfumada.
- ¹⁰ *Tétis*: ninfa do mar e mãe de Aquiles.
- ¹¹ *Tífis*: piloto da nau Argo que transportou os Argonautas, na busca pelo Velo de Ouro.
- ¹² *Argo*: a nau dos Argonautas.
- ¹³ *Aquiles*: o mais famoso herói da Guerra de Troia.
- ¹⁴ *Troia*: cidade antiga destruída pelos gregos depois de uma longa guerra.
- ¹⁵ *Parcas*: as divindades detentoras do destino dos homens: a vida e o tempo são representados por um fio que a primeira, Cloto, fia, a segunda, Láquesis, enrola e a terceira, Átropos, corta.
- ¹⁶ *Júpiter*: o pai dos deuses.
- ¹⁷ *Orfeu*: o deus da poesia, com sua lira e sua voz era capaz de encantar até mesmo as pedras.
- ¹⁸ *Lino*: filho de Apolo e mestre de Orfeu.
- ¹⁹ *Calíope*: mãe de Orfeu, uma das nove musas, a da Poesia Épica.
- ²⁰ *Pã*: deus dos bosques, metade homem, metade bode. Filho de Mercúrio e inventor da flauta de sete tubos.
- ²¹ *Arcádia*: a terra de Pã, região montanhosa da Grécia antiga, habitada por pastores.



É preciso ficar claro que, nesse primeiro momento, não é o texto original o foco do trabalho. A sua leitura, em voz alta, pode até fazer parte do exercício, mas será mais um dado destinado à observação do que propriamente a uma análise. Além disso, não se deve perder de vista que

Uma coisa é, de fato, emitir as palavras de um texto, articulando-as segundo a pronúncia que a honesta mas fragmentária lição dos bons filólogos propõe, outra seria enunciar esse texto em voz alta, de modo a fazê-lo chegar em sua integridade linguageira aos ouvidos dos falantes nativos da língua de que é uma realização. E não há certeza sobre qual seria a reação de um romano antigo, ao ouvir Virgílio por qualquer das performances modernas de dicção. [...] É, pois, muito salutar e até democrático deixar claro que a pronúncia e a prosódia com que nossas melhores intenções busquem satisfazer às necessidades inarredáveis do ensino são, quando muito, aproximativas e, em certos pontos essenciais, puramente substitutivas. (LIMA, 2000, p.35)

Assim, a necessidade de apresentar o texto latino, sempre em forma de tradução, deve-se única e exclusivamente ao fato de que sem ele não é possível empreender a aproximação com a cultura romana, de modo a tornar o aprendizado da língua latina o menos artificial possível.

Portanto, nessa etapa inicial, *nada* do que se refere à Poética, à Estilística, à Retórica, etc. deve ser levado em consideração, uma vez que o foco inicial do trabalho não é o texto em si, mas tão-somente as oposições frasais do sistema latino. O texto tomado como objeto cultural é tarefa para uma etapa posterior.

Non bisogna dimenticare del resto che [...] l'opera letteraria fa parte di una realtà culturale più ampia che a sua volta è specchio di tutto un mondo non solo intellettuale. Ma neppure bisogna dimenticare che in quanto opera letteraria presenta un linguaggio che è principalmente connotativo e si serve di regole proprie; si le ignoreremo non potremo intendere il messaggio letterario nella sua pienezza. (RAMPIONI, 1999, p. 112-3).

As unidades

Em sequência à apresentação do excerto latino, são contemplados, separados por unidades, os tópicos gramaticais. Cada unidade contém as seguintes partes principais: 1) exemplo para uma primeira observação; 2) explicação gramatical; 3) estrutura da oração normalizada; 4) exercícios de aplicação; 5) vocabulário; 6) dado morfológico.

O ponto fundamental dessa proposta de sistematização é que o eixo de apresentação dos dados linguísticos seja a *estrutura frasal*¹⁰, começando pela frase simples e passando, em seguida, ao estudo da frase complexa¹¹. Segundo Camara Jr. (1974, p.165),

Temos [...] as frases da língua, ou tipos frasais [...], que a análise linguística pode deduzir, por abstração, das enunciações que são as frases do discurso. São padrões sobre os quais elas se desdobram, obrigatoriamente.

Entende-se que o que define uma estrutura frasal é a constituição do predicado, isto é, as classes sintáticas que o compõem. Essas classes sintáticas são determinadas pela presença do verbo e, em latim, são manifestadas por flexões nominais.

Hjelmslev (1975, p. 27-32) reconhece três tipos de relações possíveis entre os termos de um *processo* semiótico (sintagmática): a *solidariedade*, a *seleção* e a *combinação*. A solidariedade é uma relação de *interdependência*, em que há uma dependência recíproca entre os termos, isto é, uma pressuposição mútua. A seleção é uma relação de *determinação*, uma dependência unilateral em que um termo pressupõe o outro, mas não o contrário. E, finalmente, a combinação é uma *constelação*, isto é, uma relação recíproca entre termos, sem haver pressuposição. “Tal tipologia elementar conduz [...] ao reconhecimento e à formulação de unidades sintagmáticas (ou sintagmas), definíveis pelas relações que os elementos

¹⁰ De acordo com o procedimento de *reiteração estrutural*.

¹¹ Como foi dito, o material aqui apresentado contempla apenas a sistematização das estruturas frasais simples.

constituintes mantêm entre si e com a unidade que os subsume.” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.470, s.v. *Sintagmático*).

Com relação à frase simples, a fim de proporcionar um melhor controle dos dados, cada unidade abordará detidamente, do ponto de vista da descrição morfológica, um único caso por vez. No entanto, como a apresentação é determinada pela estrutura frasal, não é simplesmente ao caso em si, no seu aspecto morfológico, que deve ser dado o enfoque, e sim à sua *função*¹² enquanto constituinte frasal, uma vez que

Não se pode [...] ensinar que desinências nominais representam partes da frase latina, como se estas fossem a soma dessas partes, e sim que as desinências engendram determinadas relações, fazendo nomes contrastarem no interior do sintagma, ao mesmo tempo entre si e com o verbo. Essas relações é que serão aproveitadas em atitude criativa para a produção do sentido nos discursos. (LIMA, 1995, p. 101)

Com o andamento do processo, novas estruturas frasais vão sendo introduzidas. Começa-se com a oração predicativa, seguida daquela com verbo intransitivo. A partir delas é possível trabalhar apenas com o caso nominativo, que, por ser o caso da denominação, goza de certa autonomia nessas estruturas frasais. Com a apresentação da frase com verbo transitivo, introduz-se o caso acusativo, dando-se enfoque à sua oposição com o nominativo. E assim, ampliando-se essas estruturas, com expansões nominais e verbais, paulatinamente são apresentados todos os casos, acompanhados de sua descrição morfológica.

Não se pode perder de vista que o princípio do pensamento estrutural impõe que se tomem as oposições de casos como base da descrição do latim¹³. Vale esclarecer, entretanto, que a oposição sistêmica não se dá, por óbvio, apenas na relação nominativo x acusativo, mas também na oposição destes com os demais casos. Tendo em vista a preocupação didática de se evitar o acúmulo excessivo de informações, há de se convir que, sistematicamente, é pouco

¹² Entenda-se, *relação de dependência*.

¹³ A insistência nesse fato se deve à crítica à descrição tradicional que sempre atribuiu um enfoque quase que exclusivo ao dado morfológico em detrimento do sintático.

produtivo tratar de todos os casos ao mesmo tempo. Além disso, é no nível do *processo* que essas oposições cobram sentido, uma vez que, como se viu, as unidades sintagmáticas são definidas por tipos diferentes de relações: na oposição nominativo x acusativo não se reconhece a mesma relação que na oposição nominativo x genitivo, por exemplo.¹⁴ Portanto, é a estrutura frasal que regula as oposições de caso; é com ela que se deve guiar o percurso do ensino.

Desse modo, a apresentação que será feita a seguir contempla gradativa e sistematicamente: *o caso nominativo; o caso acusativo; o caso genitivo; o caso dativo; o caso ablativo; o sistema verbal: o modo indicativo; a voz passiva*. Apresenta-se ainda um comentário em linhas gerais sobre o estudo da frase complexa, da coordenação e da dêixis e anáfora. Ao final, um exemplo de sistematização, de acordo com o modelo proposto, do *modo imperativo e o caso vocativo*.

¹⁴ De acordo com a referida terminologia de Hjelmslev, pode-se dizer que, no processo (sintagmática), a oposição nominativo x acusativo é determinada por uma relação de *solidariedade* (interdependência) entre o nominativo e um verbo transitivo e deste com o acusativo, em que todos se pressupõem mutuamente; já na oposição nominativo x genitivo há uma *seleção* (determinação, dependência unilateral), em que o genitivo pressupõe o nominativo (e os demais casos) e não o contrário.

UNIDADE I – o caso nominativo e as orações com predicado formado por verbo de ligação e por verbo intransitivo.

Como se viu, no método *Da fala à Língua* insiste-se na ideia de oposições de casos, por isso prevê-se que a apresentação da matéria se inicie pela oposição nominativo x acusativo. No material aqui proposto, essa questão será apresentada na forma de um exemplo introdutório sobre a noção de caso¹⁵.

Porém, ao se iniciar o trabalho sistemático de apresentação das estruturas oracionais de modo efetivo (com explicações e exercícios de aplicação), julgou-se mais oportuno começar pela apresentação apenas do caso nominativo. Dessa forma é possível insistir primeiramente naquelas oposições mais familiares para falantes de português: as oposições de gênero e número. Essas oposições são trabalhadas na relação entre sujeito e predicativo do sujeito e na relação entre substantivos (núcleo do sintagma nominal de sujeito) e adjetivos (adjunto adnominal).

Acredita-se que, a partir das oposições de gênero e número já no nominativo, seja possível levar o aluno a familiarizar-se com o fato de que esse caso apresenta, em relação aos demais, uma irregularidade na sua forma temática. Estimular a recorrência das formas de nominativo permite construir, já de saída, o desejável entendimento de que nem sempre uma diferença fônica (ou gráfica) corresponde a uma diferença de sentido. Fato que, como se sabe, é um dos que mais traz dificuldades para o aluno iniciante.

¹⁵ Cf. Apresentação em anexo.

Título e conteúdo

Unidade I

O Caso Nominativo

Nesta Unidade:

- A oração com verbo predicativo
- Nominativo singular e plural
- O verbo ESSE
- A concordância nominal: substantivos e adjetivos
- A oração com predicado verbal: o verbo intransitivo
- O verbo IRE

Exemplo de frase latina para primeira observação

Fornece-se um exemplo de oração latina no singular e no plural, acompanhado de sua correspondente em português. Esses dados servem de base às primeiras observações e deduções.

Exemplo:

A oração com verbo predicativo

Observe as orações latinas e suas correspondentes em português:

Puer parvus est.

O menino é pequeno

Pueri parui sunt.

Os meninos são pequenos

Explicação gramatical

Apresenta-se uma breve explicação sobre o funcionamento do caso latino. Esse dado gramatical sempre toma como referência a língua materna do aluno e procura, em certa medida, aproveitar os conhecimentos fornecidos pela escola média.

Exemplo:

Uma oração tem como termos essenciais o *sujeito* e o *predicado* ($SN_{\text{sujeito}} + SV_{\text{predicado}}$). A constituição do predicado determina os tipos de oração.

Quando a informação contida no predicado resulta da união de um núcleo verbal formado por um *verbo de ligação* (predicativo) com um termo adjacente, que expresse uma qualidade, um estado, um atributo, uma identidade do sujeito esse termo passa a cumprir a função de *predicativo do sujeito*.

Tanto em português quanto em latim, há concordância nominal entre sujeito e predicativo do sujeito. Concordância é a repetição das categorias morfológicas. Em latim, são categorias morfológicas nominais o *gênero*, o *número* e o *caso*. Se o predicado for constituído por um termo pertencente à classe dos adjetivos, todas essas categorias expressas pelo sujeito serão obrigatoriamente repetidas pelo adjetivo. Já se o predicativo do sujeito for um substantivo, a concordância em gênero e número não ocorrerá necessariamente.

O caso que corresponde à função de sujeito é o NOMINATIVO. Assim, os termos nominais (substantivos e adjetivos) que cumprem a função de sujeito são declinados no caso nominativo, já o predicativo do sujeito concorda com ele em caso, gênero (masculino, feminino ou neutro) e número (singular ou plural). O principal verbo de ligação em latim é o verbo *ESSE* (“ser”, “estar”).

Estrutura da oração normalizada

A cada apresentação de uma nova estrutura frasal, são explicitados os componentes oracionais. O intuito é garantir que o aluno atente para a recorrência dessas estruturas e perceba que uma diferença no som (ou na grafia) não corresponde necessariamente a uma diferença formal. Ou seja, que não é a entidade fonética, fisicamente apreensível, que constitui o morfema, mas a oposição decorrente da diferença virtual, que se estabelece entre os sons da língua. Cada estrutura frasal contém os seguintes elementos assim expostos:

$$SN_{S\text{UJ}} + SN_{O\text{BJ.}} / SN_{P\text{Suj}} + SN_{A\text{DV}} + V_{[T/I/L]}.^{16}$$

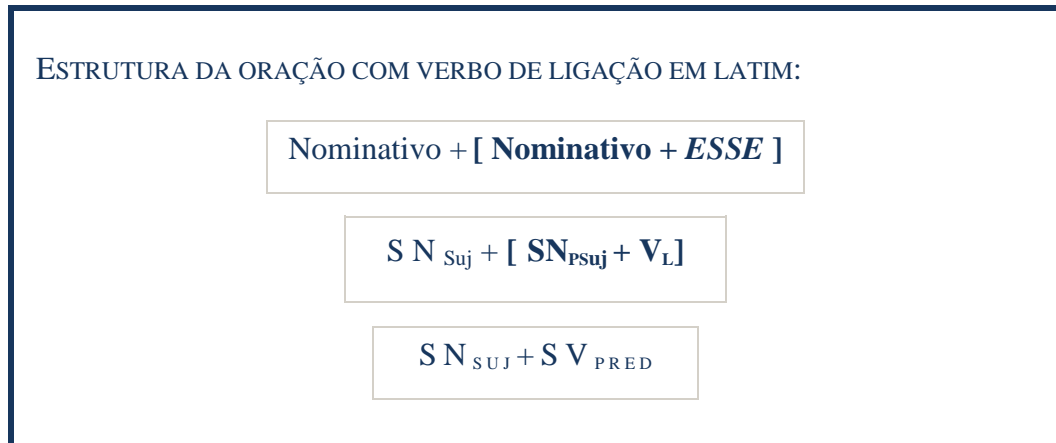
Vale destacar que, como foi dito na descrição do método, a estrutura da oração é sempre fixa e a disposição dos elementos nas orações dos exercícios segue essa ordem canônica. Acredita-se que essa é uma maneira de estimular a *recorrência* da estrutura: os elementos apresentados sempre na mesma posição levam o aluno a assimilar que nem sempre uma diferença fônica (e gráfica) corresponde a uma diferença estrutural. No entanto, é importante advertir que essa ordem estabelecida nada tem de formal. O que é formal é a sintagmática, que em latim se dá, por exemplo, na relação tema x morfema funcional. Sintagmática não deve ser confundida com linearidade. Esta se refere à substância, “ela não é mais que um modo de manifestação, temporal ou espacial, da estrutura lógico-relacional – por isso mesmo atemporal e a-espacial –, que é a sintagmática” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.470, s. v. *Sintagmático*).

É preciso deixar claro ao aluno que a disposição dos elementos no enunciado é um dos recursos da expressividade poética e retórica do qual se vale o estilo. Mas nesse momento do aprendizado, a razão do estabelecimento dessa ordem regular é simplesmente uma tentativa de

¹⁶ Sintagma nominal (sujeito, objeto, predicativo do sujeito, adverbial) e verbo (transitivo, intransitivo, ligação).

“neutralizar” qualquer traço dessa natureza. Essa prática com fins puramente didáticos, contudo, não deve comprometer o entendimento de que, em latim, a grande mobilidade de termos da oração, muito explorada como recurso expressivo, era decorrente da flexão nominal.

Exemplo:



Nessa primeira fase do trabalho, como prevê o método, os verbos aparecem todos no presente do indicativo ativo (3ª pessoa singular e plural). Em cada unidade, fornece-se o dado morfológico paulatinamente e apenas em função do tópico gramatical trabalhado.

Como se sabe, nas gramáticas e dicionários latinos, os verbos são sempre apresentados pela forma da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo; por exemplo, *sum* (verbo *esse*). Inicialmente, os verbos serão apresentados na sua forma de *infinitivo presente ativo*. Como a morfologia verbal ainda não é o foco principal da matéria, a justificativa para a não apresentação desta classe de palavras como o fazem os dicionários é evitar maiores estranhamentos.

No exemplo a seguir, como ocorrerá com a apresentação de todos os dados relativos aos verbos nas unidades iniciais, vêm destacadas as formas de 3ª pessoa (singular e plural), que serão as únicas efetivamente encontradas nos exemplos frasais.

Exemplo:

Morfologia do verbo ESSE (ser, estar)

O verbo *esse*, como o “ser” em português, é um verbo irregular.

Sua conjugação no PRESENTE DO INDICATIVO é a seguinte:

S I N G U L A R	1ª	sum	<i>(eu) sou / estou</i>
	2ª	es	<i>(tu) és / estas</i>
	3ª	est	<i>(ele) é / está</i>
P L U R A L	1ª	sumus	<i>(nós) somos / estamos</i>
	2ª	estis	<i>(vós) sois / estais</i>
	3ª	sunt	<i>(eles) são / estão</i>

Exercícios de aplicação

As orações normalizadas são destinadas a estimular a recorrência das estruturas. Fornecidas sempre naquela ordem canônica, a partir delas são propostos exercícios de transposição para o português. A resolução desses exercícios deve ser acompanhada de observações analíticas propostas pelo professor e realizadas pelos alunos, as quais permitam deduções de traços pertinentes: as diferenças significativas.

Como se viu, a *normalização* é entendida como um mecanismo operatório concebido para reconduzir enunciados complexos a um estado anterior a sua realização concreta, por essa razão, não deve ser confundido com uma unidade discursiva. Por outro lado, também é importante deixar claro que a frase normalizada não é uma mera facilitação para a compreensão do aluno.

O que está em jogo não é a oração em si ou o conteúdo que ela veicula e a habilidade do aluno em decifrá-lo. O que interessa é tão-somente a explicitação de sua estrutura, que

evidencia as oposições de caso, uma vez que o que está em mira é o trabalho com a *forma linguística*, isso é, com a semiótica denotativa. É somente a partir da recorrência que essas estruturas poderão ser internalizadas, formando no aluno a capacidade de reconhecê-las em outras manifestações latinas.

Como se disse, os exemplos de exercícios não se pretendem exaustivos. Somente com essa estrutura frasal foram normalizadas um total de 33 ocorrências, que para essa apresentação foram reduzidas a 10.

Considerando-se que “o verbo *ser* parece realizar, mais nitidamente que qualquer outro [...], a função essencial do verbo na frase: a predicação em sentido lato.” (HJELMSLEV, 1992, p.186); que “A relação entre sujeito e predicado é um caso especial de DETERMINANTE - DETERMINADO que cria o sintagma” (CAMARA, Jr. 1974, p. 175); e, ainda, que “o adjetivo em função predicativa está sujeito às mesmas leis de concordância do adjetivo adnominal” (LIMA, 1995, p.130), todas as ocorrências no texto de sintagmas formados por *substantivo x adjetivo*, quaisquer que fossem as funções desempenhadas pelos substantivos, foram reconduzidas a uma oração com estrutura NOME X NOME X VERBO *SER*, uma vez que se entende que a proposição assim estruturada é própria da caracterização ou identificação dos seres.

Exemplo:

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

- | | |
|---------------------------|-----------------------|
| 1. Musa sicelis est. | 6. Leo magnus est. |
| 2. Regnum sarturnium est. | 7. Flos blandus est. |
| 3. Progenies noua est. | 8. Quercus dura est. |
| 4. Gens ferrea est. | 9. Mel roscidum est. |
| 5. Mensis magnus est. | 10. Fraus prisca est. |

II. Faça o mesmo com as orações a seguir, observando a diferença do verbo e das desinências nominais, em relação às frases do exercício anterior:

1. Musae sicelides sunt.	6. Leones magni sunt.
2. Regna sarturnia sunt.	7. Flores blandi sunt.
3. Progenies nouae sunt.	8. Quercus durae sunt.
4. Gentes ferreae sunt.	9. Mella roscida sunt.
5. Menses magni sunt.	10. Fraudes priscae sunt.

Vocabulário

De maneira geral, procura-se apresentar os itens lexicais, no que se refere à entrada do verbete, de modo muito semelhante àquela encontrada nos dicionários latinos. A diferença inicial se deve apenas à apresentação das formas verbais. Será apenas na unidade em que serão sistematizados os conceitos sobre o sistema verbal que o material apresentará o verbo a partir da sua forma de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Quanto aos itens nominais, inicialmente os vocabulários apresentarão os substantivos na sua forma de nominativo singular e os adjetivos na forma de nominativo masculino singular. A partir da unidade que introduz o caso genitivo, esses itens serão apresentados como nos dicionários de latim: os *substantivos* nas suas formas de *nominativo singular* e *genitivo singular*¹⁷; e os *adjetivos*, nas formas de *nominativo singular masculino*, seguido das desinências de *feminino* e *neutro*, exceto os adjetivos de tema consonântico tradicionalmente

¹⁷ Com a diferença de que não serão realizadas as segmentações arbitrárias na forma de genitivo em função do fornecimento da letra do tema, muito frequentes nos dicionários. Como será visto, optou-se por apresentar-se o vocábulo integralmente.

chamados “de tipo especial”, que se apresentam como os *substantivos (nominativo e genitivo singulares)*.

Sem deixar de insistir na importância da noção de tema – que, vale lembrar, é unidade estrutural, não mera convenção gráfica (LIMA, 1995, p. 127) –, acredita-se que uma apresentação dos itens lexicais diferente da que ora se propõe pode levar o aluno a ter grandes dificuldades no momento em que estiver diante de um dicionário latino. O intuito é, já desde o início, habituá-lo às convenções estabelecidas pelos dicionaristas, uma vez que o trabalho com o latim jamais poderá prescindir da consulta a essas obras.

Após atenta reflexão sobre as barreiras impostas pela descrição tradicional do léxico latino (LONGO, 2006), chegou-se à conclusão de que não será o adiamento no encontro com tais convenções lexicográficas que tornará o trabalho com o texto latino tarefa menos árdua. No entanto, compreender as convenções presentes nessas obras não impede que, em momento oportuno, se comece a criar uma *consciência crítica* diante delas. Porque muitas vezes elas são insatisfatórias.

No momento em que as consultas ao dicionário de latim se fizerem necessárias, elas devem ser guiadas pela consciência de que as informações ali requeridas nem sempre serão suficientes para garantir o entendimento da palavra no contexto específico e dos dados da cultura romana investida no léxico. Por isso, o que vale é saber a que instrumentos recorrer para completar o trabalho. Seja o manual de cultura clássica, seja a gramática, ou as anotações de aula.

Mas, insiste-se, nenhum argumento crítico sobre a descrição apresentada pelos dicionários latinos de que se dispõem atualmente justifica o adiamento na apresentação das suas convenções fundamentais. Refutar o uso do dicionário só contribui para que mais barreiras sejam criadas ao alcance pleno do texto latino.

Exemplo:

VOCABULÁRIO		
blandus , -a, -um <i>adj.</i> : delicado	magnus , -a, -um <i>adj.</i> : grande	puer <i>s.m.</i> : menino
durus , -a, -um <i>adj.</i> : duro	mel <i>n.</i> : mel	quercus <i>s.f.</i> : carvalho
ferreus , -a, -um <i>adj.</i> : férreo	mensis <i>m.</i> : mês	regnum <i>n.</i> : reino
flos <i>s.m.</i> : flor	musa <i>s.f.</i> : musa	roscidus , -a, -um <i>adj.</i> : orvalhado
formido <i>s.f.</i> : temor	nouus , -a, -um <i>adj.</i> : jovem	sarturnius , -a, -um <i>adj.</i> : satúrnio
fraus <i>s.f.</i> : crime	paruus , -a, -um <i>adj.</i> : pequeno	sicelis <i>adj.</i> : siciliano
gens <i>s.f.</i> : geração	priscus , -a, -um <i>adj.</i> : antigo	
leo <i>s.m.</i> : leão	progenies <i>s.f.</i> : raça	

Dado morfológico

Apresenta-se ao final de cada unidade a sistematização dos dados morfológicos. Em forma de tabelas, são fornecidas *as desinências nominais* que, no momento da resolução dos exercícios, deverão ter sido observadas e, de certa forma, deduzidas, a partir da orientação do professor.

Como a prática é exclusivamente receptiva, acredita-se que, do ponto de vista didático, é mais oportuno fornecer a desinência, uma vez que é ela a unidade imediatamente reconhecível nas manifestações latinas. Entende-se por *desinência* o resultado do uso, “a forma terminal dos signos, criada a partir da relação entre o morfema funcional e um tema, em decorrência do ambiente fonético em que aquele se instala ou que ambos instauram” (PRADO, 2007, p.18). Sendo, portanto, a terminação manifestada, substância fônica (ou gráfica) resultante da união do morfema funcional com a vogal do tema ou epentética (ou ainda com a consoante do radical), a desinência não deve ser atribuída ao sistema.

Apresentar desinências, acredita-se, é uma maneira de insistir mais nos exemplos que na teoria, já que são eles que a tornam válida: nesse nível do ensino deve-se partir da prática para a teoria.

O reconhecimento das unidades constantes e limitadas, que há por trás da grande variedade fonética decorrente do uso deve, sem dúvida, estar em vista no processo de aprendizagem. Entretanto, é uma prática mais apropriada para um momento posterior, não tão incipiente, em que o aluno já estiver em condições de trabalhar com ideias mais abstratas, o que pressupõe, por parte dele, o mínimo de maturidade quanto à reflexão linguística.

Por essa razão, mesmo trabalhando com desinências – e não com morfemas funcionais, como sugere Prado (2007, p. 17ss)¹⁸ – propõe-se uma distinção gráfica na apresentação sistematizada dos dados morfológicos: as desinências nominais são destacadas em cores diferentes e o morfema funcional é marcado em itálico como, por exemplo, **pinus**, em que uma análise morfológica revelaria duas partes significativas: o tema [**pino-**], cuja vogal /o/ sofreu um fechamento em /u/¹⁹, e o morfema funcional [**-s**] de nominativo singular. Desse modo, pode-se chamar a atenção para as unidades constantes e de número reduzido presentes nas manifestações dos casos.

¹⁸ A razão para isso é que, do ponto de vista didático, apresentar temas de um lado e morfemas funcionais de outro exige um grande número de informações de natureza fonética que justifique determinadas constituições da substância fônica. Além disso, do ponto de vista teórico, uma apresentação como essa pode levar o aluno iniciante a pensar que a língua é constituída pela soma de suas unidades. O pensamento estrutural mostra que para se apreender o sistema é preciso partir da sua totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que ele encerra.

¹⁹ As marcações gráficas em itálico, que se referem às constantes mórficas, podem receber a devida ênfase na fala do professor, sem que para isso sejam necessárias informações sobre os fonetismos. Como esses dados se referem exclusivamente aos sons e não à diferença, cumpre evitá-los, uma vez que nessa fase do ensino busca-se uma prática sem o acúmulo de informações de natureza não formal.

Exemplo:

As desinências de nominativo

Como se viu, o latim é uma língua de natureza declinatória. Isso significa que além das categorias gramaticais de gênero e número, as palavras pertencentes às classes nominais também apresentam, por meio de uma flexão, a categoria de *caso*, que indica a função sintática.

A noção de tema

Com a resolução dos exercícios anteriores, foi possível observar que apesar de todos os substantivos estarem no caso nominativo, nem sempre as desinências das palavras se mostraram graficamente idênticas, como pode ser visto se tomarmos alguns exemplos de substantivos no singular:

musa	puer	regnum	progenies	mensis	gens	quercus	leo
------	------	--------	-----------	--------	------	---------	-----

O mesmo pode ser notado se observarmos os substantivos no plural:

musae	pueri	regna	progenies	menses	gentes	quercus	leones
-------	-------	-------	-----------	--------	--------	---------	--------

A multiplicidade de terminações para um mesmo *caso* se deve à existência de *variantes temáticas*. A noção de tema será muito importante para o estudo da língua latina.

TEMA

- *Tema* é entidade nominal ou verbal com as determinações morfossintáticas de classe (verbo, substantivo, adjetivo e pronomes).
- É de natureza virtual; portanto, pertence à *língua*, não à *fala*.
- O tema é uma unidade constituída por:

RADICAL +/- VOGAL TEMÁTICA

- A essa unidade juntam-se as flexões de *caso*, *gênero* e *número* (temas nominais) ou *tempo-modo*, *número-pessoa* (temas verbais).
- Os temas devem ser reconhecidos como unidades *virtualmente presentes* em todas as ocorrências nominais e verbais em latim.

Para se reconhecer a variante temática é preciso proceder à comparação dos termos, em todas as suas realizações. Tomando-se somente as formas de nominativo singular e plural, tem-se:

SINGULAR	PLURAL	TEMA ²⁰
musa	musae	[musa-]
puer	pueri	[puero-]
regnum	regna	[regno-]
progenies	progenies	[progenie-]
mensis	menses	[mensi-]
gens	gentes	[genti-]
quercus	quercus	[quercu-]
leo	leones	[leon-]

Não é sempre que a comparação das formas de nominativo singular e plural será suficiente para o reconhecimento dos temas nominais. No entanto, cabe ao professor chamar a atenção para esse dado a cada vez. Aos poucos, com a introdução sistematizada dos demais casos, essa noção fica mais evidente. De todo modo, podem ser usados como termos de comparação as ocorrências frasais, a entrada do vocabulário e, por que não, também as ocorrências do texto original.

²⁰ Graficamente o tema é representado com um tracinho final que é marca de metalinguagem.

OS TEMAS DOS SUBSTANTIVOS

A pluralidade de formas de nominativo (singular e plural), observada tanto no vocabulário quanto nas frases dos exercícios, se deve à existência de variantes temáticas. Os substantivos latinos se dividem em seis grupos temáticos: tema em **-a-**, tema em **-e-**, tema em **-i-**, tema em **-o-**, tema em **-u-** e temas **consonantais**²¹. Cada um desses grupos de variantes apresentará uma regularidade na declinação (i. e., na mudança de desinência de acordo com as categorias de *caso* e também de gênero e número). Vejamos exemplos de substantivos no nominativo singular e plural pertencentes a cada um dos grupos temáticos:

Tema	-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-		
Gênero:	M/F	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F		
Nominativo	<i>Sing</i>	musa	pinus	puer	caelum	mensis	mare	dux	decus	quercus	cornu	res
	<i>Plur</i>	musae	pini	pueri	caela	menses	maria	duces	decora	quercus	cornua	res
Ex:	[musa-] f: <i>musa</i>	[pino-] f: <i>pinho</i>	[puero-] m: <i>menino</i>	[caelo-] céu	[mensi-] f: <i>mês</i>	[mari-] mar	[duc-] m: <i>general</i>	[decor-] honra	[quercu-] m: <i>carvalho</i>	[cornu-] <i>corneta</i>	[re-] f: <i>coisa</i>	

OS TEMAS DOS ADJETIVOS

São classificadas como adjetivos as palavras que designam atributos ou propriedades dos seres e coisas nomeados pelos substantivos. Desse modo, o adjetivo deve ser entendido como a *expansão*²² do substantivo: sua presença sempre pressupõe a presença de um substantivo com o qual estabelece uma relação de *determinante / determinado*.

Substantivos e adjetivos pertencem à classe nominal. Assim como em português, há, em latim, concordância nominal entre essas classes de palavras: os adjetivos repetem as

²¹ As gramáticas latinas apresentam esses temas em cinco grupos denominados “**declinações**”: a *1ª declinação* são as palavras de tema em **-a-**; a *2ª declinação*, as palavras de tema em **-o-**; a *3ª declinação* se divide em dois subgrupos, um das palavras de tema em **-i-** e outro das de tema **consonantal**; à *4ª declinação* pertencem as palavras de tema em **-u-**; e finalmente à *5ª declinação*, as palavras de tema em **-e-**.

²² *Expansão*: qualquer termo que pode ser acrescentado ou extraído de um enunciado sem que as relações entre seus elementos sejam modificadas.

categorias morfológicas expressas pelos substantivos. Isso significa que os adjetivos latinos concordam com os substantivos em *gênero, número e caso*.

Como foi possível observar com a resolução dos exercícios, os adjetivos latinos se apresentam no vocabulário de três maneiras diferentes: **magnus, -a, -um** (grande); **mollis, -e** (tenro) e **sicelis** (siciliano). Essas três maneiras diferentes com que se convencionou apresentar os adjetivos devem-se ao fato de essa classe se dividir em três grupos temáticos²³: tema em **-o/-a-**, tema em **-i-** e tema **consonantal**.

O adjetivo **magnus, -a, -um** é um adjetivo de tema **-o/a-**. Essas são respectivamente suas formas de masculino (*magnus*), feminino (*magna*) e neutro (*magnum*), todas no nominativo singular. Isso significa que, quando um adjetivo que apresenta essa variante temática estiver concordando com um *substantivo masculino* ou com um *substantivo neutro*, ele irá se comportar morfológicamente como um substantivo de tema em **-o-** [magno-] e seguir seu modelo de declinação. Já para concordar com *substantivos femininos*, o adjetivo apresentará o mesmo comportamento de um substantivo de tema **-a-** [magna-], isto é, seguirá o seu modelo de declinação.

IMPORTANTE!

Não confundir *concordância* com repetição de elementos graficamente idênticos: um substantivo pode ser de tema em **-o-** e ser feminino como **pinus** (*pinho*). O adjetivo desse grupo temático que concordar com esse substantivo vai comportar-se como um nome de tema em **-a-**: **pinus nautica** (*o pinho náutico*). É preciso atentar para o gênero (além do número e do caso) do substantivo para reconhecer a concordância

Já o adjetivo **mollis, -e** é um exemplo de palavra de tema em **-i-** [mollis-]. A apresentação no vocabulário traz a forma de nominativo singular, masculino/feminino (*mollis*) e neutro (*molle*). Esses adjetivos comportam-se em geral como os substantivos de tema em **-i-**, seguindo seu modelo de declinação.

²³ que as gramáticas latinas dividem em duas “classes”: são da 1ª classe os adjetivos de tema **-o/a-**, e da 2ª classe, os de tema em **-i-** e de tema **consonântico**. A declinação dos adjetivos, porém, segue os mesmos modelos dos substantivos.

Também os adjetivos de temas consonantais, como **sicelis** [sicelid-], são apresentados no vocabulário em sua forma de nominativo singular, que é igual tanto para o masculino, quanto para o feminino e para o neutro. Seu modelo de declinação segue o dos substantivos com essa mesma variante temática.

Observação:

Alguns adjetivos de tema -i- são apresentados nos dicionários como adjetivos de tema consonantal. É o que ocorre com adjetivos como **rubens** [rubenti-].

Vejamos um quadro sistematizado com exemplos de adjetivos nas suas formas de nominativo singular e plural:

Tema		- o/a -			-i-				-(cons.)-	
Gênero:		M	F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N
Nominativo	<i>Sing</i>	magnus	magna	magnum	mollis	molle	rubens		sicelis	
	<i>Plur</i>	magni	magnae	magna	molles	mollia	rubentes	rubentia	sicelides	sicelida
Ex:		[magno-]	[magna-]	[magno-]	[moll-]		[rubenti-]		[sicelid-]	

Quadro com as desinências de NOMINATIVO correspondentes a cada grupo temático

Tema:		-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-
Gênero:		M/F	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F
Nominativo	<i>Sing</i>	-a	-us	-um	-is	-e	<i>cf. vocabulário</i>		-us	-u	-es
	<i>Plur</i>	-ae	-i	-a	-es	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es

Exemplo:

A oração com verbo intransitivo

Observe as orações latinas e suas correspondentes em português:

Campus flaesceat.

O campo floresce.

Campi flaescent.

Os campos florescem.

Bellum est.

A guerra existe.

Bella sunt.

As guerras existem.

Explicação gramatical

O conteúdo do predicado constitui uma informação a respeito do sujeito da oração. Quando essa informação é dada integralmente por meio de um núcleo verbal, isto é, sem a necessidade de um termo adjacente para completar o sentido da mensagem, temos o predicado formado por verbo intransitivo.

O verbo *esse* pode, por si só, constituir predicado da oração. Desse modo, passa a ter valor intransitivo e possui o sentido de “existir”.

Estrutura da oração normalizada

ESTRUTURA DA ORAÇÃO COM VERBO INTRANSITIVO EM LATIM:

Nominativo + [*Verbo*]

S N_{Suj} + [V_I]

S N_{SUJ} + S V_{PRED}

Morfologia do verbo REDIRE (voltar)

O verbo *redire* é um verbo irregular. Ele é uma forma composta do verbo *ire* (“ir”) (como *inire* “surgir”), e segue o seu modelo de conjugação que, no PRESENTE DO INDICATIVO ATIVO, é a seguinte:

verbo		ire	<i>ir</i>	redire	<i>voltar</i>
S I N G U L A R	1 ^a	eo	<i>(eu) vou</i>	redeo	<i>(eu) volto</i>
	2 ^a	is	<i>(tu) vais</i>	redis	<i>(tu) voltas</i>
	3 ^a	it	<i>(ele) vai</i>	redit	<i>(ele) volta</i>
P L U R A L	1 ^a	imus	<i>(nós) vamos</i>	redimus	<i>(nós) voltamos</i>
	2 ^a	itis	<i>(vós) vais</i>	reditis	<i>(vós) voltais</i>
	3 ^a	eunt	<i>(eles) vão</i>	redeunt	<i>(eles) voltam</i>

Em latim, os pronomes pessoais sujeitos são empregados apenas quando há a intenção de enfatizar a pessoa verbal. Essa possibilidade se deve ao fato de que as formas verbais em latim – tal como ocorre em português – marcam, por meio de uma flexão, o número (singular, plural) e a pessoa (1^a, 2^a, 3^a) verbal:

S I N G U L A R	1ª	-O
	2ª	-S
	3ª	-t
P L U R A L	1ª	-mus
	2ª	-tis
	3ª	-nt

Em cada nova unidade, fornece-se um pequeno exemplo de morfologia verbal. Procura-se apresentar sempre um verbo que tenha ocorrido no texto, ou então que sirva de exemplo-base para trabalhar com as frases dos exercícios, como é o caso do verbo *ire* que, além de ser bastante recorrente, porque forma inúmeros compostos, é um verbo de conjugação irregular. Desse modo, vai-se habituando o aluno, paulatinamente, a esses fatos da língua.

A conjugação será trabalhada de forma sistematizada apenas após a apresentação geral dos casos. Isso porque a ênfase, nesse momento, deve ser dada à morfossintaxe dos casos. Salvo algumas diferenças, o sistema verbal latino, no que diz respeito à conjugação, é muito semelhante ao do português, o que permite trabalhar inicialmente com algumas poucas formas, sem a necessidade de maiores detalhamentos.

Exercícios de aplicação

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| 1. Vltima aetas uenit. | 6. Decus init. |
| 2. Virgo redit. | 7. Magnus mensis procedit. |
| 3. Regnum saturnium redit. | 8. Serpens occidit. |
| 4. Ferrea gens desinit. | 9. Fallax herba occidit. |
| 5. Aurea gens surgit. | 10. Vestigium manet. |

II. Faça o mesmo com as orações a seguir, observando a diferença do verbo e das desinências nominais, em relação às frases do exercício anterior:

- | | |
|-----------------------------|------------------------------|
| 1. Vltimae aetates ueniunt. | 6. Decores ineunt. |
| 2. Virgines redeunt. | 7. Magni menses procedunt. |
| 3. Regna saturnia redeunt. | 8. Serpentes occidunt. |
| 4. Ferreae gentes desinunt. | 9. Fallaces herbae occidunt. |
| 5. Aureae gentes surgunt. | 10. Vestigia manent. |

Vocabulário

VOCABULÁRIO

aetas <i>s.f.</i> : idade	flauescēre <i>v.intr.</i> : florescer	regnāre <i>v.tr.</i> : reinar
aureus , -a, -um <i>adj.</i> : áureo	gens <i>s.f.</i> : geração	regnum <i>s.n.</i> : reino
Apollo <i>s.m.</i> : Apolo	herba <i>s.f.</i> : erva	sarturnius , -a, -um <i>adj.</i> : satúrnio
bellum <i>s.n.</i> : guerra	inīre <i>v.intr.</i> : surgir	serpens <i>s.f.</i> : serpente
campus <i>s.m.</i> : campo	magnus , -a, -um <i>adj.</i> : grande	surgēre <i>v.intr.</i> : surgir
decus <i>s.n.</i> : honra	manēre <i>v.intr.</i> : permanecer	uenīre <i>v.intr.</i> : chegar
desinēre <i>v. intr.</i> : acabar	mensis <i>s.m.</i> : mês	uestigium <i>s.n.</i> : vestígio
esse <i>v. intr.</i> : existir	occidēre <i>v.intr.</i> : morrer	uirgo <i>s.f.</i> : virgem
fallax <i>adj.</i> : enganador	procedēre <i>v.intr.</i> : avançar	ultimus , -a, -um <i>adj.</i> : último
ferreus , -a, -um <i>adj.</i> : férreo	redīre <i>v.intr.</i> : voltar	

Note-se que, com a apresentação apenas do *caso nominativo*, pode-se trabalhar detidamente com a noção de concordância nominal de gênero e número. Com isso, introduz-se a noção de tema, e a partir dela pode-se mostrar na prática a premissa de que nem sempre uma diferença no som (ou na grafia) corresponde a uma diferença linguística. Esse é o ponto fundamental para o trabalho com o latim.

O encaminhamento nesses moldes torna possível ainda trabalhar a morfologia juntamente com a sintaxe, uma vez que são as estruturas oracionais que regulam a apresentação da matéria.

UNIDADE II – o caso acusativo e a oração com predicado formado por verbo transitivo.

A partir dessa unidade, começam a ser trabalhadas efetivamente as oposições de caso. Na apresentação do caso acusativo, o enfoque deve ser dado não apenas à sua configuração morfológica, que em relação à do nominativo representa uma diferença linguística, mas também, e principalmente, à estrutura do predicado em que esse caso figura. Apresentam-se a seguir as partes comentadas dessa unidade.

Título e conteúdo

<p>Unidade II</p> <p style="text-align: center;">O C a s o A c u s a t i v o</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-left: auto; margin-right: auto;"> <p style="text-align: center;">Nesta Unidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A oração com verbo transitivo ▪ A oposição nominativo x acusativo ▪ Acusativo singular e plural </div>

Na unidade anterior, trabalhou-se apenas com as oposições de número e de gênero. A partir desse ponto, o destaque deverá ser dado também para as oposições sistêmicas de caso. Com relação a essa categoria nominal, poderão ser observadas aquelas diferenças na expressão que correspondem a diferenças de conteúdo. O importante aqui é dar destaque para o fato de que a oposição que há entre nominativo e acusativo, também se estende a todos os demais casos que serão estudados posteriormente. E que o que determina essa oposição é a presença de um determinado tipo de verbo que, por suas propriedades semânticas, exige a presença do acusativo.

Exemplo para primeira observação

A o r a ç ã o c o m v e r b o t r a n s i t i v o

Observe as orações latinas e suas correspondentes em português:

Poeta siluam cantat

O poeta canta a floresta.

Poetae siluas cantant.

Os poetas cantam as florestas.

Sempre que possível, devem ser apresentadas, sobretudo nos exemplos, frases no singular acompanhadas de suas correspondentes no plural, para que se possam destacar as oposições de número. Em razão disso, a atenção deve ser grande na escolha da frase que figurará no primeiro exemplo da unidade.

Mesmo que a teoria autorize determinadas mudanças flexionais como as de número ou de tempo verbal, porque certas formas estão previstas pela potencialidade do sistema, cumpre evitar aquelas ocorrências cuja correspondente plural seja estranha ao uso do latim. É interessante ter a apresentação dos exemplos regulada pelo uso, uma vez que um dos principais argumentos que defende a revisão das práticas tradicionais se constrói sobre as bases da legitimidade das fontes textuais latinas. Como essas apresentações são sempre reguladas pelo professor, pode-se lançar mão de recursos de consulta de ocorrências em *cópus* eletrônicos para confirmar se determinadas ocorrências eram ou não usuais em latim²⁴.

²⁴ Para esse trabalho, as consultas foram feitas com o uso da ferramenta eletrônica de pesquisa em base de dados *Diogenes* (versão 3.1.6) ©1999-2007, desenvolvida por P.J. Heslin e disponível para download em <http://www.dur.ac.uk/p.j.heslin/Software/Diogenes/index.php>

Explicação gramatical

O verbo é o eixo estrutural da oração: é ele que garante formalmente a existência do predicado. Há verbos, como se viu, que dispensam termos adjacentes para completar-lhes o sentido, nesses casos temos o predicado formado por verbos *intransitivos*. Quando a informação do predicado é dada por meio de um núcleo verbal que implica um termo adjacente para completar o sentido da mensagem, temos o predicado formado por verbo transitivo. Em português, o complemento que se liga diretamente ao verbo transitivo cumpre a função de objeto direto, daí a classificação do verbo como *transitivo direto*. Em latim, o caso que correspondente à função que em português recebe o nome de *objeto direto* é o ACUSATIVO.

Mas vale notar que a distinção “direto” / “indireto” do português não é pertinente em latim. Isso porque as funções sintáticas em latim se manifestam por meio de flexões nominais.

Os substantivos que desempenham a função de complemento do verbo transitivo são identificados pelas desinências específicas do caso acusativo. Quando um adjetivo *concordar* com um substantivo no acusativo, ele repetirá as mesmas *categorias gramaticais* expressas por este termo, formando um sintagma nominal de objeto (SN_{OBJ}), cujo núcleo será o substantivo.

A explicação gramatical deve tomar como pressuposto os conhecimentos do aluno com relação às descrições da língua materna adquiridas ao longo de sua formação escolar.

Estrutura da oração normalizada

ESTRUTURA DA ORAÇÃO COM VERBO TRANSITIVO EM LATIM:

Nominativo + [Acusativo + Verbo]

S N_{Suj} + [SN_{Obj} + V_T]

S N_{SUJ} + S V_{PRED}

Exercícios de aplicação

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

1. Aries uellus mutat.	5. Sandyx agnum uestit.
2. Puer uirtutem cognoscit.	6. Altum caelum nouam progeniem demittit.
3. Pinus nautica mercem non mutat.	7. Dura quercus roscidum mellum sudat.
4. Puer terram aspicit.	8. Armentum magnum leonem non metit.

II. Faça o mesmo com as orações a seguir, observando a diferença do verbo e das desinências nominais, em relação às frases do exercício anterior:

1. Aries uellera mutant.	5. Sandices agnos uestiunt.
2. Pueri uirtutes cognoscunt.	6. Altum caelum nouas progenies demittit.
3. Pinus nauticae merces non mutant.	7. Durae quercus roscida mella sudant.
4. Pueri terras aspiciunt.	8. Armenta magnos leones non metunt.

Nessas unidades iniciais, que têm como foco o estudo da declinação, não há necessidade de explicitação do dado morfológico verbal uma vez que os verbos são apresentados apenas no presente do indicativo ativo. Como a prática é sempre receptiva, os comentários sobre morfologia verbal podem ser reduzidos a apenas algumas informações essenciais como, por exemplo, como se manifesta a oposição singular e plural da 3ª pessoa.

Vocabulário

Ainda nessa etapa, as unidades léxicas nominais são apresentadas apenas em sua forma de nominativo singular. O número bastante reduzido de unidades constantes dos exercícios facilita a sua localização no vocabulário. As diferenças nas terminações podem ser destacadas a fim de proceder a uma comparação das formas de nominativo e acusativo (singular e plural), de modo a chamar a atenção para a dedução das variantes temáticas.

Por exemplo, a palavra *agnus* (nominativo singular), ocorre nos exercícios no acusativo singular *agnum* e plural *agnos*. A sua comparação permite dedução do tema [agno-].

VOCABULÁRIO		
agnus <i>m.</i> : cordeiro	magnus , -a, -um <i>adj.</i> : grande	puer <i>m.</i> : menino
altus , -a, -um <i>adj.</i> : alto	mellum <i>n.</i> : mel	quercus <i>f.</i> : carvalho
aries <i>m.</i> : carneiro	merx <i>f.</i> : mercadoria	roscidus , -a, -um <i>adj.</i> : orvalhado
armentum <i>n.</i> : rebanho	metēre <i>v.tr.</i> : temer	sandyx <i>m.e.f.</i> : vermelho
aspicere <i>v.tr.</i> : ver	mutare <i>v.tr.</i> : mudar	sudare <i>v.tr.</i> : destilar
caelum <i>n.</i> : céu	nauticus , , -a, -um <i>adj.</i> : náutico	terra <i>f.</i> : terra
cognoscere <i>v.tr.</i> : conhecer	non <i>adv.</i> : não	uellus <i>n.</i> : velo
demittere <i>v.tr.</i> : enviar	nouus , -a, -um <i>adj.</i> : novo	uestire <i>v.tr.</i> : vestir
durus , -a, -um <i>adj.</i> : duro	pinus <i>f.</i> : pinheiro	uirtus <i>f.</i> : virtude
leo <i>m.</i> : leão	progenies <i>f.</i> : raça	

Dado morfológico

As desinências de acusativo

Com a resolução dos exercícios anteriores, foi possível observar que as mesmas palavras pertencentes às classes dos substantivos e dos adjetivos podem se apresentar sob formas diferentes, dependendo da função sintática que estiverem desempenhando na oração. Para entender o sentido da oração latina, é preciso atentar para as terminações das palavras. As desinências de acusativo seguem uma regularidade determinada pela variante temática.

OS TEMAS DOS SUBSTANTIVOS

Vejam os exemplos de substantivos no caso acusativo singular e plural pertencentes a cada um dos grupos temáticos:

Tema	-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-	
Gênero:	M/F	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	
<i>Acusativo</i>	<i>Sing</i>	musam	pinum	caelum	mensem	mare	ducem	decus	quercum	cornu	rem
	<i>Plur</i>	musas	pinos	caela	mensis	maria	duces	decora	quercus	cornua	res
Ex:	[musa-] f: <i>musa</i>	[pino-] f: <i>pinho</i>	[caelo-] céu	[mensi-] f: <i>mês</i>	[mari-] mar	[duc-] m: <i>general</i>	[decor-] honra	[quercu-] m: <i>carvalho</i>	[cornu-] <i>corneta</i>	[re-] f: <i>coisa</i>	

OS TEMAS DOS ADJETIVOS

Vejam um quadro sistematizado com exemplos de adjetivos nas suas formas de acusativo singular e plural:

Tema	- o/a -			-i-				-(cons.)-		
Gênero:	M	F	N	M/F	N	M/F	N	M/F	N	
<i>Acusativo</i>	<i>Sing</i>	magnum	magnam	magnum	mollem	molle	rubentem	rubens	sicelidem	sicelis
	<i>Plur</i>	magnum	magnas	magna	mollis	mollia	rubentes	rubentia	sicelides	sicelida
Ex:	[magno-]	[magna-]	[magno-]	[mollis-]		[rubenti-]		[sicelid-]		

Quadro com as desinências de ACUSATIVO correspondentes a cada grupo temático											
Tema:		-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-
Gênero:		M/F	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F
<i>Acusativo</i>	<i>Sing</i>	-am	-um	-um	-em	-e	-em	<i>*igual ao nominativo cf. vocabulário</i>	-um	-u	-em
	<i>Plur</i>	-as	-os	-a	-is (-es)	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es

Ao final das unidades, fornece-se o quadro sistematizado com todas as desinências nominais correspondentes às variantes temáticas vistas. É um quadro como esse que será usado na resolução de exercícios e atividades propostas.

Quadro das desinências de Nominativo e Acusativo											
Tema:		-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-
Gênero:		M/F	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F
<i>Nominativo</i>	<i>Sing</i>	-a	-us	-um	-is	-e	<i>cf. vocabulário</i>		-us	-u	-es
	<i>Plur</i>	-ae	-i	-a	-es	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
<i>Acusativo</i>	<i>Sing</i>	-am	-um	-um	-em	-e	-em	<i>*igual ao nominativo</i>	-um	-u	-em
	<i>Plur</i>	-as	-os	-a	-is (-es)	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es

UNIDADE III – o caso genitivo e a expansão nominal.

Nessa unidade, os itens lexicais pertencentes às classes nominais passam a ser apresentadas como nos dicionários, sem, no entanto, que se deixe de enfatizar a noção de tema e sua importância para a compreensão do sistema declinatório do latim. Apresentam-se a seguir as partes dessa unidade, acompanhadas de breves comentários.

Título e conteúdo

Unidade III

O Caso Genitivo

Nesta Unidade:

- O complemento do nome
- Genitivo singular e plural
- O reconhecimento das variantes temáticas

O genitivo é, em geral, um caso acessório. Um termo no genitivo expande o núcleo nominal que ora cumpre o papel de sujeito oracional, ora integra o predicado. Em razão disso, a apresentação desse caso não precisaria ser feita necessariamente depois do acusativo. No entanto, optou-se por seguir-se a ordem de apresentação da gramática tradicional, pelo fato de a morfologia do genitivo poder ser aproveitada para o reconhecimento das variantes temáticas, já na apresentação da unidade vocabular.

Exemplos para primeira observação

O complemento do nome

Observe as orações latinas e suas correspondentes em português:

Vestigia manent.

Os vestígios permanecem.

Vestigia sceleris manent.

Os vestígios do crime permanecem.

Puer uitam accipit.

O menino experimenta a vida.

Puer uitam deorum accipit.

O menino experimenta a vida dos deuses.

Explicação gramatical

O CASO GENITIVO

Nas unidades anteriores, ao estudarmos os adjetivos, trabalhamos com o conceito de **expansão** nominal, e vimos que a relação que une um adjetivo a um substantivo é uma relação de determinante-determinado. Agora, veremos que esta mesma relação também pode ser expressa pela combinação de dois substantivos.

Em latim, o substantivo que cumpre o papel de determinante vem morfologicamente marcado pela flexão do *caso genitivo*: “vestigia sceleris”: “vestigia” é o nominativo plural e núcleo do sintagma que tem como *determinante* “sceleris” declinado no **genitivo**. Em português, esta relação se expressa pelo intermédio da preposição DE, que

rege o nome determinante: em “vestígios **do** crime”, “vestígios” é o *determinado*, o núcleo do sintagma, e tem como *determinante* “crime” regido pela preposição “de”²⁵.

Entende-se que é fundamental trabalhar o genitivo a partir do conceito de expansão, uma vez que é por esse conceito que se pode entender que esse caso ocupa uma posição diferente das do nominativo e do acusativo na hierarquia proposicional.

A EXPANSÃO NOMINAL

Agora que conhecemos o caso genitivo, vamos organizar, em relação ao conceito de **expansão** nominal, os conhecimentos adquiridos até o momento.

Vimos quadro modos de realização da expansão nominal:

- 1º A expansão nominal com **adjetivo em função predicativa**:

Vestigia inrita sunt. Em que o adjetivo (*determinante*) está ligado ao substantivo (*determinado*) em uma estrutura de predicado, isto é, mediado por um verbo. Essa relação é marcada tanto pela concordância nominal (de caso, gênero e número) quanto pela presença do verbo de ligação.

- 2º A expansão nominal com um **adjetivo em função adnominal**:

Durae quercus roscida mella sudant. Em que os adjetivos acompanham os substantivos, concordando com eles, isto é, repetindo as categorias morfológicas expressas por eles (caso, gênero e número).

- 3º A expansão nominal com **substantivo em função predicativa**:

²⁵ A gramática normativa do português faz uma diferenciação para esse tipo de relação nominal por meio da preposição “de”: quando o complemento é *acessório* chama-se *adjunto adnominal formado por locução adjetiva*: herói de Troia; e quando é *integrante*, *complemento nominal*: “medo de leão”. Essa distinção não é pertinente em latim. O genitivo é o caso equivalente a esses dois tipos de complemento do nome em português.

Polio consul est. Em que o substantivo *determinante* (*consul*) está inserido em uma estrutura de predicado, e se relaciona com o substantivo *determinado* (*Polio*) por meio de um verbo de ligação (*est*), concordando em caso (nominativo).

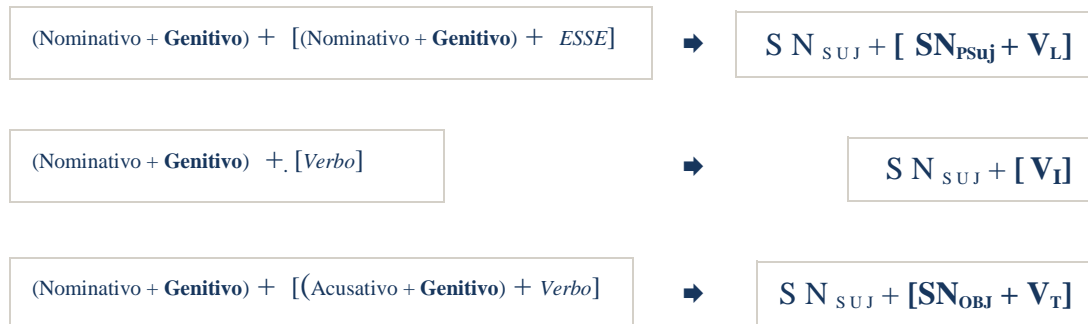
- 4° A expansão nominal com **substantivo em função adnominal**:

Puer uitam deorum accipit. Em que o substantivo *determinante* apresenta desinência própria do **caso genitivo** e forma sintagma com o substantivo *determinado*, qualquer que seja o caso em que ele esteja.

Assim, o genitivo participará da estrutura do sintagma, qualquer que seja a estrutura oracional.

Estrutura da oração normalizada

ESTRUTURA DO SINTAGMA CONSTITUÍDO POR GENITIVO:



O genitivo ainda pode ainda figurar em outras estruturas, que ocorrem com os casos dativo e ablativo. Mas estas aqui apresentadas já são suficientes para levar o aluno a entender que o genitivo sempre expande um núcleo nominal, qualquer que seja sua função na oração.

Exercícios de aplicação

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. Puer cara soboles dei est. | 4. Puer tractus maris aspicit. |
| 2. Vestigium sceleris manet. | 5. Puer uitam dei accipit. |
| 3. Paucum uestigium priscae fraudis subest. | |

II. Faça o mesmo com as orações a seguir, observando as em relação às frases do exercício anterior:

- | | |
|--|------------------------------------|
| 1. Pueri carae soboles deorum sunt. | 4. Pueri tractus marium aspiciunt. |
| 2. Vestigia scelerum manent. | 5. Pueri uitas deorum accipiunt. |
| 3. Pauca uestigia priscarum fraudum subsunt. | |

Nos exercícios, é interessante explorar a oposição singular x plural sempre que possível. Cumpre, no entanto, evitar práticas produtivas por parte do aluno, uma vez que se podem formar exemplos que não são atestados no uso. É o professor que fornece as frases dos exercícios.

Vocabulário

VOCABULÁRIO

aspicĕre <i>v.tr.:</i> ver	paucus, -a, -um <i>adj.:</i> pouco
accipere <i>v.tr.:</i> experimentar	priscus, -a, -um <i>adj.:</i> antigo
carus, -a, -um <i>adj.:</i> caro	puer, pueri <i>m.:</i> menino
deus, dei <i>m.:</i> deus	scelus, sceleris <i>n.:</i> crime
esse <i>v.l.:</i> ser	soboles, sobolis <i>f.:</i> descendência
fallax, fallacis <i>adj.:</i> enganador	subesse <i>v.intr.:</i> restar
fraus, fraudis <i>f.:</i> crime	tractus, tractus <i>m.:</i> extensão
herba, herbae <i>f.:</i> erva	uenenus, ueneni <i>m.:</i> veneno
manĕre <i>v.intr.:</i> permanecer	uestigium, uestigii <i>n.:</i> vestígio
mare, maris <i>n.:</i> mar	uita, uitae <i>f.:</i> vida
occidĕre <i>v.intr.:</i> morrer	

A partir desta unidade, os itens nominais serão apresentados nos vocabulários seguindo o modo como o fazem os dicionários de latim. A única diferença é o fato de não se realizarem aqueles cortes arbitrários nas formas de genitivo com o intuito de fornecer a letra do tema, como por exemplo em *fallax*, *-acis*; *fraus*, *-dis*; *scelus*, *-eris*, etc. Optou-se por apresentar o vocábulo inteiro.

Dado morfológico

AS DESINÊNCIAS DE GENITIVO

Os temas dos substantivos

Vejamos exemplos de substantivos no caso genitivo singular e plural pertencentes a cada um dos grupos temáticos:

Tema		-a-	-o-	-i-	-(cons.)-	-u-	-e-
Gênero:		M/F	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F
<i>Genitivo</i>	<i>Sing</i>	<i>musae</i>	<i>pini</i>	<i>mensis</i>	<i>ducis</i>	<i>quercus</i>	<i>rei</i>
	<i>Plur</i>	<i>musarum</i>	<i>pinorum</i>	<i>mensium</i>	<i>ducum</i>	<i>quercuum</i>	<i>rerum</i>
Ex:		[musa-] <i>f: musa</i>	[pino-] <i>f: pinho</i>	[mensi-] <i>f: mês</i>	[duc-] <i>m:</i> <i>general</i>	[quercu-] <i>m:</i> <i>carvalho</i>	[re-] <i>f:</i> <i>coisa</i>

Os temas dos adjetivos

Vejamos um quadro sistematizado com exemplos de adjetivos nas suas formas de genitivo singular e plural:

Tema		- o/a -		-i-	-(cons.)-	
Gênero:		M/N	F	M/F/N	M/F/N	
<i>Genitivo</i>	<i>Sing</i>	<i>magni</i>	<i>magnae</i>	<i>mollis</i>	<i>rubentis</i>	<i>sicelidis</i>
	<i>Plur</i>	<i>magnorum</i>	<i>magnarum</i>	<i>mollium</i>	<i>rubentium</i>	<i>sicelidum</i>
Ex:		[magno-]	[magna-]	[molti-]	[rubenti-]	[sicelid-]

Quadro com as desinências de GENTIVO correspondentes a cada grupo temático

<i>Tema:</i>		-a-	-o-	-i-	-(cons.)-	-u-	-e-
Gênero:		M/F	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F
<i>Genitivo</i>	<i>Sing</i>	-ae	-i	-is	-is	-us	-ei
	<i>Plur</i>	-arum	-orum	-ium	-um	-uum	-erum

Nota sobre a morfologia do caso genitivo

Como vimos, a noção de tema é muito importante para o trabalho com o latim, uma vez que é devido à existência de *variantes temáticas* que encontramos várias diferenças fônicas (e gráficas) nas terminações, que correspondem a um mesmo caso. Assim, é necessário saber qual é o tema de determinada palavra para saber como ela se comporta no uso.

Aprendendo a reconhecer o tema a partir da comparação das terminações de nominativo e genitivo:

Como se pôde perceber, muitas vezes, não é possível reconhecer o tema na forma de nominativo singular. Isso se deve ao fato de que essas formas foram as que mais modificações sofreram por conta do uso da língua latina por seus falantes. Mas ao notarmos todas as demais ocorrências dos outros casos, conseguimos reconhecer aquela unidade estrutural. Assim, os dicionários e as gramáticas convencionaram apresentar, junto com a forma de nominativo singular, também a forma de genitivo singular. Desse modo é possível saber qual é o tema da palavra e, com isso, saber o seu modelo de uso.

Para as palavras de tema em **-a-**, o genitivo singular é **-ae**. Assim, por exemplo, uma palavra como **arista** no nominativo singular, tem sua forma de genitivo singular **aristae**: tema [arista-].

Para as palavras de tema em **-o-**, o genitivo singular é **-i**. Assim, por exemplo, uma palavra como **cibus** no nominativo singular, tem sua forma de genitivo singular **cibi**: tema [cibo-].

Para as palavras de tema em **-e-**, o genitivo singular é **-ei**. Assim, por exemplo, uma palavra como **res** no nominativo singular, tem sua forma de genitivo singular **rei**: tema [re-].

Para as palavras de tema em **-u-**, o genitivo singular é **-us**. Assim, por exemplo, uma palavra como **quercus** no nominativo singular, tem sua forma de genitivo singular **quercus**: tema [quercu-].

Já para os temas em **-i-** e em **-cons-**, a diferença é notada pela terminação de genitivo plural. Assim, para todas as palavras de tema em **-i-**, o genitivo singular é **-is** e o plural é **-ium**. Por exemplo, uma palavra como **orbis** no nominativo singular, tem sua forma de genitivo singular **orbis** e o plural **orbium**: tema [orbi-].

Para as palavras de tema em **-cons-**, o genitivo singular é **-is** e o plural é **-um**. Assim, por exemplo, uma palavra como **dux** no nominativo singular, tem sua forma de genitivo singular **ducis** e o plural **ducum**: tema [duc-].

- DICA -

Em geral, o comportamento das palavras de tema em **-i-** e **-cons-** é muito parecido. Assim, nem sempre a distinção entre um e outro é necessária. Mas, para ajudar a reconhecer cada um deles pelas formas de nominativo e genitivo singular vale a dica:

Serão de tema **-i-** as palavras cujas formas de nominativo e genitivo tiverem o mesmo número de sílabas: **orbis, orbis** (*or-bis*: 2 sílabas).

Serão de tema **consonantal** aquelas cujas formas de nominativo e genitivo tiverem um número diferente de sílabas: **dux, ducis** (*dux*: 1 sílaba; *du-cis*: 2 sílabas).

A partir de agora os substantivos serão apresentados em suas formas de nominativo e genitivo singulares. Note que, exceto para as palavras de tema em **-o-**, a letra do tema sempre aparece nas formas de genitivo.

- **Palavras de tema em -A-:**
terra, terrae *f.* [terra-]
- **Palavras de tema em -O-:**
cibus, cibi *m.* [cibo-]; ager, agri *m.* [agro-]; puer, pueri *m.* [puero-];
armentum, armenti *n.* [armento-]
- **Palavras de tema em -E-:**
res, rei *f.* [re-]
- **Palavras de tema em -U-:**
quercus, quercus *f.* [quercu-]; cornu, cornus *n.* [cornu-]
- **Palavras de tema em -I-:**
orbis, orbis *m.* [orbi-]; mare, maris *n.* [mari-]

- **Palavras de tema em -cons-:**
dux, ducis *m.* [duc-]; tellus, telluris *f.* [tellur-]; aetas, aetatis *f.* [aetat-];
homo, hominis *m.* [homin-]; flumen, fluminis *n.* [flumin-]

Os dados “parissilábico” e “imparissilábico”, em que se apóiam as gramáticas tradicionais para tratar da diferenciação entre temas em -i- e em consoante, não têm nada de formal, entenda-se, teórico, como leva a pensar a própria apresentação gramatical. E nesse sentido devem receber toda crítica.

Uma análise descritiva permite entender esses dados sejam, sim, meros recursos didáticos e é apenas em razão disso que podem ser aproveitados no ensino, sobretudo, porque ajudam na consulta dos dicionários. A questão de serem pouco precisos como acontece com relação aos adjetivos do chamado “tipo especial” e a palavras como *mater*, *matris*, em que se verifica justamente o contrário do que a suposta “regra” afirma, pode ser esclarecida em sala de aula. O importante é não conferir a esse dado o *status* de descritivo. Trata-se simplesmente de uma “dica” e é assim que deve ser apresentado.

Quadro das desinências de Nominativo, Acusativo e Genitivo											
Tema:		-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-
Gênero:		M/F	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F
Nominativo	<i>Sing</i>	-a	-us	-um	-is	-e	<i>cf. vocabulário</i>		-us	-u	-es
	<i>Plur</i>	-ae	-i	-a	-es	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
Acusativo	<i>Sing</i>	-am	-um	-um	-em	-e	-em	<i>*igual ao nominativo</i>	-um	-u	-em
	<i>Plur</i>	-as	-os	-a	-is (-es)	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
Genitivo	<i>Sing</i>	-ae	-i		-is		-is		-us		-ei
	<i>Plur</i>	-arum	-orum		-ium		-um		-uum		-erum

UNIDADE IV – o caso dativo e o predicado com verbo transitivo com dois complementos.

Nessa unidade, apresenta-se o caso dativo. A ordem de apresentação dos casos segue a aquela estabelecida tradicionalmente, apresentada pelos paradigmas gramaticais. Entende-se, no entanto, que uma vez que se respeite o desenvolvimento natural da proposição, casos como o genitivo, o dativo e o ablativo, responsáveis pela expansão léxica de nomes e verbos, poderiam ser apresentados em qualquer sequência.

O dativo será tratado como equivalente do objeto indireto em português²⁶ e, enquanto expansão predominantemente verbal (LIMA, 1995, p.130), como expressão dos conceitos de beneficiário e destinatário, que indicam atribuição, destinação, submissão, etc. e podem expandir tanto os verbos quanto os nomes.

Título e conteúdo

Unidade IV

O C a s o D a t i v o

Nesta Unidade:

- A oração com predicado verbal com dois complementos
- O beneficiário e o destinatário
- Dativo singular e plural

²⁶ De acordo com a definição dada por Azeredo (2008, p.216-7).

Exemplo para primeira observação**A ORAÇÃO COM PREDICADO VERBAL COM DOIS COMPLEMENTOS**

Observe a oração latina e sua correspondente em português:

Tellus prima munuscula **puero fundit.**

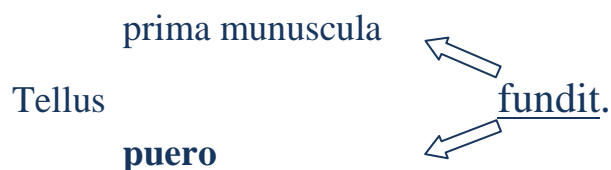
A Terra espalha os primeiros presentinhos para o menino.

Tellus prima munuscula **pueris fundit.**

A Terra espalha os primeiros presentinhos para os meninos.

Explicação gramatical

Na frase, o verbo *fundere* constrói-se com dois complementos:



Munuscula (presentinhos) é aquilo que a Terra “espalha”: substantivo neutro que está no caso acusativo plural; já *puero* (menino) é o destinatário da ação verbal: aquele **para quem** a Terra espalha os presentinhos. Em latim, há um caso específico para expressar essa ideia: o caso dativo. Assim, a palavra *puero*, substantivo masculino, encontra-se declinada no dativo singular

O BENEFICIÁRIO E O DESTINATÁRIO

Em português, os termos da oração que indicam atribuição, destinação, submissão, aproximação, similaridade ou conformação, sejam eles verbos ou nomes, complementam-se com um sintagma formado por **a (para) mais nome**. Desse modo, a preposição **a (para)** é em português o termo usado para expressar, no nome por ele regido, a ideia de *destinatário, interessado, beneficiário, etc.*

Em latim, diferentemente do português, essa relação se manifesta não por intermédio de uma preposição e, sim, pela flexão nominal própria do caso dativo. Assim, quando um substantivo possuir um daqueles valores, apresentará uma desinência de Dativo.

O dativo pode também ser o complemento de certos verbos que em português não são regidos pela preposição *para*, como por exemplo:

Lucina puero fauet.

Lucina favorece o menino.

O verbo *fauere* (“favorecer”) se constrói com dativo. O fato de em português o verbo correspondente pedir um complemento direto não deve trazer nenhuma dificuldade. Note-se que a ideia de beneficiário está prevista pela semântica do verbo. É preciso atentar para a descrição apresentada nos dicionários, que sempre trazem essas indicações de complemento.

Esse caso também pode completar o sentido de um nome como em:

Ver utile **siluis** est.

A primavera é oportuna **para as florestas**.

O Dativo Latino e o Objeto Indireto Português

Como se procurou demonstrar na unidade do acusativo, a distinção entre verbos transitivo direto e transitivo indireto, pertinente em português, não tem sentido no sistema latino. Isso porque a denominação “direta” ou “indireta” para a transitividade do verbo português se deve, *grosso modo*, à presença ou não de certas preposições entre os verbos e seus complementos. Como se vê, em latim, essa relação expressa pelo dativo se marca por meio de desinências nominais e não pelo uso de preposição.

Estrutura da oração normalizada

Estrutura da oração com predicado verbal formado por verbo transitivo com dois complementos:

Nominativo + [Acusativo + **Dativo** + *Verbo*]

S N_{Suj} + [SN_{Obj} + SN_{Obj} + V_T]

S N_{SUJ} + S V_{PRED}

Exercícios

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

1. Tellus errantis hederas puero fundit.
2. Cunabula blandum florem puero fundunt.
3. Robustus arator iuga tauro soluit.
4. Menses longa fastidia matri ferunt.

II. Faça o mesmo com as orações a seguir, observando a diferença do verbo e das desinências nominais, em relação às frases do exercício anterior:

1. Tellus errantis hederas pueris fundit.
2. Cunabula blandos flores pueris fundunt.
3. Robustus arator iuga tauris soluit.
4. Menses longa fastidia matribus ferunt.

Vocabulário

VOCABULÁRIO		
arator, aratoris <i>m.</i> : lavrador	flos, floris <i>m.</i> : flor	mensis, mensis <i>m.</i> : mês
blandus, -a, -um <i>adj.</i> : delicado	fundere <i>v.tr.</i> : espalhar	puer, pueri <i>m.</i> : menino
cunabula, cunabulorum <i>n.</i> <i>pl.</i> : berços	hedera, hederae <i>f.</i> : hera	robustus, -a, -um <i>adj.</i> : forte
errans, errantis <i>adj.</i> : errante	iugum, iugi <i>n.</i> : jugo	soluere <i>v.tr.</i> : soltar
fastidium, fastidii <i>n.</i> : fastio	longus, -a, -um <i>adj.</i> : longo	taurus, tauri <i>m.</i> : touro
ferre <i>v.tr.</i> : trazer; causar	mater, matris <i>f.</i> : mãe	Tellus, Telluris <i>f.</i> : a Terra

Dado morfológico

AS DESINÊNCIAS DE DATIVO

Os substantivos

Vejamos exemplos de substantivos no caso dativo singular e plural pertencentes a cada um dos grupos temáticos:

Tema		-a-	-o-	-i-	-(cons.)-	-u-	-e-
Gênero:		M/F	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F
Dativo	<i>Sing</i>	musae	pino	mensis	duci	quercui	rei
	<i>Plur</i>	musis	pinis	mensibus	ducibus	quercibus	rebus
Ex:		[musa-] f: <i>musa</i>	[pino-] f: <i>pinho</i>	[mensi-] f: <i>mês</i>	[duc-] m: <i>general</i>	[quercu-] m: <i>carvalho</i>	[re-] f: <i>coisa</i>

Os adjetivos

Vejamos um quadro sistematizado com exemplos de adjetivos nas suas formas de dativo singular e plural:

Tema		- o/a -		-i-		-(cons.)-
Gênero:		M/N	F	M/F/N	M/F/N	M/F/N
Dativo	<i>Sing</i>	magno	magnae	mollī	rubentī	sicelidī
	<i>Plur</i>	magnis	magnīs	mollibus	rubentibus	sicelidibus
Ex:		[magno-]	[magna-]	[mollī-]	[rubentī-]	[sicelidī-]

Quadro com as desinências de DATIVO correspondentes a cada grupo temático

Tema:		-a-	-o-	-i-	-(cons.)-	-u-	-e-
Gênero:		M/F	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F/N	M/F
Dativo	<i>Sing</i>	-ae	-o	-ī	-ī	-uī	-eī
	<i>Plur</i>	-is	-is	-ibus	-ibus	-ibus	-ebus

Quadro das desinências de Nominativo, Acusativo, Genitivo e Dativo

<i>Tema:</i>		-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-
<i>Gênero:</i>		M/F	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F
<i>Nominativo</i>	<i>Sing</i>	-a	-us	-um	-is	-e	<i>cf. vocabulário</i>		-us	-u	-es
	<i>Plur</i>	-ae	-i	-a	-es	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
<i>Acusativo</i>	<i>Sing</i>	-am	-um	-um	-em	-e	-em	<i>*igual ao nominativo</i>	-um	-u	-em
	<i>Plur</i>	-as	-os	-a	-is (-es)	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
<i>Genitivo</i>	<i>Sing</i>	-ae	-i		-is		-is		-us		-ei
	<i>Plur</i>	-arum	-orum		-ium		-um		-uum		-erum
<i>Dativo</i>	<i>Sing</i>	-ae	-o		-i		-i		-ui		-ei
	<i>Plur</i>	-is	-is		-ibus		-ibus		-ibus		-ebus

UNIDADE V - o caso ablativo e a oração com seus termos acessórios. As preposições latinas

Com a unidade que introduz o quinto e último caso, encerra-se a apresentação das estruturas frasais simples do latim. Por ser o ablativo um caso acessório, nessa unidade, são retomadas todas as estruturas vistas ao longo da apresentação dos casos.

Título e conteúdo

Unidade V	O C a s o A b l a t i v o	<p>Nesta Unidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O adjunto adverbial ▪ Ablativo singular e plural ▪ As preposições latinas
-----------	---------------------------	--

Exemplo para primeira observação

O A D J U N T O A D V E R B I A L
Observe as orações latinas e suas correspondentes em português:
Campus flauescit.
O campo floresce.
Paulatim, campus molli arista flauescit.
Pouco a pouco, o campo floresce com delicadas espigas.

Explicação gramatical

A expressão das diversas *circunstâncias* de tempo, lugar, modo, meio, causa, fim se dá nas línguas com termos com *função adverbial*. Dentro da estrutura oracional, os termos com essa função são, em geral, tomados como acessórios, uma vez que sua ausência não compromete a existência da oração como um todo de sentido.

No nível oracional, a função sintática de *adjunto adverbial* é desempenhada, em português, de duas maneiras basicamente: de um lado, por **advérbios** ou **locuções adverbiais** (conjuntos de palavras que têm um significado único e valor de advérbio); de outro, por certos **sintagmas nominais** regidos por preposição. Por exemplo:

“Conheci a cidade *ontem*.” (*ontem*: advérbio)

“Conheci *pelo menos* uma cidade.” (*pelo menos*: locução adverbial)

“Conheci a cidade *na tarde de sábado*.” (*na tarde de sábado*: sintagma nominal regido por preposição *em*).

Em latim, as palavras pertencentes à classe invariável dos advérbios também desempenham a função de adjunto adverbial (como *paulatim*, na oração latina apresentada). Já como expressão equivalente daqueles sintagmas nominais com função de adjunto adverbial em português, o latim possui um conjunto específico de flexões nominais. Essas flexões pertencem ao caso ablativo.

Assim, quando um substantivo, associado ou não a um adjetivo, expressar uma circunstância de tempo, lugar, fim, modo, instrumento, etc., ele apresentará uma desinência específica do caso ablativo.

Estrutura da oração normalizada

Estruturas de orações com adjunto adverbial:	
Nominativo + Nominativo + Ablativo + <i>ESSE</i>	→ $SN_{SUJ} + [SN_{ADV} + SN_{PSUJ} + V_L]$
Nominativo + Ablativo + <i>Verbo</i>	→ $SN_{SUJ} + [SN_{ADV} + V_I]$
Nominativo + Acusativo + Ablativo + <i>Verbo</i>	→ $SN_{SUJ} + [SN_{OBJ} + SN_{ADV} + V_T]$
Nominativo + Acusativo + Dativo + Ablativo + <i>Verbo</i>	→ $SN_{SUJ} + [SN_{OBJ1} + SN_{OBJ2} + SN_{ADV} + V_T]$

Exercícios de aplicação

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:	
1. Gens aurea toto mundo surgit.	4. Campus molli arista flauescit.
2. Vestigia inrita terras perpetua formidine soluunt.	5. Vestigia oppida muro cigunt.
3. Decus aeui Pollione consule init.	6. Paruus puer matrem risu cognoscit.

As orações apresentadas nessa unidade já foram vistas nas unidades anteriores. Aqui aparecem apenas com o acréscimo do adjunto adverbial. É interessante aproveitar, em um primeiro momento, as orações já trabalhadas para facilitar o entendimento do caso ablativo na hierarquia frasal latina.

Vocabulário

VOCABULÁRIO		
aeuum, aeui <i>n.</i> : tempo	incultus, -a, -um <i>adj.</i> : não cultivado	Pollio, Pollionis <i>m.</i> : Polião
arista, aristae <i>f.</i> : espiga	inīre <i>v. intr.</i> : começar	risus, risus <i>m.</i> : sorriso
aureus, -a, -um <i>adj.</i> : áureo	inritus, -a, -um <i>adj.</i> : vão	rubens, rubentis <i>adj.</i> : vermelho
campus, campi <i>m.</i> : campo	mater, matris <i>f.</i> : mãe	sentis, sentis <i>m.</i> : silvado
cigēre <i>v.tr.</i> : cercar	mollis, -e <i>adj.</i> : tenro	soluēre <i>v.tr.</i> : abandonar
cognoscēre <i>v.tr.</i> : conhecer	mundus, mundi <i>m.</i> : mundo	surgēre <i>v.tr.</i> : surgir
consul, consulis <i>m.</i> : cônsul	murus, muri <i>m.</i> : muro	terra, terrae <i>f.</i> : terra
decus, decoris <i>n.</i> : glória	oppidum, oppidi <i>n.</i> : cidadela	totus, -a, -um <i>adj.</i> : todo
flauescēre <i>v.intr.</i> : florescer	paruus, -a, -um	uestigium, uestigii <i>n.</i> : vestígios
formido, fomidinis <i>f.</i> : temor	pendēre <i>v.intr.</i> : pender	uua, uuae <i>f.</i> : uva
gens, gentis <i>f.</i> : raça	perpetuus, -a, -um <i>adj.</i> : perpétuo	

Dado morfológico

AS DESINÊNCIAS DE ABLATIVO

Os substantivos

Vejamos exemplos de substantivos no caso ablativo singular e plural pertencentes a cada um dos grupos temáticos:

Tema	-a-	-o-	-i-		-(cons.)-	-u-	-e-	
Gênero:	M/F	M/F/N	M/F	N	M/F/N	M/F/N	M/F	
<i>Ablativo</i>	<i>Sing</i>	musa	pino	mense	marī	duce	quercu	re
	<i>Plur</i>	musis	pinis	mensibus	maribus	ducibus	quercibus	rebus
Ex:	[musa-] <i>f: musa</i>	[pino-] <i>f: pinho</i>	[mensi-] <i>f: mês</i>	[mari-] <i>mar</i>	[duc-] <i>m:</i> <i>general</i>	[quercu-] <i>m:</i> <i>carvalho</i>	[re-] <i>f: coisa</i>	

Os adjetivos

Vejam os um quadro sistematizado com exemplos de adjetivos nas suas formas de ablativo singular e plural:

Tema		- o/a -		-i-		-(cons.)-	
Gênero:		M/N	F	M/F	M/F	N	M/F/N
<i>Ablativo</i>	<i>Sing</i>	magno	magna	moll<i>i</i>	rubent<i>e</i>	rubent<i>i</i>	sicelid<i>e</i>
	<i>Plur</i>	magn<i>is</i>	magn<i>is</i>	moll<i>ibus</i>	rubent<i>ibus</i>		sicelid<i>ibus</i>
Ex:		[magno-]	[magna-]	[moll <i>i</i> -]	[rubent <i>i</i> -]		[sicelid-]

Quadro com as desinências de ABLATIVO correspondentes a cada grupo temático

Tema:		-a-	-o-	-i-		-(cons.)-	-u-	-e-
Gênero:		M/F	M/F/N	M/F	N	M/F/N	M/F/N	M/F
<i>Ablativo</i>	<i>Sing</i>	-a	-o	-e	-i	-e /-i	-u	-e
	<i>Plur</i>	-is	-is	-ibus		-ibus	-ibus	-ebus

Julga-se ser esse o momento ideal para que se aborde também o tópico das preposições latinas. Como o exame do sistema preposicional latino também envolve o caso acusativo, sugere-se que o tema seja tratado apenas após já terem sido assentados os conhecimentos necessários para o entendimento do caso ablativo. Desse modo, seria possível abordar primeiro o adjunto adverbial construído com o ablativo e em seguida, com o foco voltado ao sintagma constituído por preposição em latim, o adjunto adverbial formado ora pelo ablativo, ora pelo acusativo.

AS PREPOSIÇÕES LATINAS

O uso da preposição em latim não é tão recorrente como em português. Isso se deve ao fato de os termos oracionais latinos já apresentarem uma marca desinencial própria que os permite diferenciarem-se uns dos outros. Por força da declinação, que encerra a noção de caso, o uso da preposição em latim se fazia em razão da clareza e da ênfase. Apenas dois

dos seis casos latinos são regidos por preposição, o ablativo e o acusativo. O termo no acusativo regido por preposição também possui na oração valor de adjunto adverbial.

Vejamos exemplos²⁷ de algumas das principais preposições e seus respectivos valores:

Algumas preposições que acompanham termos no ABLATIVO:

- **a, ab:** de, por:
Liquor **a Lupo** ad haustus agni currit. (I, 1)
“A água corre **do Lobo** para os goles do cordeiro.”
- **cum:** com
Societas **cum potenti** numquam fidelis est (I, 5)
“A sociedade **com o poderoso** nunca é fiel.”
- **de :** de; do alto de; sobre
Coruus raptum caseum **de fenestra** comedit. (I, 13)
“O corvo devora o queijo roubado **de uma janela.**”
- **e, ex:** de, de dentro para fora (origem).
“Rana caput **e stagno** profert”(I, 2)
“Uma rã põe a cabeça para fora **do pântano.**”
- **in:** em (lugar onde)
Morsus canum ceruum **in silua** lacerant. (I, 12)
“As mordidas dos cachorros dilaceram o cervo **na floresta.**”

Algumas preposições que acompanham termos no ACUSATIVO:

- **ad :** junto de; a; para; até
Ceruus **ad fontem** restit. (I, 12)
“O cervo resiste junto **à fonte.**”
- **in:** a, para (lugar aonde)
Hircus sitiens **in puteum** devenit. (IV, 9)
“O bode sedento chega **ao poço.**”
- **per:** por
Ceruus **per campum** fugit. (I, 12)
“O cervo foge **pelo campo.**”

²⁷ As frases desses exemplos foram tomadas das *Fábulas* de Fedro (PHÈDRE, 1961).

Como para esta demonstração um único texto foi tomado como *cópus*²⁸, a ocorrência de exemplos com preposições não foi suficiente para permitir a elaboração de um modelo de apresentação da matéria. Em virtude disso, foi preciso recorrer a outros textos para poder fornecer alguns exemplos, sem, contudo, ter-se a preocupação em apresentar um exemplo de cada preposição latina, uma vez que se trata de um modelo de material didático e não de um manual de gramática.

Exercícios de aplicação

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

1. *Capellae ubera lacte in domum referunt.*
2. *Aries uellera, in pratis, mutat.*
3. *Tellus colocasia mixta cum acantho fundit.*
4. *Tellus hederas cum baccare fundit.*

VOCABULÁRIO

acanthus, acanthi <i>m.</i> : acanto	domus, domi <i>f.</i> : casa	mutāre <i>v.tr.</i> : mudar
aries, ariei <i>m.</i> : carneiro	fundere <i>v. tr.</i> : espalhar	pratūm, prati <i>n.</i> : prado
baccar, baccaris <i>n.</i> : bácaro	hedera, hederæ <i>f.</i> : hera	referre <i>v.tr.</i> levar de volta
capella, capellæ <i>f.</i> : cabra	in <i>prep.</i> : (+acus) para; (+abl) em	Tellus, Telluris <i>f.</i> : a Terra
colocasium, colocasi <i>n.</i> : colocásia	lac, lactis <i>n.</i> : leite	uber, uberis <i>n.</i> : teta
cum <i>prep.</i> : (+abl) com	mixtus, -a, -um <i>adj.</i> : misturado	uellus, uelleris <i>n.</i> : velo

²⁸ O que, em se tratando de um material propriamente dito, seria uma prática desnecessária, uma vez que a escolha do texto base poderia ser feita em função de cada tópico gramatical apresentado.

Quadro das desinências nominais											
Tema:		-a-	-o-		-i-		-(cons.)-		-u-		-e-
Gênero:		M/F	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F	N*	M/F
Nominativo	Sing	-a	-us	-um	-is	-e	cf. vocabulário		-us	-u	-es
	Plur	-ae	-i	-a	-es	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
Acusativo	Sing	-am	-um	-um	-em	-e	-em	*igual ao nominativo	-um	-u	-em
	Plur	-as	-os	-a	-is (-es)	-ia	-es	-a	-us	-ua	-es
Genitivo	Sing	-ae	-i		-is		-is		-us		-ei
	Plur	-arum	-orum		-ium		-um		-uum		-erum
Dativo	Sing	-ae	-o		-i		-i		-ui		-ei
	Plur	-is	-is		-ibus		-ibus		-ibus		-ebus
Ablativo	Sing	-a	-o		-e	-i	-e / -i		-u		-e
	Plur	-is	-is		-ibus		-ibus		-ibus		-ebus

Ao final das cinco unidades, tem-se o quadro sistematizado das desinências nominais, que deverá ser usado nos exercícios de transposição das frases normalizadas para o português. No início, a consulta será imprescindível. É somente a *recorrência das estruturas* que poderá levar o aluno à internalização desses dados. Não interessa ao método em quanto tempo isso irá ocorrer de fato. O importante é saber que, em hipótese alguma, deverá haver qualquer estímulo que vise à memorização mecânica desses dados por parte do aluno.

A finalidade última do estudo do latim é a *leitura* de seus textos. O quadro de desinências é, ao lado da gramática e do dicionário, mais um material de apoio para que se atinja cabalmente aquele objetivo.

UNIDADE VI - O sistema verbal: o modo indicativo

Por estar o estudo inicial do latim voltado à apreensão de estruturas frasais simples, propõe-se que a apresentação dos verbos latinos se inicie com os tempos no modo indicativo. A ênfase aqui será dada mais à estrutura morfológica do que propriamente ao emprego dos tempos, uma vez que este envolve questões enunciativas. Com relação à morfologia verbal

não se pode dizer que o latim apresente surpresas maiores, para quem fala o português com o estatuto de falante nativo, do que as deste idioma moderno nem que, por essa mesma razão, haja, no verbo latino, nada que não possa ser ensinado, em sua conceituação básica, por transferência de uma língua à outra [...]. (LIMA, 1995, p.140)

Assim, embora seja seguido o mesmo modelo de apresentação das unidades que trataram dos casos, a explicação gramatical e os exemplos são fornecidos em função do dado morfológico. Será apenas no trabalho com o nível textual que o emprego dos tempos poderá ser estudado mais detalhadamente.

Título e conteúdo

Unidade VI

O SISTEMA VERBAL LATINO: O MODO INDICATIVO

Nesta Unidade:

- As categorias verbais
- Os temas verbais
- Os tempos do *infectum*
- Os tempos do *perfectum*

As categorias verbais

Características gerais do sistema verbal latino

Os verbos latinos, assim como os portugueses, são formados por um conjunto de morfemas, dispostos em uma ordem fixa:

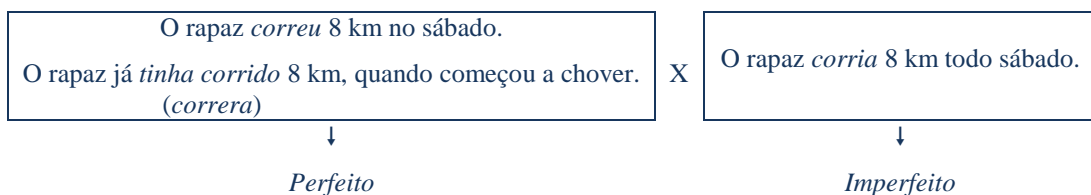
TEMA + DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL + DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL

Os morfemas expressam as categorias verbais de *aspecto*, *modo*, *tempo*, *número*, *pessoa* e *voz*.

O aspecto

A categoria de aspecto refere-se à duração da ação ou processo verbal. Essa duração pode ser contínua ou momentânea, habitual ou eventual, incompleta ou completa. O aspecto é uma caracterização da extensão, na linha do tempo, do fato expresso pelo verbo.

Em português, um dos modos de manifestação da categoria de aspecto se dá na oposição entre perfeito e imperfeito, marcada pelos morfemas modo-temporais de *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito*, e *pretérito imperfeito*, respectivamente. Por exemplo:



Em latim, a categoria de aspecto se expressa não só por morfemas modo-temporais, mas também pela presença de temas (ou radicais) verbais específicos.

Assim, os fatos que possuem o aspecto inacabado (incompleto, imperfeito) são expressos por verbos conjugados nos tempos chamados “tempos do *inflectum*”. Esses tempos caracterizam-se morfológicamente pela presença de um tema (ou radical) específico, o *tema de inflectum*, ao qual se unem os morfemas temporais de **presente, imperfeito e futuro**.

Já a expressão de fatos com extensão completa (acabada, perfeita) se dá com os verbos conjugados a partir do tema (ou radical) do *perfectum*, ao qual se unem os morfemas de **perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito**.

Isso significa que, em latim, os verbos possuem dois temas²⁸ (ou radicais), um de *inflectum* – que forma os tempos de aspecto inacabado – e outro de *perfectum* – para formar os tempos com aspecto acabado.

O modo

O modo verbal diz respeito à atitude do enunciador em relação aos fatos narrados: certeza, dúvida, ordem. Há em latim, como em português, três modos verbais:

- *O modo indicativo*: que é próprio dos enunciados declarativos simples e indica fatos de existência objetiva.
- *O modo subjuntivo*: que representa fatos dependentes do ponto de vista pessoal do enunciador. Por essa razão, é próprio dos enunciados subordinados²⁹.
- *O modo imperativo*: que é usado em construções em que o enunciador expressa ordem, pedido, exortação.

O tempo

A categoria de tempo verbal representa o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo em relação ao ato de enunciação: presente (simultaneidade), passado (anterioridade) e

²⁸ Há ainda um terceiro usado para formar os participios passado e futuro, que serão estudados posteriormente.

²⁹ O modo subjuntivo, por figurar em estruturas frasais complexas, não será estudado nesse curso.

futuro (posterioridade).

O número

O número é a categoria que expressa a unidade (singular) ou a pluralidade (plural) da pessoa verbal.

A pessoa

A categoria de pessoa verbal marca morfologicamente o enunciador e as personagens do ato comunicativo. São três as pessoas do discurso:

- **1ª pessoa:** aquela que fala (*eu/nós*)
- **2ª pessoa:** aquela com quem se fala (*tu/vós*)
- **3ª pessoa:** aquela de quem se fala. (*ele(a)/ele(a)s*)

A voz

A voz é a forma que o predicado assume para atribuir o papel semântico de agente ou paciente ao respectivo sujeito. Na voz ativa, o sujeito é o agente; na voz passiva, o sujeito torna-se paciente, isto é, passa a ser afetado pela ação ou processo expresso pelo verbo. Em latim, há voz ativa e voz passiva. Diferentemente do português, a voz passiva latina se expressa também por meio de flexões verbais próprias. É por oposição às marcas próprias da passiva que se diz que a voz ativa é “não-marcada”.

Após uma breve introdução sobre as categorias morfológicas expressas pelos verbos, descrevem-se cada um dos tempos do modo indicativo, seguindo o modelo de apresentação adotado.

O tempo presente foi o único visto nos exemplos das estruturas frasais que introduziram os casos. No entanto, sua morfologia não foi descrita, uma vez que o foco central do trabalho era a apresentação dos casos e suas oposições geradoras de sentido na estrutura frasal.

O MODO INDICATIVO ATIVO

Os tempos do *Infectum*: aspecto inacabado

Em latim, os verbos ditos regulares, isto é, aqueles que seguem um modelo de conjugação, dividem-se em cinco grupos de variantes temáticas: **-a-**, **-e-**, **-i-**, **-cons-** e um chamado “misto”, **-i/cons-**. Essa divisão em grupos temáticos é válida apenas quando tomamos os temas de *infectum*, e será usada para referir-se aos verbos e saber o seu modelo de uso, tanto nos tempos do *infectum*, quanto nos tempos do *perfectum*.

Exemplo para primeira observação

O PRESENTE do indicativo ativo

Observe a frase latina e sua correspondente em português:

Appolo regnat.

Apolo reina.

Explicação gramatical

O tempo *presente* indica que a ação expressa pelo verbo é simultânea ao momento da enunciação. Esse tempo verbal também indica situações habituais e de validade ilimitada (como verdades científicas, dogmas, crenças, etc.).

Os exemplos do uso são dados como o fazem as gramáticas tradicionais de latim (e de português), a partir dos quadros das chamadas “conjugações”, apenas pelo fato de serem familiares ao estudante cuja língua materna seja o português. Pode-se optar por suprimir dessa apresentação as formas de primeira e segunda pessoas, singular e plural, uma vez que o método inicialmente trabalha apenas com a terceira pessoa, a não-pessoa (BENVENISTE, 1976, p.282ss).

Vale destacar, no entanto, que o mesmo princípio válido para os nomes com relação à declinação, deverá valer para os verbos com relação à conjugação. É preciso deixar claro que não há oposição entre os grupos de “conjugações”: a “diferença” sonora (e gráfica) notada no plano da expressão decorre da existência de *variantes* temáticas verbais.

Dado morfológico

Morfologia

Formalmente o verbo no presente do indicativo ativo possui a seguinte estrutura:

Tema de *inflectum* + Ø + morfema **número-pessoal**

NÚMERO	PESSOA	<i>regnāre</i>	<i>uidēre</i>	<i>legēre</i>	<i>uestīre</i>	<i>facēre</i>
S I N G	1ª	regno	uideo	lego	uestio	facio
	2ª	regnas	uides	legis	uestis	facis
	3ª	regnat	uidet	legit	uestit	facit
P L U R	1ª	regnamus	uidemus	legimus	uestimus	facimus
	2ª	regnatis	uidetis	legitis	uestitis	facitis
	3ª	regnant	uident	legunt	uestiunt	faciunt

Morfologicamente, o verbo no presente do indicativo é constituído pelo tema, tomado da forma do *infinitivo presente*³⁰, unido à desinência número-pessoal. A ausência de uma desinência modo-temporal é a *marca morfológica* de presente do indicativo³¹. Como se viu anteriormente, as desinências número-pessoais em latim são:

S I N G U L A R	1ª	-O
	2ª	-S
	3ª	-t

³⁰ Em oposição ao *infinitivo passado* e ao *infinitivo futuro* existentes em latim.

³¹ Em termos morfológicos, o morfema de presente do indicativo é o *morfema zero*, representado por -Ø-.

P L U R A L	1ª	-mus
	2ª	-tis
	3ª	-nt

Alguns verbos irregulares

NÚMERO	Pessoa	<i>esse</i>	<i>ire</i>	<i>ferre</i>
S I N G U L A R	1ª	sum	eo	fero
	2ª	es	is	fers
	3ª	est	it	fert
P L U R A L	1ª	sumus	imus	ferimus
	2ª	estis	istis	fertis
	3ª	sunt	eunt	ferunt

Os exemplos de verbos irregulares não devem ser apresentados com o intuito de serem memorizados. Eles servem apenas para mostrar que, também aí, o latim não difere das línguas modernas e que “as dificuldades centradas no uso [...] se resolverão quanto ao ensino, como qualquer outra, intensificando-se os procedimentos da recorrência.” (LIMA, 1995, p.140)

Exemplo para primeira observação

O Pretérito IMPERFEITO do indicativo ativo

Observe a frase latina e sua correspondente em português:

Appolo regnabat.

Apolo reinava.

Explicação gramatical

O tempo *pretérito imperfeito* indica que a ação expressa pelo verbo é inacabada, anterior ao presente e está situada num intervalo de tempo simultâneo a um ponto de referência passado.

Dado morfológico

Morfologia

Formalmente o verbo no imperfeito do indicativo ativo possui a seguinte estrutura:

Tema de *infectum* + *-ba-* + morfema **número-pessoal**

NÚMERO	PESSOA	<i>regnāre</i>	<i>uidēre</i>	<i>legĕre</i>	<i>uestīre</i>	<i>facĕre</i>
S I N G	1ª	regnabam	uidebam	legebam	uestiebam	faciebam
	2ª	regnabas	uidebas	legebas	uestiebas	faciebas
	3ª	regnabat	uidebat	legebat	uestiebat	faciebat
P L U R	1ª	regnabamus	uidebamus	legebamus	uestiebamus	faciebamus
	2ª	regnabatis	uidebatis	legebatis	uestiebatis	faciebatis
	3ª	regnabant	uidebant	legebant	uestiebant	faciebant

Alguns verbos irregulares

NÚMERO	Pessoa	<i>esse</i>	<i>ire</i>	<i>ferre</i>
S I N G U L A R	1ª	eram	ibam	ferebam
	2ª	eras	ibas	ferebas
	3ª	erat	ibat	ferebat
P L U R A L	1ª	eramus	ibamus	ferebamus
	2ª	eratis	ibatis	ferebatis
	3ª	erant	ibant	ferebant

Exemplo para primeira observação**O FUTURO do indicativo ativo**

Observe a frase latina e sua correspondente em português:

Appolo regnabit.

Apolo reinará.

Explicação gramatical

O tempo *futuro* indica que a ação expressa pelo verbo é inacabada e está situada em um momento posterior ao da enunciação.

Dado morfológico**Morfologia**

Formalmente o verbo no futuro do indicativo ativo possui a seguinte estrutura:

Tema de *inflectum* + *-b(i)-* / *-a/e-* + morfema **número-pessoal**

NÚMERO	PESSOA	<i>regnāre</i>	<i>uidēre</i>	<i>legēre</i>	<i>uestīre</i>	<i>facēre</i>
S I N G	1ª	regnabo	uidebo	legam	uestiam	faciam
	2ª	regnabis	uidebis	leges	uesties	facies
	3ª	regnabit	uidebit	leget	uestiet	faciet
P L U R	1ª	regnabimus	uidebimus	legemus	uestiemus	faciemus
	2ª	regnabitis	uidebitis	legetis	uestietis	facietis
	3ª	regnabunt	uidebunt	legent	uestient	facient

Alguns verbos irregulares

NÚMERO	Pessoa	<i>esse</i>	<i>ire</i>	<i>ferre</i>
S I N G U L A R	1ª	ero	ibo	feram
	2ª	eris	ibis	feres
	3ª	erit	ibit	feret
P L U R A L	1ª	erimus	ibimus	feremus
	2ª	eritis	ibitis	feretis
	3ª	erunt	ibunt	ferent

O MODO INDICATIVO ATIVO

Os tempos do *Perfectum*: aspecto acabado

Como vimos, a oposição **acabado x inacabado** possui, em latim, expressão temática. Os temas verbais de *perfectum* são de uso exclusivo das formas ativas. Em geral, esses temas se apresentam sob formas que podem se afastar bastante da dos temas de *infectum*. Essas diferenças se devem a fenômenos de naturezas fonética como o redobro (*pendēre/pependīsse*) e a apofonia (*facēre/fecīsse*), e algumas vezes, a diferença é de ordem lexical (*ferre/tullīsse*).

Embora essa seja a principal diferença em relação ao sistema verbal português, ela não deverá trazer grandes dificuldades ao estudo do latim, uma vez que os tempos do *perfectum* apresentam também desinências modo-temporais específicas, o que facilita o reconhecimento dessas formas.

Exemplo para primeira observação

O pretérito PERFEITO do indicativo ativo

Observe a frase latina e sua correspondente em português:

Appolo regnavit.

Apolo reinou.

Explicação gramatical

O tempo *pretérito perfeito* indica que a ação expressa pelo verbo é concluída e está situada em um momento anterior ao da enunciação.

Dado morfológico

Morfologia

Formalmente o verbo no perfeito do indicativo ativo possui a seguinte estrutura:

Tema de *perfectum* + \emptyset + morfema **número-pessoal** de perfeito

NÚMERO	PESSOA	<i>regnāuisse</i>	<i>uidisse</i>	<i>lēgisse</i>	<i>uestiuisse</i>	<i>fēcisse</i>
S I N G	1ª	regnavi	uidi	legi	uestiui	feci
	2ª	regnavisti	uidisti	legisti	uestiuvisti	fecisti
	3ª	regnavit	uidit	legit	uestiuit	fecit
P L U R	1ª	regnavimus	uidimus	legimus	uestiuimus	fecimus
	2ª	regnavistis	uidistis	legistis	uestiuvistis	fecistis
	3ª	regnaverunt	uiderunt	legerunt	uestiuerunt	fecerunt

Alguns verbos irregulares

NÚMERO	Pessoa	<i>fuisse</i>	<i>isse</i>	<i>tulisse</i>
S I N G U L A R	1ª	fui	ii	tuli
	2ª	fuisti	isti	tulisti
	3ª	fuit	iiit	tulit
P L U R A L	1ª	fuimus	iimus	tulimus
	2ª	fuistis	istis	tulistis
	3ª	fuerunt	ierunt	tulerunt

As desinências número-pessoais de perfeito são:

S I N G U L A R	1ª	-i
	2ª	-isti
	3ª	-it
P L U R A L	1ª	-imus
	2ª	-istis
	3ª	-erunt

Exemplo para primeira observação

O pretérito MAIS-QUE-PERFEITO do indicativo ativo

Observe a frase latina e sua correspondente em português:

Appolo regnauerat.

Apolo reinara / tinha reinado.

Explicação gramatical

O tempo *pretérito mais-que-perfeito* indica que a ação expressa pelo verbo é concluída e está situada em um intervalo de tempo anterior a um certo momento do passado.

Dado morfológico

Morfologia

Formalmente o verbo no mais-que-perfeito do indicativo ativo possui a seguinte estrutura:

Tema de *perfectum* + *-era-* + morfema **número-pessoal**

NÚMERO	PESSOA	<i>regnāuisse</i>	<i>uidisse</i>	<i>lēgisse</i>	<i>uestiuisse</i>	<i>fēcisse</i>
S I N G	1ª	regnaueram	uideram	legeram	uestiueram	feceram
	2ª	regnaueras	uideras	legeras	uestiueras	feceras
	3ª	regnauerat	uiderat	legerat	uestiuerat	fecerat
P L U R	1ª	regnaueramus	uideramus	legeramus	uestiueramus	feceramus
	2ª	regnaueratis	uideratis	legeratis	uestiueratis	feceratis
	3ª	regnauerant	uiderant	legerant	uestiuerant	fecerant

Alguns verbos irregulares

NÚMERO	Pessoa	<i>fuisse</i>	<i>isse</i>	<i>tulisse</i>
S I N G U L A R	1ª	fueram	ieram	tuleram
	2ª	fueras	ieras	tuleras
	3ª	fuerat	ierat	tulerat
P L U R A L	1ª	fueramus	ieramus	tuleramus
	2ª	fueratis	ieratis	tuleratis
	3ª	fuerant	ierant	tulerant

Exemplo para primeira observação

O FUTURO PERFEITO do indicativo ativo

Observe a frase latina e sua correspondente em português:

Appolo regnauerit.

Apolo terá reinado.

Explicação gramatical

O tempo *futuro perfeito* indica que a ação expressa pelo verbo é acabada e está situada entre o momento da enunciação e um ponto de referência futuro. Equivale, em português, *grosso modo*, ao futuro do presente composto.

Dado morfológico

Morfologia

Formalmente o verbo no futuro perfeito do indicativo ativo possui a seguinte estrutura:

Tema de *perfectum* + *-eri-* + morfema **número-pessoal**

NÚMERO	PESSOA	<i>regnāuisse</i>	<i>uidisse</i>	<i>lēgisse</i>	<i>uestiuisse</i>	<i>fēcisse</i>
S I N G	1ª	regnauero	uidero	legero	uestiuero	fecero
	2ª	regnaueris	uideris	legeris	uestiueris	feceris
	3ª	regnauerit	uiderit	legerit	uestiuerit	fecerit
P L U R	1ª	regnauerimus	uiderimus	legerimus	uestiuerimus	fecerimus
	2ª	regnaueritis	uideritis	legeritis	uestiueritis	feceritis
	3ª	regnauerint	uiderint	legerint	uestiuerint	fecerint

Alguns verbos irregulares

NÚMERO	Pessoa	<i>fuisse</i>	<i>isse</i>	<i>tulisse</i>
S I N G U L A R	1ª	fuero	iero	tulero
	2ª	fuerois	ieris	tuleris
	3ª	fueroit	ierit	tulerit
P L U R A L	1ª	fueroimus	ierimus	tuleroimus
	2ª	fueroitis	ieritis	tuleroitis
	3ª	fueroerint	iererint	tuleroerint

Como se disse, o foco nessa unidade é mais o dado morfológico do que, propriamente, o emprego dos tempos. Em razão disso, não serão evidenciados fatos como o de que tempos como o pretérito mais-que-perfeito e o futuro perfeito dependam, como prevê a sua própria definição, da correlação com outros tempos. Esse estudo poderá ser feito apenas quando entrarem em jogo as questões relativas ao texto, em que os períodos estarão relacionados uns com os outros, na composição do enunciado.

Por ora, apresenta-se a sistematização do dado morfológico verbal, a ser usada, juntamente com aquela referente à morfologia nominal, no trabalho com as frases normalizadas.

TABELA DE DESINÊNCIAS VERBAIS DO INDICATIVO

Vejamos os quadros sistematizados com as desinências verbais correspondentes a cada grupo temático:

DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS						
		<i>Infectum</i>			<i>Perfectum</i>	
Tema	Presente	Imperfeito	Futuro	Perfeito*	Mais- que-perfeito	Futuro Perfeito
-a-	-∅-	-ba-	-bi-	-∅-	-era-	-eri-
- e -						
-(cons.)-			- a- /-			
-i-			e-			
-i-/-(cons.)-						

DESINÊNCIAS NÚMERO-PESSOAIS			
Número	Pessoa	Voz Ativa	<i>Perfeito Ativo*</i>
s i n g	1 ^a	-o /-m	-i
	2 ^a	-s	-isti
	3 ^a	-t	-it
p l u r	1 ^a	-mus	-imus
	2 ^a	-tis	-istis
	3 ^a	-nt	-erunt / -ēre

Optou-se por apresentar as entradas verbais nos vocabulários do mesmo modo como o fazem os dicionários de latim, com basicamente duas diferenças: não são realizados aqueles cortes arbitrários e nem é fornecida a segunda pessoa do singular do presente do indicativo, como em *regno, as, are, aui, atum* (FARIA, 1994), ambos recursos utilizados por alguns dicionaristas com o intuito de fornecer a letra do tema. São apresentados os vocábulos inteiros, na seguinte sequência: primeira pessoa do singular do presente do indicativo, primeira pessoa do singular do perfeito do indicativo e infinitivo presente³².

Da apresentação dos verbos no vocabulário

A partir de agora, os verbos começarão a ser apresentados do modo como o são nos dicionários de latim. Nas entradas verbais, os dicionários latinos não apresentam a forma de infinitivo, como o fazem os dicionários de línguas modernas. Como se viu, o latim não possui apenas uma forma de infinitivo, e a oposição entre os aspectos inacabado (*infectum*) e acabado (*perfectum*) também é marcada por uma oposição temática: o tema de infinitivo presente forma os tempos do *infectum* e o tema de infinitivo passado, os do *perfectum*.

A forma eleita tradicionalmente para figurar na entrada verbal do dicionário é a de **1ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo**. Nos vocabulários desse material, essa forma será seguida por outras duas: a **1ª pessoa do perfeito do indicativo ativo** e o **infinitivo presente**.³³ Teremos, portanto, as seguintes entradas:

³² Na unidade que apresenta a voz passiva, será acrescentada à sequência a forma de supino.

³³ Nos dicionários há ainda a forma de *supino* que segue essas três. Nesse momento, essa forma nominal, que serve para a formação do particípio passado não será apresentada. Essa sequência na apresentação das formas verbais varia de dicionário para dicionário, no entanto todos trazem a primeira pessoa do presente como entrada.

Para os verbos regulares:	Para os verbos irregulares:
1. De tema em -a- : <ul style="list-style-type: none"> • regno, regnaui, regnāre, <i>v.tr.:</i> reinar 2. De tema em -e- : <ul style="list-style-type: none"> • uideo, uidi, uidēre, <i>v.tr.:</i> ver 3. De tema em consoante : <ul style="list-style-type: none"> • lego, legi, legēre, <i>v.tr.:</i> ler 4. De tema em -i- : <ul style="list-style-type: none"> • uestio, uestiui, uestīre, <i>v.tr.:</i> vestir 5. De tema misto : <ul style="list-style-type: none"> • facio, feci, facēre, <i>v.tr.:</i> fazer 	<ul style="list-style-type: none"> • sum, fui, esse, <i>v.l.:</i> ser, estar • eo, ii, ire <i>v.intr.:</i> ir • fero, tuli, ferre <i>v.tr.:</i> levar, trazer • uolo, uolui, uelle <i>v. tr.:</i> querer

Como saber a qual grupo temático pertence o verbo partir das informações da entrada do vocabulário:

Em latim, para saber quando um verbo pertence a cada um dos 5 grupos temáticos valem as seguintes dicas:

<i>O tema será...</i>	<i>quando o infinitivo (pres.) for como...</i>	<i>Note que...</i>
-a-	regnāre	O “a” do tema é longo, representado ā (em gramáticas e dicionários) e a tônica da palavra é na sílaba do tema: reg-NA-re.
-e-	uidēre	O “e” do tema é longo, representado ē (em gramáticas e dicionários) e a tônica da palavra é na sílaba do tema: ui-DE-re.
-i-	uestīre	O “i” do tema é longo, representado ī (em gramáticas e dicionários) e a tônica da palavra é na sílaba do tema: ues-TI-re.
-cons-	legēre	O “e” do tema é breve, representado ĕ (em gramáticas e dicionários) e a tônica da palavra é na sílaba anterior a do tema: LE-ge-re.
-i-/cons-	facēre	O “e” do tema é breve, representado ĕ (em gramáticas e dicionários) e a tônica da palavra é na sílaba anterior a do tema: FA-ce-re.

Assim, para saber o tema de *infectum* – aquele que forma os tempos **presente**, **imperfeito** e **futuro** –, basta olhar para a forma de **infinitivo** menos a desinência **-re** (ou **-ēre**).

Para não confundir tema consonântico e tema misto:

Os infinitivos dos verbos de tema consonântico e de tema misto são iguais (*legĕre*, *facĕre*). Para saber quando é um quando é outro, basta observar a forma de primeira pessoa do presente do indicativo: quando a entrada for como *lego*, o tema é consonântico; quando for como *facio*, é misto.

Os verbos de tema misto, quando conjugados no indicativo presente, imperfeito e ou futuro simples, se comportam como os verbos de tema em *-i*: *facit*, *faciebat*, *faciet* (tema misto); *uestit*, *uestiebat*, *uestiet* (tema em *-i*). Então vale a dica: se o infinitivo do verbo for *-ĕre* e na forma de primeira pessoa do presente aparecer um **-i-** no tema, o verbo é de tema misto, senão é consonântico:

- **facio**, feci, **facĕre** = tema misto
- **lego**, legi, **legĕre** = tema consonântico

Já para saber o tema de *perfectum* – aquele que forma os tempos **perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito** –, basta olhar para a forma de **primeira pessoa do perfeito** menos a desinência **-i**.

- facio, **feci**, facĕre = tema **fec-**
- lego, **legi**, legĕre = tema **leg-**

Lembre-se de que aquela distinção em cinco grupos temáticos (*-a-*, *-e-*, *-i-*, consoante e misto) é válida apenas para os temas de *inflectum*.

I. Passe para o português as seguintes frases latinas:

1. Capellae ubera lacte in domum retulerant.	6. Magni menses Pollione duce processerunt.
2. Rubens uua incultis sentibus pendebat.	7. Vestigia inrita terras perpetua formidine soluebant.
3. Aries uellera in pratis mutabit.	8. Vestigia oppida muris cinxerunt.
4. Tellus prima munuscula puero nullo cultu fundet.	9. Vestigia sulcos Telluri infindent.
5. Prima gens ferrea puero desinebat.	10. Puer pacatum orbem patriis uirtutibus reget.

VOCABULÁRIO

aries, arietis <i>m.</i> : carneiro	magnus, -a, -um <i>adj.</i> : grande	puer, pueri <i>m.</i> : menino
capella, capellae <i>f.</i> : cabrita	mensis, mensis <i>m.</i> : mês	refero, retuli, referre <i>v.tr.</i> : levar de volta
cingo, cingi, cingere <i>v.tr.</i> : cercar	munusculum, munusculi <i>n.</i> : presentinho	rego, rexi, regere <i>v. tr.</i> : governar
cultus, cultus <i>m.</i> : cultivo	murus, muri <i>m.</i> : muro	rubens, rubentis <i>adj.</i> : avermelhado
desino, desinii, desinere <i>v.tr.</i> : terminar	muto, mutau, mutare <i>v.intr.</i> : mudar	sentis, sentis <i>m.</i> : silvado
domus, domi <i>f.</i> : casa	nullus, -a, -um <i>pron. indef.</i> : nenhum	soluo, solui, soluere <i>v.tr.</i> : abandonar
dux, ducis <i>m.</i> : comandante	oppidum, oppidi <i>n.</i> : cidadela	sulcus, sulci <i>m.</i> : sulco
ferreus, -a, um <i>adj.</i> : férreo	orbis, orbis <i>m.</i> : mundo	Tellus, Telluris <i>f.</i> : a Terra
formido, formidinis <i>f.</i> : temor	pacatus, -a, um <i>adj.</i> : pacífico	terra, terrae <i>f.</i> : terra
fundo, fundau, fundare <i>v.tr.</i> : espalhar	patrius, -a, -um <i>adj.</i> : parterno	uber, uberi <i>n.</i> : teta
gens, gentis <i>f.</i> : geração	pendo, pependi, pendere <i>v.intr.</i> : pender	uellus, uelleris <i>n.</i> : velo
in <i>prep.</i> : (+acus) para; (+abl) em	perpetuus, -a, -um <i>adj.</i> : perpétuo	uestigium, uestigii <i>n.</i> : vestígio
incultus, -a, -um <i>adj.</i> : não cultivado	Pollio, Pollionis <i>m.</i> : Polião	uirtus, uirtutis <i>f.</i> : virtude
infindo, infidi, infindere <i>v.tr.</i> : abrir	pratium, prati <i>n.</i> : prado	uua, uuae <i>f.</i> : uva
inritus, -a, -um <i>adj.</i> : vão, sem valor	primus, -a, -um <i>adj.</i> : primeiro	
lac, lactis <i>n.</i> : leite	procedo, processi, procedere <i>v.intr.</i> : avançar	

UNIDADE VII - A voz passiva

Fechando o estudo da estrutura frasal simples, apresenta-se a unidade sobre a voz passiva. Assim como ocorreu na apresentação do sistema verbal, o enfoque maior será dado à descrição morfológica. Em sendo “a construção passiva [...] mais consentânea dos procedimentos da expressividade do que dos da simples comunicação ativa” (LIMA, 1995, p.150), o estudo do seu emprego deverá ser realizado mais aprofundadamente no momento em que se estiver trabalhando com a noção de texto.

Título e conteúdo

Unidade VII

A voz passiva

Nesta Unidade:

- A passiva nos tempos do *infectum*
- A passiva nos tempos do *perfectum*
- Os verbos depoentes

Exemplos para primeira observação

Observe os exemplos:

Magnus Achilles ad Troiam *mittitur*

O grande Aquiles é **enviado** à Troia.

Magnus Achilles ad Troiam *missus est*.

O grande Aquiles **foi enviado** à Troia.

Explicação gramatical

Voz é a forma que o predicado assume para atribuir o papel semântico de agente ou paciente ao respectivo sujeito. O *agente* é o responsável pela execução da ação expressa pelo verbo, já o *paciente* é quem recebe ou é afetado por essa ação verbal. Na voz ativa, o sujeito é o agente; na voz passiva, o sujeito torna-se paciente.

Desse modo, pode-se dizer que voz ativa e voz passiva são dois modos diferentes de relatar um mesmo acontecimento. A diferença está no ponto de vista do enunciador. A voz passiva, que coloca o paciente como assunto da frase, permite a supressão do agente (que de sujeito na voz ativa passa a *agente da passiva*). Assim, o recurso à construção passiva pode ser motivado pela irrelevância da identidade do agente da ação verbal. No exemplo mostrado, não importa à mensagem quem tenha enviado Aquiles à Troia.

Assim, **apassivação** é o processo morfológico de mudança da conjugação, operado com o fim de converter um objeto-paciente em sujeito oracional.

Em português, a passiva constrói-se com o verbo *ser* conjugado (isto é, com marcas de tempo, modo, número e pessoa), mais o *particípio* do verbo principal, que, por ser uma forma nominal em uma estrutura predicativa, repete as categorias de gênero e número expressas pelo sujeito:

O guerreiro *é enviado* à batalha
Os guerreiros *são enviados* à batalha.

Dado morfológico

Em latim, o processo de apassivação se manifesta de duas maneiras diferentes:

1. Para os verbos que formam os tempos de **aspecto inacabado**, os tempos do *Infectum* - PRESENTE, IMPERFEITO e FUTURO:

A marca morfológica é um [-r-] (com uma variante [-mini]) na *desinência número-pessoal*:

ATIVA	PASSIVA
-o/-m	-or
-s	-ris
-t	-tur
-mus	-mur
-tis	-mini
-nt	-ntur

Desinências que se prendem às *desinências modo-temporais* de presente, imperfeito e futuro do indicativo³⁴:

TEMA + DESINÊNCIA MODO-TEMPORAL + DESINÊNCIA NÚMERO-PESSOAL

Como mostrou o exemplo:

Magnus Achilles ad Troiam mittitur.

Exemplo de conjugação:

PRESENTE		IMPERFEITO		FUTURO	
amo	amor	amabam	amabar	amabo	amabor
amas	amaris	amabas	amabaris	amabis	amaberis
amat	amatur	amabat	amabatur	amabit	amabitur
amamus	amamur	amabamus	amabamur	amabimus	amabimur
amatis	amamini	amabatis	amabamini	amabitis	amabimini
amant	amantur	amabant	amabantur	amabunt	amabuntur
<i>ama</i>	<i>é amado</i>	<i>amava</i>	<i>era amado</i>	<i>amará</i>	<i>será amado</i>

³⁴ e de presente e imperfeito do subjuntivo.

2. Para os verbos que formam os tempos de **aspecto acabado**, os tempos do *Perfectum* - PERFEITO, MAIS-QUE-PERFEITO e FUTURO PERFEITO:

O processo morfológico é semelhante ao do português: o verbo auxiliar é o verbo *esse* (“ser”) e o verbo principal vem na forma nominal de *particípio passado*, concordando em gênero, número e caso com o sujeito.

O particípio passado em latim comporta-se exatamente da mesma maneira que um adjetivo de tema -o-/a- (aqueles que os dicionários apresentam com entrada -us, -a, -um). Mas é preciso atentar para algumas observações quanto à correspondência do tempo verbal do auxiliar e o tempo passivo formado em latim.

O verbo auxiliar é conjugado no presente, imperfeito e futuro (tempos do *infectum*) e junto com o particípio passado formará, respectivamente, o perfeito, o mais-que-perfeito e o futuro perfeito (tempos do *perfectum*), como mostra o quadro a seguir:

Verbo auxiliar ESSE		PARTICÍPIO PASSADO em concordância nominal com o sujeito		Tempo passivo <i>do indicativo*</i>
Presente <i>sum, es, est,</i> <i>sumus, estis, sunt</i>	+	<i>amatus amata amatum</i> <i>amati amatae amata</i>	=	PERFEITO <i>foi amado</i>
Imperfeito <i>eram, eras, erat,</i> <i>eramus, eratis, erant</i>			MAIS-Q-PERFEITO <i>tinha sido amado</i>	
Futuro <i>ero, eris, erit,</i> <i>erimus, eritis, erunt</i>			FUTURO PERFEITO <i>terá sido amado</i>	

**o mesmo vale para os tempos do subjuntivo*

Como mostrou o exemplo:

Magnus Achilles ad Troiam **missus est**.

O agente da passiva

O agente da passiva em latim se manifesta pelo **caso ablativo** seguido ou não da preposição **a/ab**, com a seguinte distinção:

- com traço semântico “humano”: **a/ab + ablativo**
- com traço semântico “não-humano”: **ablativo**

OS VERBOS DEPOENTES

Observe o exemplo:

Saeclorum magnus ordo *nascitur*.

A grande ordem dos séculos nasce.

Há em latim algumas formas verbais que se apresentam apenas sob a forma morfológica da voz passiva, mas que, entretanto, possuem valor ativo. Esses verbos são chamados depoentes e são apresentados nos dicionários na **1ª pessoa do singular do presente do indicativo passivo**, seguida das formas de infinitivo passivo e de 1ª pessoa do perfeito do passivo, como por exemplo: **nascor, nasci, natus sum** *v.intr. dep.:* nascer.

Notas sobre correspondência da passiva latina em português:

- *voz passiva* propriamente dita: se traduz em português pela construção correspondente.
- *passiva impessoal*: se traduz pelo *se* indeterminador do sujeito ou apassivador.
- *passiva reflexiva*: se traduz pelo *se* reflexivo
- *verbo depoente*: pela forma ativa em português.

Exercício de aplicação

I. Usando o vocabulário a seguir, passe para o português as seguintes orações:

1. Noua progenies demittitur.
2. Assyrium amomum nascitur.
3. Humus rastros non patietur.
4. Vinea falcem non patietur.
5. Agni pascuntur.
6. Colocasia ridenti acantho mixta sunt.
7. Vbera lacte distenta sunt.
8. Aetas firmata est.

Os exercícios podem propor as mesmas frases mudando-se os tempos do *infectum* e do *perfectum*, como por exemplo:

- Noua progenies alto caelo demissa est.
- Noua progenies alto caelo demissa erat.
- Noua progenies alto caelo demissa demittetur; etc...

VOCABULÁRIO

acanthus, acanthi <i>m.</i> : acanto	distendo, distendi, distendēre, distentum <i>v.tr.</i> : encher (+abl)	nouus, -a, -um <i>adj.</i> : novo
aetas, aetatis <i>f.</i> : idade	falx, falcis <i>f.</i> : foice	pascor, pasci, pastus sum <i>v.intr. dep.</i> : pastar
agnus, agni <i>m.</i> : cordeiro	firmo, firmaui, firmāre, firmatum <i>v.tr.</i> : firmar	patior, pati, passus sum <i>v.tr.</i> <i>dep.</i> : suportar
amomum, amomi <i>m.</i> : amomo	homo, hominis <i>m.</i> : homem	progenies, progeniei <i>f.</i> : raça
assyrius, -a, -um <i>adj.</i> : assírio	humus, humi <i>f.</i> : solo	raster, ratri <i>m.</i> : enxada
colocasium, colocasi <i>n.</i> : colocásia	lac, lactis <i>n.</i> : leite	ridens, ridentis <i>adj.</i> : alegre, viçoso
cubile, cubilis <i>n.</i> : leito	mensa, mensae <i>f.</i> : mesa	sum, fui, esse <i>v.l.</i> : ser, estar
dea, deae <i>f.</i> : deusa	misceo, miscui, miscēre, mixtum <i>v.tr.</i> : misturar	uber, uberis <i>n.</i> : teta
demitto, demissi, demittēre, demissum <i>v.tr.</i> : enviar	nascor, nasci, natus sum <i>v.intr.dep.</i> : nascer	uinea, uineae <i>f.</i> : vinha
deus, dei <i>m.</i> : deus	non <i>adv.</i> : não	

O texto usado como *córpus* para o levantamento de estruturas frasais, embora tenha um número razoável de ocorrências de estruturas passivas, em nenhuma delas se atestou a identificação do agente. Camara Jr. diz que a essência da voz passiva é “o realce do processo ativo em detrimento do agente, que é omitido ou esporadicamente incluído no predicado” (1974, p.187). E sobre a baixa incidência de agente da passiva, o autor ainda afirma:

Convém [...] ressaltar que a expressão do agente no predicado é esporádica [...]. Vale a propósito acentuar [...] que em inglês os estudos estatísticos na língua literária, promovidos por Jespersen, assinalaram 70 a 94 por cento de frases passivas sem a expressão do agente [...]. O mesmo ressalva Meillet para o latim, onde a expressão do agente no predicado com a preposição *ab* se prende a um complemento de origem [...]. (1974, p.187)

Exemplos de estruturas passivas com a ocorrência do agente são mais interessantes do ponto de vista didático, uma vez que corroboram a explicação teórica. Seria necessário então que o texto escolhido como base da apresentação deste tópico gramatical manifestasse esses termos. Como o intuito aqui é o de estabelecer uma matriz para a elaboração de um material propriamente dito, questões como essa podem ser resolvidas em momento posterior.

O participio passado, forma nominal do verbo própria das construções passivas dos tempos do *perfectum*, concorda em gênero, número e caso com o sujeito oracional. Por essa razão, ele se aproxima da classe dos adjetivos, o que permite encontrar ocorrências de participios em contextos próprios daquela classe determinante. É o que se pode notar em um exemplo como esse:

*Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo
delectos heroas; erunt etiam altera bella* (v. 34-5).

Assim, para proporcionar a recorrência de estruturas passivas, um procedimento adotado pode ser o da recondução que tome como ponto de partida construções com participio passado em função adjetiva. Segundo Azeredo (2008, p.347),

Um participío preserva sua característica verbal se a construção em que ocorre é uma típica construção passiva, reconhecível graças a pelo menos um dos seguintes aspectos: possibilidade de integração de um agente [...], equivalência entre o termo a que o participío se refere e o objeto direto do verbo correspondente [...].

Em vista disso, adotou-se como critério a verificação, nas ocorrências de participíos passados em função adnominal, da existência desses aspectos mencionados. Desse modo foram reconduzidas estruturas como as que se apresentam no exemplo a seguir:

Excerto original (v. 18-22):

*At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu
errantis hederas passim cum baccare tellus
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.
Ipsae lacte domum referent distenta capellae
ubera, nec magnos metuent armenta leones;*

NORMALIZAÇÕES:

Tellus **mixta colocasia** ridenti acantho puero fundit.

[A terra oferece ao menino a colocásia misturada ao viçoso acanto.]

- **Colocasia** ridenti acantho **mixta est**.
[A colocásia misturou-se / foi misturada ao viçoso acanto]
- **Colocasia** ridenti acantho **mittitur**.
[A colocásia mistura-se / é misturada ao viçoso acanto]

Capellae **ubera distenta** lacte domum referunt.

[As cabritas levam para casa as tetas cheias de leite.]

- **Vbera** lacte **distenta sunt**.
[As tetas encheram-se de leite.]
- **Vbera** lacte **distenditur**.
[As tetas enchem-se de leite.]

Esse procedimento permite aumentar de maneira considerável o número de ocorrências de frases passivas, possibilitando uma maior recorrência dessas estruturas em exemplos e exercícios.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TÓPICOS NÃO SISTEMATIZADOS

O objetivo maior da proposta que aqui se faz é o de habilitar à leitura de textos aquele que se ocupa dos estudos de latim. No entanto, apenas o conhecimento de estruturas frasais simples e, com elas, as oposições elementares da língua, não será suficiente para propiciar o alcance desse objetivo. Para isso, serão necessárias ainda outras etapas que contemplem, além das estruturas frasais complexas, também aqueles recursos responsáveis pela passagem do nível linguístico ao nível textual.

A frase complexa (hipotaxe)

Uma abordagem que prevê primeiramente o trabalho com o nível denotado, isto é, com a língua enquanto forma, deve ter em vista que os mesmos procedimentos usados para o tratamento das estruturas simples devem servir à descrição das estruturas complexas. Isso porque, segundo Lima (1995, p. 152, *grifos nossos*),

Seja qual for o destaque que se deva dar ao conhecimento da oração enquanto lugar privilegiado das combinações e oposições entre classes de palavras [...], oposições e combinações que são responsáveis pelo sentido oracional [...], *haverá [...] um déficit da significação no nível do sistema, que só será coberto com o emprego de orações subordinadas.*

Embora se reconheça que a descrição de estruturas complexas do latim seja imprescindível para a formação da competência linguística, o volume de trabalho exigido para a sistematização dessa prática seria incompatível com o tempo destinado a esta pesquisa.

Para que se pudesse manter a coerência com o método – que prevê seja seguida uma ordem pré-estabelecida de apresentação dos dados, qual seja, excerto latino / exemplo / explicação / estrutura frasal / exercícios / dado morfológico – seria necessário um corpus

muito extenso de textos latinos. Isso porque, ao contrário do que ocorre com as estruturas simples, em um único excerto não é possível encontrar ocorrências de todos os tipos de estruturas frasais complexas, e ainda em número suficiente para que se possa propor exercícios de recorrência estimulada, ponto fundamental do trabalho.

Um procedimento diferente desse levaria a se tomar, como ponto de partida para a apresentação da matéria, a descrição apresentada pela gramática tradicional, o que, de acordo com os preceitos teóricos adotados, seria altamente desaconselhável, uma vez que

[...] é papel da descrição, não importa se inicial, insistir não no caráter dos exemplos que utiliza, mas na natureza expressiva do sistema, que garante unidade e autonomia específica a cada relação da organização significativa, da qual os textos de autores serão sempre ocorrências singulares, nunca padrão servindo de pretexto às exorbitâncias do normativismo gramatical. (LIMA, 1995, p. 156)

Desse modo, entende-se que o trabalho com a oração subordinada latina deva ser feito a partir de estruturas complexas tomadas dos textos e não, simplesmente, com frases³⁵ tomadas de textos e, menos ainda, com frases cujas estruturas não possam ser encontradas no original³⁶. O procedimento de normalização foi apresentado como método de redução de estruturas complexas a estruturas simples. No entanto, como será demonstrado em dois breves exemplos a seguir, esse procedimento pode ser aplicado em um nível diferente.

Tomem-se os três primeiros versos do Canto I, da *Eneida*, de Virgílio (VIRGILE, 1959):

*Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris
Italiam fato profogus Lauiniaque uenit
Litora [...]*

[Canto as armas e o varão que, expatriado das praias de Troia pelo destino, primeiro chegou à Itália e aos litorais lavínios.]

³⁵ Isto é, unidades do discurso, exemplos de uso.

³⁶ Não se devem construir frases complexas a partir de frases simples. Isso corresponderia a uma prática produtiva em latim e, portanto, não condizente com os preceitos teóricos discutidos ao longo destas páginas.

e a passagem de *Ab Vrbe condita* I, IX, de Tito Lívio (TITE-LIVE, 1985):

Tum ex consilio patrum Romulus legatos circa uicinas gentes misit qui societatem conubiumque nouo populo peterent.

[Então, a partir de uma reunião de senadores, Rômulo enviou, às populações vizinhas, embaixadores que solicitassem aliança e casamento para o jovem povo.]

Tem-se aí a ocorrência de orações subordinadas adjetivas. Aplicando-se a essas duas passagens partes dos processos de *recondução ao estado-zero* e *reversão léxica*³⁷, chega-se à seguinte estrutura:

Nominativo + Acusativo [+ expansão relativa] + Verbo

Poeta arma et uirum [*qui primus in Italiam et in Lauinia litora uenit*] cantat.

Romulus legatos [*qui societatem et conubium nouo populo peterent*] misit.

Desse modo é possível trabalhar com a estrutura da proposição complexa, sem se deixar enredar pelas tramas do uso, no qual, em detrimento do esquema, a descrição dos gramáticos sempre insistiu em basear-se³⁸.

Mesmo não tendo sido possível proceder à sistematização do importante tópico gramatical que é a frase complexa, julga-se oportuno fazer algumas considerações gerais acerca dessas estruturas, e que servirão de fundamento para futuras abordagens.

³⁷ Cf. página 58. A aplicação parcial dos processos se deve ao fato de que, nessa etapa do processo de aprendizagem, o aluno já terá estudado, por exemplo, os tempos verbais, o que dispensa a necessidade de se recondução dos verbos ao tempo presente.

³⁸ Com relação às orações adjetivas, para ficar apenas com esse exemplo, o entendimento da estrutura deixa claro que aquilo que a gramática apresenta sob a divisão em “Relativas no indicativo” e “Relativas no subjuntivo” não tem nada de formal. Pelo menos não do ponto de vista da expressão relativa como expansão nominal. Se há uma diferença linguística aí, ela se deve à oposição entre subjuntivo e indicativo e não à construção relativa. Dizer que um **qui** + subjuntivo tem valor adverbial e, por isso, “equivale” a um **ut** ou a um **cum** (CART, 1986, p.146) contraria a natureza expressiva do sistema, na qual a descrição deveria sempre insistir. O tema renderia todo um capítulo. Aqui, o interesse está apenas em chamar a atenção para o fato de que a descrição da substância, na qual se baseia a gramática normativa, não se restringe somente aos quadros de “declinações”, “classes” e “conjugações”.

Baseado naquilo que Benveniste (1976, p.127) define como *níveis* da análise, de cuja relação resultam a *forma* e o *sentido* das unidades linguísticas³⁹, a estrutura frasal é o ponto máximo em que a análise linguística pode chegar. Para o linguista,

a proposição não pode entrar como parte numa totalidade de ordem mais elevada. Uma proposição pode apenas preceder ou seguir outra proposição, numa relação de sequência. Um grupo de proposições não constitui uma unidade de uma ordem superior à proposição. Não há nível linguístico além do nível categoremático⁴⁰. (1976, p.138).

Assim, se do ponto de vista da análise linguística a proposição não integra uma unidade de nível superior⁴¹, não há como aceitar distinções tradicionais como “proposição principal” e “proposição subordinada”. Segundo Hjelmslev (1975, p.75), “A proposição principal (ou selecionada) e a proposição subordinada (ou selecionante) não constituirão [...] duas espécies de proposição, mas duas espécies de “funções de proposição” ou duas variantes proposicionais”.

Conferir à oração subordinada o *status* de proposição levaria a pensar na existência de um nível linguístico além do nível frasal, uma vez que as relações de subordinação engendram diferentes valores e, por conseguinte, estabelecem diferentes significações, como mostra este exemplo tomado de Lima (1995, p.152-3):

o sentido, pode-se dizer, físico do verbo *ver* em *Veja uma porta aberta*, não se estende tal qual ao que esse verbo possui em *Veja que a porta está aberta* e, menos ainda, em *Veja se a porta está aberta*, nas quais ele tem por

³⁹ Segundo o autor (1976, p.135-6), “A forma de uma unidade linguística se define como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” e o sentido de uma unidade linguística, “como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”. Note-se que essas definições não coincidem com daquelas dadas por Hjelmslev, para *forma* e *sentido*.

⁴⁰ Entenda-se frasal. *Categorema* é a palavra de origem grega para *atributo*, ou seja, o predicado.

⁴¹ Nos termos de Hjelmslev, a frase seria *uma classe analisável em componentes, mas que não constitui ela própria componente de nenhuma classe*. O linguista a define “como a maior unidade sintática que possui caráter iterativo no interior do texto infinito e considera-a como a única suscetível de ser submetida à análise.” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p. 222, s.v. *Frase*).

sinônimos mais próximos, respectivamente: *avistar* (ou *enxergar*), *constatar* e *verificar*.

Vê-se que a significação dos elementos na unidade frasal, ainda atribuída às relações do sistema denotado, não resulta simplesmente da soma das significações léxicas dos termos, mas do valor adquirido pela relação estabelecida entre eles. Desse modo, reconhecem-se no exemplo três diferentes proposições, cada qual com seus constituintes próprios. Todas as estruturas frasais, sejam elas simples ou complexas, devem ser tomadas como proposições e entendidas nos termos de Benveniste (1976, p.137-140).

O que se quer enfatizar é que as orações subordinadas, embora tenham o *status* de oração assegurado pela presença de um verbo, não possuem a autonomia de uma proposição. A subordinação (ou hipotaxe⁴²) é a dependência implicada em uma diferença entre unidades hierarquicamente relacionadas, ou seja, uma unidade subordinada integra-se sempre a uma unidade superior na hierarquia gramatical (AZEREDO, 2008, p. 294). A teoria glossemática chamará *seleção* a relação que une uma oração subordinada a uma principal na cadeia sintagmática, relação em que a oração subordinada pressupõe a principal.

A estrutura da proposição, por ser a unidade máxima de análise, não pode entrar como constituinte (classe de classe) de uma unidade do mesmo nível, isto é, de uma outra proposição. Por isso, para integrar-se a uma unidade hierarquicamente superior, a oração subordina-se a ela, adquirindo o *status* de um constituinte frasal, um sintagma, uma vez que passa a desempenhar uma função sintática. É somente por adquirir características de sintagma que a oração pode servir à subordinação.

É assim que, segundo Benveniste (1976, p. 244), “as unidades complexas da frase podem, em virtude de sua função, distribuir-se nas mesmas classes de formas nas quais se ordenam as unidades simples, ou palavras, em virtude de seus caracteres morfológicos”. A

⁴² Relação hipotática é aquela “que liga dois termos situados sobre dois patamares diferentes de derivação” (GREIMAS & COURTÉS, 2008, p.245, s.v. *Hipotático/Hiperotático*).

oração subordinada é, assim, um sintagma derivado, capaz de desempenhar papéis próprios de constituintes frasais. Daí a classificação gramatical que recebem: substantivas, adjetivas e adverbiais. Mas é preciso atentar para o fato de que

Não há correspondência necessária e verificável termo a termo entre oração substantiva e o substantivo, oração adjetiva e o adjetivo, oração adverbial e o advérbio [...]. Não existem, por exemplo, advérbios de concessão, de condição ou de fim, e o único de causa é o interrogativo *por que*. (LIMA, 1995, p.153)

Portanto, não é conveniente definir as orações subordinadas a partir da correspondência semântica entre a elas e os termos pertencentes àquelas classes formais. A presença de um predicado na oração subordinada submete o sintagma por ela constituído às categorias verbais de tempo, modo, aspecto, voz, etc., o que não se observa em sintagmas formados por substantivos, adjetivo ou advérbios formais. O que existe entre esses sintagmas é uma correspondência de ordem sintática. O comportamento sintático de um sintagma constituído por uma oração subordinada é o mesmo que o de um sintagma constituído por termos daquelas classes formais.

Caberá, então, com base nesses princípios, proceder a um levantamento e a uma análise descritiva dos tipos frasais complexos existentes em latim. Essa prática pode tomar como ponto de partida a constituição sintagmática dessas estruturas em que figuram conjunções subordinantes, formas verbais de subjuntivo, infinitivo, particípio.

Um eixo possível de organização desses dados poderia ser o reconhecimento de uma espécie de denominador comum existente entre os sintagmas constituídos por orações subordinadas e aqueles que apresentam apenas termos formais.

O que define o substantivo é sua característica de *designação*, esse traço pode ser igualmente reconhecido nas orações substantivas, que se apresentam como sujeito (subjativas) ou como constituintes do predicado (completivas). A especificidade do adjetivo é o fato de ser

ele a expansão do substantivo, o que dá a essa classe a característica própria de *determinação*, na relação com o substantivo que, por sua vez, está sempre pressuposto. Daí o fato de uma oração relativa ser a expansão de um nome sujeito, objeto, complemento, etc. Já o advérbio, termo acessório, tem como característica conferir ao predicado uma *circunstância*. Essa circunstância pode referir-se à causalidade⁴³, à temporalidade, à oposição ou à comparação de idéias. Dessa forma, poder-se-ia pensar em uma descrição das estruturas complexas de acordo com os esses preceitos linguísticos.

Mesmo sem proceder à desejável sistematização dessas estruturas, é necessário entender a oração subordinada antes como um constituinte da proposição. Constituinte que, por suas relações hipotáticas, se integra àquela unidade superior. É da internalização das estruturas frasais simples e complexas que depende a formação da competência linguística do estudante de latim.

Por isso, não se pode ir ao texto, mesmo que tomado como ato de fala (e não como objeto conotado), somente estando de posse das conceituações da frase simples. Ao deparar-se com uma conjunção subordinante ou um subjuntivo, um pronome relativo, ou ainda com formas nominais de infinitivo ou particípio, será preciso compreender esses indicadores como elementos formais que exprimem relações sintáticas em estruturas complexas, de cujo entendimento dependerá a apreensão da significação no nível denotado.

Em razão de não terem sido sistematizadas as estruturas complexas, também o modo subjuntivo não foi contemplado nessa descrição. Estudar a morfologia em separado da sintaxe, como a visão crítica das práticas tradicionais permite comprovar, pode trazer consequências desastrosas para o ensino.

⁴³ Entende-se que “a causalidade é uma macrorrelação que se especifica por meio de quatro valores: causa, condição, consequência e finalidade” (AZEREDO, 2008, p.323).

A coordenação (parataxe)

A conceituação da análise proposicional permite entender que subordinação e coordenação não são dois tipos de estruturas complexas, como faz pensar a descrição gramatical, ao situá-las no estudo do chamado *período composto*.

Lembrando o que disse Benveniste (1976, p. 138) sobre o fato de uma proposição poder apenas preceder ou seguir outra, numa relação de sequência, os elementos responsáveis pelas relações entre proposições independentes não permitem estabelecê-las senão como unidades do nível discursivo. Uma vez que, como o próprio linguista afirma, “A frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível” (BENVENISTE, 1976, p.139), é sob esse ponto de vista que deve ser feita a abordagem das orações coordenadas.

Assim, as relações de coordenação, juntamente com os procedimentos de pronominalização, também responsáveis pela dêixis e pela anáfora, fazem parte de uma etapa que permite a transição do nível linguístico ao nível textual. A ideia de transição aí se deve ao fato de que esses operadores engendram relações que estabelecem unidades de análise de um nível que se sobrepõe ao linguístico: o nível discursivo, que, de acordo com as premissas teóricas adotadas, deve ser entendido como pertencente a um sistema conotado. No entanto, mesmo operando em função de um nível não linguístico, os elementos em jogo estão sujeitos às coerções do sistema denotado: as conjunções são uma classe de palavras que podem pressupor ora o modo subjuntivo ora o indicativo, assim como os pronomes também estão sujeitos a todas as variações morfológicas de gênero, número e caso.

Dêixis e anáfora

O estudo dos pronomes deve ser realizado no momento em que todos os conhecimentos sobre as estruturas simples e complexas estiverem assentados. Embora as gramáticas agrupem os pronomes em uma mesma classe de palavras, não se devem estudar todas as suas categorias (pessoais, demonstrativos, relativos) ao mesmo tempo, uma vez que

os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. (BENVENISTE, 1976, p.277)

A característica geral dos pronomes é o fato de pertencerem a uma classe fechada, isto é, de possuírem um número finito de formas, e serem essas formas semanticamente vazias, ou seja, fora da relação discursiva, elas não têm qualquer significação.

Em razão disso, de nada adiantará saber como se comportam morfologicamente os pronomes, se não se souber que tipo de relações esses termos engendram no discurso. Por isso, é preciso estudar suas categorias separadamente. De um lado, aquelas que Benveniste (1976, p. 282) diz possuírem

uma função de representação sintática que se estende a termos tomados às diferentes “partes do discurso”, e que corresponde a uma necessidade de economia, substituindo um segmento do enunciado e até um enunciado inteiro, por um substituto mais maleável.

Esses são termos que se caracterizam, portanto, como *anafóricos*: pertencem à sintaxe da língua e são responsáveis pela veiculação de conceitos idênticos, como é o caso dos pronomes da série (*is*) e dos relativos (*qui*), por exemplo.

De outro lado, devem-se estudar os pronomes *dêiticos*, que se caracterizam por referir às instâncias discursivas de pessoa, tempo e lugar, como é o caso dos pessoais (*ego / tu*) e dos demonstrativos (*hic, iste, ille*)⁴⁴, por exemplo. Vale ressaltar, ainda com Benveniste (1976, p. 280), que

Não adianta nada definir [...] os demonstrativos em geral pela dêixis, como se costuma fazer, se não se acrescenta que a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância de discurso à qual se refere.

Guiando-se pelos conceitos de dêixis e anáfora, pode-se encaminhar o estudo dos pronomes junto com outros tópicos, como por exemplo: os pronomes relativos são introduzidos na apresentação da oração subordinada adjetiva; já os pronomes pessoais podem ser estudados junto com o caso vocativo e o modo imperativo; e assim paulatinamente, o estudo dos pronomes vai ganhando corpo.

Apresenta-se a seguir um breve exemplo de sistematização do caso vocativo e do modo imperativo.

⁴⁴ Também empregados como anafóricos.

UNIDADE VIII – o modo imperativo e o caso vocativo

Essa unidade deve ser apresentada somente após o estudo da frase complexa, em que terão sido sedimentadas as estruturas do sistema denotado. Isso porque, embora crie oposição com os modos indicativo e subjuntivo, e por essa razão pertença à língua, o imperativo, segundo Benveniste (1976, p.303), é uma modalidade específica do discurso: “o imperativo não é denotativo e não visa a comunicar um conteúdo: caracteriza-se como pragmático e visa a agir sobre o ouvinte, a intimar-lhe um comportamento”.

É preciso entender como o imperativo marca a projeção da pessoa no enunciado, evidenciando a relação enunciator-enunciatório. Por essa razão, seu estudo não deve reduzir-se a um tópico da morfologia verbal. Considerando que “A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso” (FIORIN, 2001, p.41), com o estudo do imperativo, tem-se evidenciada a passagem do sistema denotado para o sistema conotado.

Título e conteúdo

Unidade VIII

O SISTEMA VERBAL LATINO: O MODO IMPERATIVO

Nesta Unidade:

- O modo imperativo presente e futuro
- O caso vocativo

Exemplo para primeira observação

Observe a oração latina e sua correspondente em português:

Parcae fuis dixerunt: “Talia saecla currite”.

As Parcas disseram aos fusos: “Fiai tais séculos”.

Explicação gramatical

Temos aqui um exemplo de *discurso direto*: a frase entre aspas representa a fala das Parcas para seus fusos. Esse tipo de expressão é usado quando o narrador reproduz as palavras de uma personagem, conservando a maneira como foram expressas.

Como vimos, o *modo* verbal diz respeito à atitude do enunciador em relação aos fatos narrados. Assim, o *modo imperativo* indica uma ordem, um pedido ou uma exortação.

Ao contrário do português em que as formas do imperativo não apresentam marcas temporais, em latim há formas de imperativo presente e de imperativo futuro.

Dado morfológico

O IMPERATIVO PRESENTE é conjugado apenas na 2ª pessoa (singular e plural). Sua estrutura morfológica é:

2ª pessoa do singular:

Tema de *inflectum* + Ø

2ª pessoa do plural:

Tema de *inflectum* + -te

Exemplos:

NÚMERO	PESSOA	<i>creāre</i>	<i>mulcēre</i>	<i>legēre</i>	<i>audīre</i>	<i>facēre</i>
SINGULAR	2ª	crea	mulce	lege	audi	fac
PLURAL		create	mulcete	legite	audite	facite

Já o imperativo futuro é conjugado na 2ª e 3ª pessoas (singular e plural). Sua estrutura morfológica é:

2ª e 3ª pessoa do singular:

Tema de *inflectum* + -to

2ª pessoa do plural:

Tema de *infectum* + -tote

3ª pessoa do plural:

Tema de *infectum* + -n- + -to

Exemplos:

NÚMERO	PESSOA	<i>creāre</i>	<i>mulcēre</i>	<i>legēre</i>	<i>audīre</i>	<i>facēre</i>
S I N G	2ª	creato	mulceto	legito	audito	facito
	3ª					
P L U R	2ª	creatote	mulcetote	legitote	auditote	facitote
	3ª	creantote	mulcentote	leguntote	audiuntote	faciuntote

O Caso Vocativo

Observe a oração latina e sua correspondente em português:

Parue puer, matrem risu cognoscere incipe.

Pequeno menino, começa a conhecer a mãe pelo sorriso.

Explicação gramatical

Vocativo é o termo com que o enunciador identifica o destinatário, quando a ele se dirige. Usado para chamamento ou interpelação, o vocativo é uma unidade inerente à atividade interlocutiva. Por essa razão, diz-se que ele não pertence propriamente à estrutura da oração. Em português é marcado, na fala, pela entoação que, na escrita, é representada pelo uso de vírgulas. Em estruturas imperativas, em que o enunciador se dirige diretamente ao seu interlocutor, o emprego do vocativo é bastante frequente.

Em latim, o VOCATIVO, que é o sexto e último caso a ser estudado, se expressa por meio de flexões nominais. No entanto, as marcas desinenciais de vocativo singular e plural são idênticas às de nominativo singular e plural, exceto para as palavras de variante temática **-o-** que fazem nominativo singular em **-us**. Para essas a desinência de vocativo singular será **-e**.

Como se pôde ver no exemplo, tanto o substantivo *puer* (menino) quanto o adjetivo *paruus* são de tema em **-o-**, no entanto, somente o adjetivo faz o nominativo em **-us**. Assim, no vocativo, a marca flexional será **-e**, *parue*, enquanto *puer* fica exatamente como no nominativo.

Os pronomes pessoais

Muitas vezes o vocativo vem expresso, não por um nome, mas pelo pronome pessoal de 2ª pessoa (*tu* ou *uos*). Como se viu, em latim, os pronomes pessoais no nominativo, isto é, em função de sujeito, só são expressos quando o enunciado pede clareza ou ênfase.

As formas de 3ª pessoa, invariáveis quanto ao número, não possuem forma de nominativo porque são empregadas como reflexivas, isto é, para se referirem ao sujeito da oração. Como equivalente dos pronomes pessoais de 3ª pessoa *ele*, *ela*, *o*, *a* em português, o latim fazia uso dos pronomes anafóricos (*is*) ou demonstrativos (*ille*).

CASO	NÚMERO	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
NOMINATIVO	<i>singular</i>	ego (eu)	tu (tu)	
	<i>plural</i>	nos (nós)	uos (vós)	
ACUSATIVO	<i>singular</i>	mē (me)	tē (te)	sē (se)
	<i>plural</i>	nos (nos)	uos (vos)	
GENITIVO	<i>singular</i>	mei (de mim)	tui (de ti)	sui (de si)
	<i>plural</i>	nostrī / nostrum (de nós)	uestri / uestrum (de vós)	

DATIVO	<i>singular</i>	mihi (a/para mim/me)	tibi (a/para ti/te)	sibi (a/para si)
	<i>plural</i>	nobis (a/para nós/nos)	uobis (a/para vós)	
ABLATIVO	<i>singular</i>	mē (por/sem mim)	tē (por/sem ti)	sē (por si)
	<i>plural</i>	nobis (por/sem nós)	uobis (por/sem vós)	

Exercícios de aplicação

I. Passe para o português as frases latinas:

1. Tu, casta Lucina, puero faue!
2. Te consule, Pollio, aeui decus inibit.
3. Tibi, puer, tellus prima munuscula fundet.
4. Nutantem mundum aspice!
5. O cara deum soboles, magnos honores adgrederere!
6. O Iouis magnum incrementum, magnos honores adgrederere!

Vocabulário

VOCABULÁRIO		
adgredior, adgredi, adgressus sum <i>v.intr. dep.:</i> avançar	fundo, fudi, fundere, fusum <i>v.tr.:</i> espalhar	nutans, nutantis <i>adj.:</i> oscilante
aeuum, aeui <i>n.:</i> tempo	honor, honoris <i>m.:</i> honra	ō <i>interj.:</i> ó
aspicio, aspexi, aspecere, aspectum <i>v.tr.:</i> olhar	incrementum, incrementi <i>n.:</i> filho	Pollio, Pollionis <i>m.:</i> Polião
carus, -a, -um <i>adj.:</i> caro	ineo, inii, inire, initum <i>v.intr.:</i> surgir	primus, -a, um <i>adj.:</i> primeiro
castus, -a, -um <i>adj.:</i> casto	Iuppiter, Iouis <i>m.:</i> Júpiter	puer, pueri <i>m.:</i> menino
consul, consulis <i>m.:</i> cônsul	Lucina, Lucinae <i>f.:</i> Lucina	soboles, sobolis <i>f.:</i> descendência
decus, decoris <i>n.:</i> glória	magnus, -a, -um <i>adj.:</i> grande	Tellus, Telluris <i>f.:</i> a Terra
deus, dei <i>m.:</i> deus	mundus, mundi <i>m.:</i> mundo	tu <i>pron. pess.:</i> tu
faueo, faui, fauere, fautum <i>v.tr.:</i> favorecer (+ dat)	munusculum, munusculi <i>n.:</i> presentinho	

PARTE IV

SEMIÓTICAS CONOTATIVAS:
AS ABORDAGENS TEXTUAL E
INTERTEXTUAL

Do denotado ao conotado

“não há significado sem significante que o conforme e torne apreensível aos sentidos e à mente”

Alceu Dias Lima, 1974, p. 61

Como se procurou demonstrar ao longo da discussão teórica, do ponto de vista da língua (da *semiótica denotativa*), um texto em linguagem verbal é um fato material. Por essa razão, ainda do ponto de vista linguístico, tudo o que concerne ao poético, ao ideológico, ao social, ao cultural deve ser entendido como sendo de natureza não-linguística e, portanto, tomado como dado da *substância*. Mais precisamente, serão esses os domínios da **substância linguística do conteúdo**, ao passo que o som (a articulação, a fonação, todos os fatores físicos e fisiológicos envolvidos na produção dos sons da fala e que indicam regionalismos, grupo etário e sócio-econômico, etc.), o domínio da **substância linguística da expressão**.

Portanto, em uma abordagem com vistas ao ensino inicial, que deve trabalhar exclusivamente com a semiótica denotativa, essas questões devem ser postas de lado. Mas, diante da tarefa de preparar especialistas para a leitura de textos em latim, aquilo que antes foi apenas uma fonte para o estudo da língua passa a ser tomado como principal objeto de análise.

Assim, assentados os fundamentos do nível linguístico, deve-se partir para a abordagem do texto, a ser analisado então como um objeto de significação. E, quando se passa da leitura da frase normalizada à leitura do texto, deve haver uma mudança de enfoque¹. Enfoque que, como se viu, pode começar a ser ajustado ainda no tratamento de questões do sistema denotado, responsáveis pela transição ao sistema conotado: de que maneira os usos dos pronomes, dos conectivos, dos verbos, dos advérbios, etc. são aproveitados em função da

¹ Fala-se em “passagem da frase normalizada ao texto” e não simplesmente em “da frase ao texto” porque se entende a frase como unidade do discurso. Portanto, quando se toma uma frase, o texto, que corresponde ao todo, está pressuposto.

dêixis e da anáfora (coesão textual), e de todos os procedimentos próprios da construção do enunciado como um todo de sentido.

A leitura de um texto em linguagem verbal permite reconhecer certas significações para cujo entendimento a descrição da forma linguística se mostra insuficiente. No entanto, “todo procedimento poético ou conotativo é por definição um sistema segundo cuja explicação só é cabal quando homologável ao sistema primeiro que lhe deu origem, o da frase, tanto quanto possível denotada” (LIMA, 1995, p.118).

É por isso que o trabalho com o nível denotado em separado do conotado é fundamental. Mas é somente quando se procede àquela mudança de enfoque que se começa a trabalhar no nível das competências que poderão habilitar o especialista “a reconhecer o valor de uma escolha em detrimento de outra e a perceber o papel dos sinais que organizam e roteirizam o sentido por meio dos enunciados/textos” (AZEREDO, 2009, p.107). Em outras palavras, competências que farão com que o especialista esteja apto a *ler* de maneira efetiva os textos latinos.

Nível textual: o texto como sistema semiótico

O significante não é a materialidade do suporte, mas o seu emprego pelo operar humano para fins de significação.

Alceu Dias Lima, 1992e, p. 96

No desenvolvimento das ideias de Saussure, Hjelmslev, ao final de seus *Prolegômenos*, chegou à concepção própria de linguagem como estrutura – rede hierárquica de relações:

está claro que não apenas as considerações gerais que fomos levados a apresentar como também os termos aparentemente mais específicos que introduzimos aplicam-se não apenas à linguagem “natural”² como também a linguagem num sentido muito mais amplo. É justamente porque a teoria está estabelecida de modo tal que a forma linguística é nela estudada sem levar em consideração a “substância” (sentido), que o instrumental introduzido poderá ser aplicado a toda estrutura cuja forma é análoga à linguagem “natural”. (1975, p.109-10)

Enquanto do ponto de vista da *língua* (do esquema linguístico, do sistema denotado) um texto é um ato de fala, material e individual, do ponto de vista das chamadas *semióticas conotativas*, um texto é também uma estrutura³, uma linguagem que, enquanto rede de relações, é capaz de formalizar sentidos. É por essa razão que se podem reconhecer nos textos significações outras que transcendem o signo linguístico.

A teoria da linguagem de Hjelmslev postula que a significação é uma semiose, isto é, uma função estabelecida pela *relação formal* entre expressão e conteúdo. Assim, mesmo o reconhecimento de significações advindas da relação entre dados da suposta substância

² Aqui talvez valha uma ressalva quanto ao uso da expressão “linguagem ‘natural’”. Assim como ocorre em inglês, em dinamarquês, os conceitos de *língua* e *linguagem* se expressam por um mesmo vocábulo (*sprog*). A leitura dos *Prolegômenos* permite inferir que o termo *língua* parece traduzir mais adequadamente a expressão e, no presente contexto, parece conferir maior precisão às ideias de Hjelmslev.

³ As línguas “são de tal natureza que permitem a produção de linguagens – textos – delas derivados e construídos conforme uma estrutura [...] homologável à das línguas naturais” (LIMA, 1992e, p.95).

linguística não deve ser usado como argumento para invalidar aquele preceito teórico. Aliás, a teoria é bastante clara quando afirma que não pode haver significação fora da relação entre expressão e conteúdo.

Diante da constatação da existência de relações significativas em um objeto que, do ponto de vista linguístico, é considerado mera *substância*, deve-se, ao contrário, entender que, se essas relações se observam, é porque há outra forma em jogo, uma forma não-linguística. Vale insistir: uma vez que seja possível apreender uma significação instaurada pela relação entre grandezas que, em um primeiro momento, foram entendidas como *substância*, isso significa que o dado material contraiu uma *função* (tornou-se um *funtivo*), passando a adquirir caráter formal.

É desse modo que

As cadeias sonoras produzidas pela voz humana e decodificadas pela dupla articulação no ato da comunicação deixam de ser os únicos fenômenos a serem aferidos pelo sistema semiótico: realidades sensíveis de diversa natureza: auditiva, visual, e por que não também tátil e até olfativa ou gustativa poderão ser objeto dessa ciência, contanto que utilizadas para fins de significação ou seja, *unidas pela relação de interdependência entre um plano de expressão e um plano de conteúdo*. Mais do que isso, a análise semiótica de um texto ou de um fragmento de texto poderá perder a sua pertinência ao nível da primeira articulação, visto que esse texto ou esse fragmento contraiu em bloco uma nova função de expressão relacionada a novo conteúdo. Em outras palavras, a cadeia ou o discurso em questão passou a constituir um novo sistema semiótico a que Hjelmslev chama conotação. Ele pode enquanto sistema constituir-se no objeto de análise ou seja receber o mesmo tratamento teórico do sistema de origem. (*grifos nossos*, LIMA, 1976, p.175).

Por tudo isso é que a leitura não pode prescindir dos conhecimentos responsáveis pela formação da competência textual. É esta que permite abordar um texto do ponto de vista das *semióticas conotativas* e entendê-lo como um signo. Aliás, é a essa concepção que se refere Hjelmslev quando afirma que a extensão de um signo não se limita à extensão de uma palavra ou de partes de palavras: há signos-palavras, signos-enunciados e signos-textos (TATIT, 2006,

p.206). E é com essa concepção que se amplia o alcance da teoria como queria Hjelmslev (1975, p.133).

Se o objetivo daqueles que se dedicam ao estudo de uma língua antiga como o latim é a leitura de seus textos, é preciso então voltar ao ponto do qual se partiu e tomá-los à luz da teoria da linguagem, em especial daqueles conceitos que permitem compreendê-los como objetos de significação únicos em sua maneira de expressar a cultura à qual pertencem.

Lima (1995, p.44) sugere que, em uma proposta atualizada de ensino de latim,

estejam incluídos como parte constitutiva para efeito de descrição metalinguística não só o que nos textos tomados como testemunhos da fala é expressão fonológica, morfossintática e léxica de um conteúdo denotado, vale dizer, obtido por convenção, mas também aqueles outros elementos que, por terem indicação analógica, isto é, mais intrinsecamente simbólica, dão lugar ao surgimento da significação conotada, de que são o fundamento.

Dessa forma, pode-se dizer que um texto possibilita vários níveis de leitura, uma vez que “Interagem nos escritos latinos de boa cepa e mesmo os de não tão boa, por exigência das normas que condicionam toda arte de escrever, significantes de mais de um nível de organização” (LIMA, 1995, p.111).

A dinâmica de leitura do latim exige, inevitavelmente, como primeira etapa uma prática metalinguística (que por falta de denominação mais precisa é chamada “tradução”). Isso porque não se pode ler latim em latim, pelo menos não com a aquela fluência desejável com que se leem textos de línguas modernas. Mas essa prática de “primeira leitura” só permite, quando muito, uma compreensão superficial, porque meramente contedística, do texto.

Assim, após ter entendido o assunto de que o texto trata, é preciso voltar-se a ele a fim de compreender de que maneira os recursos expressivos utilizados pelo seu enunciador contribuíram para torná-lo um signo único, um objeto particular de significação. É por isso que o exercício de leitura deve-se fazer sobre os textos originais. Não que isso diminua a

importância dos trabalhos de tradução. Há, de fato, várias traduções de textos clássicos (algumas excelentes) à disposição do moderno estudante de latim. E elas têm grande valor, mesmo nas práticas de ensino-aprendizagem, uma vez que é muito pouco provável que o estudante consiga ler, no original, todos os textos e autores importantes para a sua formação.

A insistência aqui é, entretanto, a de que se dê enfoque à *leitura* do original, pois só assim se pode verdadeiramente entender “aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários” (CALVINO, 2002, p.12). Nesse sentido, embora aquela “tradução” a que se fez referência faça parte do exercício, ela é apenas um meio e não um fim. E mesmo para a realização de uma tradução propriamente dita, que é uma das finalidades do trabalho com textos clássicos, não se pode prescindir de uma leitura efetiva do original.

Nessa etapa de leitura, portanto, entram em jogo conhecimentos fornecidos pela Poética, pela Retórica e Estilística, pelas teorias do Discurso, etc. Todos esses conhecimentos permitem reconhecer significações textuais.

É assim que se pode observar em que medida as marcas enunciativas, os recursos figurativos, sonoros, as construções sintáticas particulares, composições rítmicas de versos – todos os recursos responsáveis pela construção do texto – contribuem para identificá-lo como um objeto artístico e cultural.

Não é parte dos propósitos deste trabalho expor, do ponto de vista teórico, cada um dos procedimentos de análise envolvidos nessa concepção de leitura. Entende-se que uma sistematização desses dados com vistas ao ensino seria matéria de outra pesquisa. Vale destacar apenas que

O que passa então a arcar com maior peso da análise é a exigência formal de que, sendo a relação entre expressão e conteúdo a condição do pensamento estrutural ou dialético, não sobra nela qualquer brecha a desenvolvimentos que operem apenas com este ou aquele aspecto isolado da realidade verbal. Achados saluários e localizados dos poetas, quer fonéticos, quer semânticos, por mais curiosidade que venham a suscitar, têm o seu raio de ação limitado aos exemplos a que dão origem, sem que seja possível conferir-lhes o

alcance produtivo das unidades do sistema, trate-se da fonologia, da morfossintaxe ou do léxico. (LIMA, 2000, p.26)

Assim, como quer que seja o encaminhamento dado às questões textuais, cumpre não perder de vista que a utilidade operacional de todo aparato teórico se mede pela sua funcionalidade metalinguística: que, uma vez assimilados, os conceitos teóricos possam ser aplicados à análise de novas ocorrências.

Nível intertextual: relações entre linguagem e cultura

Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade.

Émile Benveniste, 1976, p.31

A primeira acepção do verbete *Cultura*, no *Dicionário Houaiss* é “ação, processo ou efeito de cultivar a terra”. É interessante notar como essa definição ilustra de maneira bastante concreta o sentido antropológico do termo.

Define-se *Cultura* por oposição à *Natureza*. Assim, pertence ao universo natural tudo o que existe independentemente das ações humanas. Já ao universo cultural, pertence tudo o que é acrescentado à natureza através das ações transformadoras do homem e que é apreendido e transmitido de geração em geração (LOPES, 1976, p.15).

Lévi-Strauss (1996, p.86), demonstrando que a complexa relação entre linguagem e cultura se dá em diferentes níveis, afirma:

Pode-se, inicialmente, tratar a linguagem como *produto* da cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral da população. Mas num outro sentido, a linguagem é uma *parte* da cultura; constitui um de seus elementos, dentre outros. Recordemos a célebre definição de Tylor, para quem a cultura é um conjunto complexo que compreende as ferramentas, as

instituições, as crenças, os costumes e também, bem entendido, a língua. Segundo o ponto de vista no qual se situa, os problemas colocados não são os mesmos. Mas não é tudo; pode-se também tratar a linguagem como a *condição* da cultura, e por duplo motivo: diacrônico, visto que é sobretudo através da linguagem que o indivíduo adquire a cultura do seu grupo; instrui-se, educa-se a criança pela palavra; ralha-se com ela, lisonjeia-se com palavras. Situando-se de um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar a da linguagem. Ambas se edificam por meio de relações lógicas. Tanto que se pode considerar a linguagem como um alicerce destinado a receber as estruturas às vezes mais complexas, porém do mesmo tipo que as suas, que correspondem à cultura encarada sob diferentes aspectos.

Esses três níveis de relação podem ser melhor compreendidos se se pensar essa concepção de cultura a partir das idéias de Hjelmslev sobre a linguagem. Dessa forma será possível entender em que medida ações transformadoras do homem em seu meio estabelecem uma cultura.

Hjelmslev (1975, p.61), em raro momento de ilustração dos conceitos abstratos que apresenta, afirma, ao tratar dos planos da linguagem, que a substância surge quando se projeta a forma sobre o sentido, “tal como um fio esticado projeta sua sombra sobre uma superfície contínua”. O fio esticado é a forma, a superfície, o sentido e a sombra é a substância.

A substância é a grandeza dotada de materialidade e que primeiro se apresenta à percepção, mas que só pode ser de fato apreendida graças à forma, que lhe é subjacente e sem a qual a substância não existiria. O sentido, um contínuo amorfo, uma vez formalizado, passa ser a substância de uma forma, por isso, não possui, por si só, existência científica.

Pensando que a forma é a *língua natural* e o sentido é a “realidade”, a substância, sentido materializado que se apresenta à percepção, seria o *discurso*. Pode-se, então, com base naquelas palavras de Hjelmslev, dizer que a *língua projeta-se sobre a realidade e faz surgir os discursos*.

É nesse sentido que Benveniste (1976, p.26) afirma que

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido.

Saussure reconheceu a língua como uma entidade social, que não pertence a um único indivíduo, mas a todos que compartilham uma mesma coletividade. É a coletividade que possibilita a convenção, necessária para a existência da língua enquanto forma, isto é, como um sistema de valores. É através da língua natural⁴ que o homem, pela necessidade de compreender o mundo a sua volta, transforma a realidade, reproduzindo-a.

Pode-se entender com isso que o que faz surgir a *cultura* é a própria linguagem. É a forma linguística a ação transformadora do homem sobre a *natureza*. É nesse sentido que a linguagem pode ser considerada como condição para a existência da cultura.

Mas a linguagem é também o produto da cultura. O homem não está rodeado apenas pela realidade natural. A concepção do universo cultural, criado pelas convenções coletivas, também precisa ser compreendida e transmitida. E isso se faz por meio de práticas sociais. Essas práticas derivam da língua natural – “única realidade cultural imediatamente dada ao homem e o primeiro sistema modelizante que o homem aprende a manejar, depois de nascer” (LOPES, 1976, 20) – e, enquanto sistemas organizados, podem ser entendidas como linguagens.

A linguagem, assim, deve ser concebida em um sentido mais amplo: como *estrutura* hierarquicamente organizada, isto é, como semiótica (HJELMSLEV, 1975, p.109-10). Essas linguagens serão as chamadas semióticas pluriplanas de Hjelmslev, derivadas da semiótica denotativa, que é a língua natural. São elas que, como produto da cultura, refletem, nos discursos por elas produzidos, os valores sociais e ideológicos do grupo no seio do qual elas foram estabelecidas:

⁴ Sistema modelizante primário (LOPES, 1976, p.18-24).

a linguagem é um conjunto estruturado que produz o sentido⁵ [...] esse sentido sofre coerções sociais e ideológicas. O discurso não é uma construção individual, mas coletiva, na medida em que não se origina em cada indivíduo de maneira nova e inédita. (CORTINA, 2006, p. 6)

É então por meio dessas linguagens que o homem, ao produzir discursos, conserva e transmite suas apreensões do mundo – natural, cultural, real ou imaginário. O conjunto dessas práticas sociais, isto é, das semióticas usadas pelo homem para transformar a realidade, é o que caracteriza a cultura. E nesse sentido a linguagem pode ser considerada como parte da cultura.

Assim, de acordo com as ideias de Lévi-Strauss e de Hjelmslev, a linguagem é uma condição da cultura, na medida em que a existência desta depende da ação transformadora do homem que se dá através da linguagem: a linguagem faz surgir a cultura e a cultura é adquirida e transmitida pela linguagem. A linguagem é também um produto da cultura porque o homem, no anseio de compreender o mundo a sua volta (que é, sobretudo, cultural) desenvolve novas formas de apreensão, isto é, semióticas: derivadas da língua natural, essas linguagens refletem a cultura. E, finalmente, a linguagem é uma parte da cultura porque em última análise, a cultura é o grande conjunto que encerra todas as linguagens, todas as semióticas criadas pelo homem.

A cultura é então um grande conjunto de sistemas de signos. É nesse sentido que Benveniste afirma ser ela um fenômeno inteiramente simbólico (1976, p. 32):

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas de sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como a língua, cada cultura emprega

⁵ O conceito de “sentido” aqui equivale àquilo que, com Hjelmslev, se está chamando substância.

um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.

Assim, o estudo de uma língua está diretamente relacionado com o estudo da sua cultura. Com relação ao latim, sem a inserção na cultura romana, não é possível a compreensão do idioma como uma língua natural.

Uma vez que “lo sviluppo delle competenze linguistiche è possibile solo se è presente il quadro culturale di riferimento in cui inserirle, la conoscenza cioè del mondo di cui quella lingua è espressione” (RAMPIONE, 1999, p.112), o dado cultural deve estar presente desde a primeira lição de latim. É em função do conhecimento da cultura que o estudo da língua encontra legitimidade.

Como se viu, a relação do homem com o mundo se dá por meio da linguagem:

Os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem [...] o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica dizer que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo. Essa relação entre os discursos é o dialogismo. Como se vê, não temos relação com as coisas, mas com os discursos que lhes dão sentido [...] (FIORIN, 2006, p.167)

É importante não perder de vista que, embora se esteja enfatizando o discurso como meio de relação do homem com o mundo e dos homens entre si, é sempre a forma, a estrutura da língua natural que permite a criação de discursos:

A linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o a sua própria organização. Ela é *logos*, discurso e razão juntos, como o viram os gregos. E isso pelo próprio fato de ser linguagem articulada, consistindo de um arranjo orgânico de partes de uma classificação formal dos objetos e dos processos. O conteúdo que deve ser transmitido [...] é decomposto, assim, segundo um

esquema linguístico. A “forma” do pensamento é configurada pela estrutura da língua. (BENVENISTE, 1976, p.26)

Mas os discursos são o resultado da projeção da linguagem sobre a realidade. Como se procurou demonstrar, desse ponto de vista, a realidade é um sentido amorfo que a linguagem delimita, e os discursos são a substância, a manifestação da realidade.

Hjelmslev, ao tratar da concepção de signo afirma que dizer que o *signo é signo de alguma coisa* só faz sentido se se entender essa “alguma coisa” como a substância (1975, p.61-2). O signo é forma, ele delimita o sentido dotando-o de uma materialidade apreensível, a substância. É assim que o signo é signo de uma substância. Se, como se viu, o recorte da realidade gera discursos, os discursos são a parcela material dos signos. Os signos são signos de um discurso.

Mas o signo, por sua vez, é sempre uma entidade delimitada por uma determinada semiótica⁶. Delimitam-se signos a partir da estrutura hierárquica considerada. Viu-se que de um ponto de vista, aquilo que era mera substância pode, de outro ponto de vista, ser tomado como forma.

A partir de Hjelmslev, a linguagem pôde ser entendida em um sentido mais amplo. O homem, ser social, produz linguagens de diversas naturezas para poder apreender o mundo que o rodeia. Essas linguagens são as chamadas semióticas pluriplanas que derivam da semiótica denotativa, a língua. É assim que um signo conotado é um todo formado por conteúdo e expressão e esta é a própria língua, enquanto sistema denotado.

Desse ponto de vista, aquilo que era substância linguística pode tornar-se forma conotativa, na medida em que as substâncias contraírem relações significativas, passando com isso a adquirir caráter formal. É assim que os diversos discursos poderão constituir eles próprios linguagens e serem também eles uma forma a ser projetada sobre outros sentidos. E

⁶ Como foi exposto no capítulo “Forma e substância: a delimitação do sentido”, da Parte I.

se a realidade cultural não é senão um conjunto de discursos, pode-se dizer que há “formas-discurso” (linguagens) que se projetam sobre “sentidos-discurso” (“realidade”) fazendo surgir “substâncias-discurso” (outros discursos).

E assim, à luz dos conceitos da teoria da linguagem, é preciso guiar o olhar sobre esse multifacetado conjunto de linguagens sobrepostas, para que se possam compreender, diante da diversidade de discursos, as significações que caracterizam uma cultura.

Quando se está diante da tarefa de estudar um idioma antigo, cujo maior testemunho são as fontes textuais, a compreensão da cultura que o define dependerá dos conhecimentos fornecidos pelos discursos – que a partir de agora devem ser entendidos em sentido mais amplo. São discursos tanto as fontes da cultura material, quanto os textos em linguagem verbal, produzidos não só pela própria cultura antiga, mas também pela sua recepção ao longo dos séculos.

É desse modo que, se não há relação possível com o mundo senão por meio de discursos, as referências culturais presentes nos textos serão sempre resultantes de relações intertextuais.

A intertextualidade “implica [...] a existência de semióticas (ou de “discursos”) autônomas no interior das quais se sucedem processos de construção, de reprodução ou de transformação de modelos, mais ou menos implícitos.” (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 272, *s.v. Intertextualidade*).

É no trabalho com o intertexto que as relações entre linguagem e cultura são explicitadas:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. [...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto (FREIRE, 1987, p.11-12).

Como se procurou demonstrar, o trabalho inicial – aquele em que são abordadas as estruturas linguísticas – não deve deixar de apresentar, de alguma forma, o texto original que se está tomando como ponto de partida para as aulas. Essa apresentação tem o intuito de fornecer a base da referência contextual, que permite evitar estranhamentos que o contato com uma cultura diferente costuma criar.

Os dados gerais de cultura devem acompanhar essa apresentação do texto⁷. Ao apresentar esse tipo de informação, fornece-se uma espécie de modelo de leitura, ou de percurso necessário à leitura dos textos clássicos.

Por meio das relações intertextuais é possível não só recuperar as referências culturais mais explícitas, como também reconhecer as diferentes vozes sociais presentes nos discursos dos diferentes autores latinos. Isso porque “o discurso, ao se produzir, reflete e refrata os valores e a concepção de mundo de que o sujeito enunciativo está investido, e [...] seus valores e concepções são originárias do lugar histórico e social que ocupa” (CORTINA, 2006, p. 6).

É a partir da formação de uma competência intertextual que o aluno é levado a entender, desde o início do aprendizado, a importância dos dados de cultura para a compreensão eficaz da língua e dos seus textos.

Apresenta-se a seguir um exemplo de leitura de um texto latino, que procura aproveitar as ideias aqui discutidas.

⁷ Aqui apresentada na forma de notas e comentários.

**VIRGÍLIO *Bucólicas* IV:
LEITURA COMENTADA**

Apresenta-se a seguir, um breve exemplo de leitura do texto usado como *cópus* para o trabalho. O intuito aqui é mostrar que tipo de encaminhamento pode ser dado às questões textuais e intertextuais, sem com isso pretender esgotá-las⁸. Entende-se que todas as informações dessa natureza poderiam ser sistematizadas com o objetivo de integrar uma espécie de manual de ensino de latim, mas isso se configuraria mais como um manual de leitura e interpretação de textos do que propriamente de língua latina, e, nesse momento, esse não era o objetivo deste trabalho.

Acredita-se, no entanto, que, tendo em vista os conceitos aqui trabalhados, pode-se realizar um encaminhamento em sala de aula de modo a preparar o aluno para a leitura efetiva de um texto latino.

A leitura que se faz a seguir baseia-se no texto original⁹. A apresentação de uma tradução poética ao final faz-se a título de ilustração, mas não será ela o foco da análise.

Entende-se que um texto permite diversas abordagens, dependendo do ponto de vista a partir do qual é analisado. Para essa leitura, bastante geral, misturam-se conceitos tomados à Poética, à Retórica, à História, à Etnologia, etc.

O estudante de Letras, às voltas com o estudo da linguagem, fica muitas vezes sem ter a consciência clara do seu papel, isto é, daquilo que o define como especialista. Como se viu, os estudos da linguagem abrangem um campo muito extenso do conhecimento. Mas o curso de Letras prepara especialistas em linguagem verbal. Todos os conhecimentos fornecidos pelos demais campos científicos devem servir para dar sustentação ao estudo desse objeto.

Assim, qualquer que seja a área do conhecimento a que se deva recorrer para a compreensão *daquilo* que o texto diz, ao especialista formado em Letras interessa também, e

⁸ Trata-se, pois, de um exemplo de trabalho e não de uma análise exaustiva do poema virgiliano.

⁹ Cujas traduções de referência encontra-se no capítulo “Proposta de Sistematização”, páginas 75 e 76.

sobretudo, o *modo como* o texto diz o que diz. Porque, muito embora do ponto de vista da finalidade comunicativa a linguagem tenha por destino ser um meio e não um fim e, em razão disso, queira ser ignorada¹⁰, do ponto de vista da análise do objeto cultural que é uma obra literária, tomada como manifestação artística, a linguagem passa a ser um fim em si mesma, uma vez que se revela “o pendor para a mensagem como tal, o enfoque da mensagem por ela própria” (JAKOBSON, 2001, p.127-8).

A apreensão do sentido (ou dos efeitos de sentido) do texto depende da compreensão da forma que o recorta e o transforma em substância. É por isso que a significação buscada em todo processo de leitura só pode ser encontrada na relação entre expressão e conteúdo. Para essa abordagem do texto, as palavras de Lima (1992, p.16) são sempre elucidativas:

O poema enquanto forma é infenso à existência prévia de qualquer sistema estatuído. O seu sentido consiste no efeito de sentido segundo o qual nada existe antes dele. Nele, no poema, a distância que separa o significante do significado, o social do individual, se anula. Daí a sensação de que o poeta cria *ex nihilo* a verdade. E não é por termos consciência, uma consciência sujeita ao conhecimento especulativo e à memória, de que o sentido poético é, na verdade, efeito de sentido, ou seja, algo obtido, em última instância, mediante a organização do significante, que poderemos renunciar a falar dele sem ser com suas próprias palavras. Toda e qualquer fala sobre poema visa ao sentido. Não ao que se alcança pela mediação do código, pouco importa se o linguístico ou o da poética, cuja face visível é sempre o significante culturalmente construído e, por isso, confundido com a substância. À forma do poema corresponde a verdade que se intui, se realiza e se esgota inteira no instante da percepção pelos sentidos e pela mente, num só e mesmo ato.

Em razão disso, a análise apresentada a seguir faz-se com o intuito de mostrar que o que faz de um texto um signo poético é a sua expressão e o seu conteúdo indissociavelmente relacionados. E sua construção reúne signos de diferentes ordens que obedecem a esse mesmo princípio, sem o qual não haveria semiose, e não se poderia pensar em significação.

¹⁰ Cf. *Prolegômenos*, “o perigo reside no fato de que a linguagem *quer* ser ignorada: é o seu destino ser um meio e não um fim, e é só artificialmente que a pesquisa pode ser dirigida para o próprio meio do conhecimento.” (HJELMSLEV, 1975, p.3).

VIRGÍLIO

IV Bucólica

*Sicelides Musae, paulo maiora canamus;
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:
si canimus siluas, siluae sint consule dignae.*

*Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas;
5 magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;
iam noua progenies caelo demittitur alto.
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
desinet ac toto surget gens aurea mundo,
10 casta, faue, Lucina: tuus iam regnat Apollo.
Teque adeo decus hoc aeui, te consule, inibit,
Pollio, et incipient magni procedere menses
te duce. Si qua manent sceleris uestigia nostri,
inrita perpetua soluent formidine terras.*

*15 Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit
permixtos heroas et ipse uidebitur illis
pacatumque reget patriis uirtutibus orbem.*

*At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu
errantis hederas passim cum baccare tellus
20 mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.
Ipsae lacte domum referent distenta capellae
ubera, nec magnos metuent armenta leones;
ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.
Occidet et serpens, et fallax herba ueneni
25 occidet; Assyrium uolgo nascetur amomum.*

*At simul heroum laudes et facta parentis
iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus,
molli paulatim flauescet campus arista,
incultisque rubens pendebit sentibus uua,
30 et durae quercus sudabunt roscida mella.
Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis,
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.
Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo*

- 35 *delectos heroas; erunt etiam altera bella,
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.*
*Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.*
- 40 *Non rastros patietur humus, non uinea falcem;
robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;
nec uarios discet mentiri lana colores,
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti
murice, iam croceo mutabit uellera luto;*
- 45 *sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.*
*«Talia saecla» suis dixerunt «currite» fuis
concordes stabili fatorum numine Parcae.*
*Aggredere o magnos aderit iam tempus honores,
cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!*
- 50 *Adspice conuexo nutantem pondere mundum,
terrasque tractusque maris caelumque profundum;
adspice uenturo laetantur ut omnia saeclo.*
*O mihi tum longae maneat pars ultima uitae,
spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!*
- 55 *Non me carminibus uincet nec Thracius Orpheus,
nec Linus, huic mater quamuis atque huic pater adsit,
Orphei Calliopea, Lino formosus Apollo.*
*Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet,
Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.*
- 60 *Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem
(matri longa decem tulerunt fastidia menses);
incipe, parue puer: qui non risere parenti,
nec deus hunc mensa, dea nec dignata cubili est.*

Comentário geral

Primeira obra a consagrar Virgílio como grande poeta, as *Bucólicas*, segundo Harvey (1987, p.514), começaram a ser escritas em 43 a.C. e tiveram sua publicação em 37 a.C. O livro é composto por dez Églogas – poemas pastoris – das quais umas são lírico-narrativas, outras estão em forma de diálogo.

A *IV Égloga* é, sem dúvida, uma das mais famosas. Embora faça parte de um livro de poesias pastoris e o poeta não deixe de mencionar termos que a identifiquem como tal – *sicelides musas, siluas*, etc. – essa égloga, em especial, possui um tom mais elevado. Nela o poeta não cantará mais com versos modestos a vida pastoril – *arbusta humilesque myricae* –, mas sim um tema grandioso – *siluas consule dignae*.

Trata-se do nascimento de uma criança com qualidades divinas que marcará o retorno da Idade de Ouro e o recomeço de um período de paz e harmonia sobre a terra. Esse é o motivo pelo qual esse poema foi consagrado, na Idade Média, como uma profecia do nascimento de Cristo, o que assegurou a Virgílio o título de “profeta dos gentios”¹¹ (VIRGÍLIO, 1982, p.74).

Mas afinal, que criança seria essa? A crítica tradicional julgou ser Asínio Gallo, um dos filhos de Asínio Polião a quem o poema teria sido dedicado (VIRGÍLIO, 1982, p.75). Em 40 a.C., tendo sido feitas as pazes entre Otaviano e Marco Antônio, estabeleceu-se uma trégua, que se esperava duradoura, às Guerras Civis. E o marco inicial para essa decisão foi o estabelecimento da paz em Brundísio, sob o comando do então cônsul Polião.

Que Virgílio poderia ter encontrado nesse fato inspiração para a composição dessa égloga, não há dúvidas. O povo romano passava por um período de instabilidade e incertezas,

¹¹ E lhe garantiu o direito de andar pelo Inferno ao lado de Dante, em sua *Divina Comédia*.

e foi sob essa atmosfera que o poeta compôs suas Bucólicas. Ele, mais que ninguém, soube expressar o sentimento de necessidade dessa paz.

Por esse motivo, a criação do poema não representaria senão a própria humanidade em seu recomeço. É através dela que são superados todos os ressentimentos, que a miséria do tempo e a degradação da discórdia civil, sustentada pela insensatez dos homens, haviam imprimido no espírito do povo romano.

Breve comentário sobre o metro virgiliano

Toda obra de Virgílio foi escrita em *hexâmetros datílicos*. O hexâmetro é um modelo métrico composto por vinte e quatro tempos divididos em seis unidades chamadas *pés métricos*. Nesse tipo de metro, os pés podem ser formados por uma sílaba longa e duas breves, e serão chamados *dátilo* (¯ ˘ ˘), ou por duas sílabas longas, chamados *espondeu* (¯ ¯). Ambos os pés se equivalem em quantidade de tempo, pois a sílaba longa corresponde a dois tempos e a breve, a um: uma longa equivale a duas breves. O quinto pé é obrigatoriamente um dátilo, é esse dado que caracteriza o tipo do verso (hexâmetro datílico). O sexto pé tem sua última sílaba *ancípite*, isto é, pode ser longa ou breve, fato que não altera em nada a composição métrica do verso. O ritmo é marcado também pela acentuação que as primeiras sílabas longas de cada pé recebem, definindo uma oposição entre os tempos fortes e fracos.

Há ainda outra marca, essa de natureza sintática, que “separa” o verso em duas partes chamadas *hemistíquios*. Essa “pausa”¹², denominada *cesura*, é uma espécie de equilíbrio

¹² “A própria cesura, que de ordinário os tratados de métrica insistem em definir como uma “pausa interna”, nada tem a ver com a inserção objetiva, vale dizer, fisicamente mensurável, de rápidos períodos de silêncio entrecortando a leitura do verso, senão com possíveis inflexões significativas na prosódia, relacionáveis à estruturação sintático-semântica do enunciado, que apenas de um ponto de vista subjetivo poderiam eventualmente ser identificadas como breves interrupções da prolação e assumir – portanto no nível

sintático-semântico que ocorre sempre no interior de um pé métrico (unidade mínima do verso), geralmente no terceiro, após a sua primeira sílaba. Por esse fato, a cesura reforça a ideia do verso como unidade indivisível do poema.

Comentários verso a verso

Verso 1:

Sicelides Musae, paulo maiora canamus

O poeta, ao iniciar seu canto invocando as Musas sicilianas, faz alusão a Teócrito, poeta grego do século III a.C., natural de Siracusa, criador do gênero bucólico. A invocação das Musas é um recurso usado por Teócrito em alguns de seus poemas pastoris (Cf. TEÓCRITO, 1986. *Idílios*, IX, X, e XVII).

Entretanto, sabe-se que a invocação como procedimento de construção textual é um recurso característico da epopéia. E nesse gênero ela tem uma dimensão muito particular. Para cantar um tema grandioso como o que geralmente se propõe na poesia épica “é preciso contar com a inspiração divina e tornar-se um servo da musa, a fim de ser agraciado pelo favor que só ela pode conceder.” (THAMOS, 2007, p.29).

Na IV *Bucólica* o poeta deseja cantar “*paulo maiora*”. Daí a necessidade de se mudar o tom. Para cantar a chegada de uma criança com qualidades divinas e predizer seus feitos, é preciso recorrer à ajuda da musa. É assim que, “Ao ser invocada a divindade, [...] a figura do poeta [...] se eleva à do vate.” (THAMOS, 2007, p.29).

suprassegmental – um *valor* de pausa (coisa bem diferente do que ocorre com a pausa de fim de verso, que é em si mesma reconhecível como suspensão momentânea da emissão de voz).” (THAMOS, 2007, p.36)

Versos 4 e 5:

*Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo*

Uma das mais célebres sibilas, a de Cumas, região da costa da Campânia, ficou conhecida por redigir seus oráculos, que ficaram registrados nos Livros Sibilinos (HARVEY, 1987, p.461).

De acordo com as profecias da sibila de Cumas, a história do mundo era composta por ciclos periódicos, ao término dos quais os astros voltavam para o mesmo lugar no céu, organizando os acontecimentos na mesma ordem (VIRGÍLIO, 1982, p.80). A grande ordem dos séculos são todos os séculos em sucessão: as Quatro Idades¹³.

A primeira geração dos homens, criados logo após a organização do Caos e a criação do mundo, viveu sob o reinado de Saturno, isenta de vícios e cercada de todos os prazeres e alegrias. Esse era o período da Idade de Ouro, em a terra oferecia tudo, enquanto os homens desfrutavam de agradáveis ócios.

Com a perversidade se insinuando nos corações dos homens, ainda bons e virtuosos, os princípios da Justiça já não eram tão respeitados. A Natureza tornou-se então menos generosa e o período da eterna Primavera deu lugar à Idade de Prata, reinado de Júpiter, com quatro estações bem definidas.

Com o surgimento da discórdia entre os homens, teve início a terceira geração, a Idade de Bronze. O triunfo da maldade, do crime, da violência, da traição, deu início ao período da Idade de Ferro, a “*ultima aetas*”, e o Pudor, a Justiça e a Boa Fé abandonaram a terra. Os homens, que viviam até então com bens comuns, passaram a viver em guerra e foi necessário criar leis, estabelecer partilhas e delimitar propriedades. Foi preciso desbravar os mares, arar a terra e proteger as cidades.

¹³ Ovídio narra o mito em suas *Metamorfoses* I, 89-150 (OVIDE, 1985).

Verso 6:*Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna*

A virgem é Astreia, deusa que, no período da Idade de Ouro, espalhava a Justiça e a Virtude, mas, na Idade de Ferro, os crimes da humanidade puseram-na em fuga e obrigaram-na a abandonar a Terra. Assim, ela refugiou-se no céu, tornando-se a constelação de Virgem. Ovídio¹⁴, em suas *Metamorfoses*¹⁵ (I, 141- 150), assim relata esse episódio:

*Iamque nocens ferrum ferroque nocentius aurum
 Prodiert; prodit bellum, quod pugnat utroque,
 Sanguineaque manu crepitantia concutit arma.
 Viuitur ex rapto; non hospes ab hospite tutus,
 145 Non socer a genero; fratrum quoque gratia rara est.
 Imminet exitio uir coniugis, illa mariti;
 Lurida terribiles miscent aconita nouercae;
 Filius ante diem patrios inquirit in annos.
 Victa iacet pietas, et virgo caede madentis,
 150 Vltima caelestum, terras Astraea reliquit.*

Já se desencantara o ferro infenso,
 E o ouro inda pior: eis surge a Guerra,
 Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
 Vibrando as armas na sanguínea destra.
 Fervem os roubos: o hóspede seguro
 Do hóspede não está, do genro o sogro;
 A concórdia entre irmãos também é rara.
 Tentam morte recíproca os esposos,
 As madrastas cruéis dispõem venenos,
 Conta os dias paternos filho avaro,
 Jaz vencida a piedade, e sai do mundo,

¹⁴ A relação entre Virgílio e Ovídio aqui fica por conta dos dados de cultura. Ovídio é posterior a Virgílio. Nesse sentido, não haveria propriamente uma relação “intertextual”, uma vez que se entende que “citações e outros procedimentos da [...] chamada Intertextualidade só são um recurso efetivo de criação dos textos quando sujeitos à transformação dialética responsável pela eclosão original do sentido” (LIMA, 2000, p.8).

¹⁵ Tradução de Bocage (OVÍDIO, 2000)

Do mundo ensanguentado a pura Astréia,
Depois que os outros deuses o abandonam.

O 6º verso da IV Bucólica anuncia o retorno da Idade de Ouro, figurativizada pela Virgem Astréia e pelo reinado de Saturno. O advérbio *iam*, com sua carga dêitica e acompanhando verbos no presente do indicativo, faz coincidir a ocorrência do fato com o momento da fala. A escansão e análise desse verso tornam ainda mais evidente sua expressividade.

Trata-se, pois, de um hexâmetro datílico – como todos os versos de Virgílio. Este em especial é formado por uma sequência de pés métricos com configurações rítmicas distintas: ora um dátilo (- ~ ~), ora um espondeu (- -). Por configuração rítmica entende-se o arranjo formado pela sucessão dos tempos fortes e fracos que se alternam com intervalos regulares, no interior dos pés métricos que constituem o verso.

/	/	/	/	/	/
Iām	rēdīt	ēt	Vīr	gō	rēdē
1	2	3	4	5	6
					ūnt
					Sā
					tūrnīā
					rēgnā

Embora não se possa saber ao certo como eram articulados os fonemas vocálicos do latim, o conhecimento metalinguístico permite reconhecer que vogais longas e breves eram fonemas, isto é, unidades distintivas do sistema. Assim, independentemente de qual fosse a realização concreta que permitia ao ouvido de um falante natural reconhecer a oposição entre uma longa e uma breve, a partir da análise métrica desse verso é possível verificar aquela ocorrência alternada de pés.

A essa regularidade rítmica alternada, soma-se uma outra alternância, também regular, ocorrendo ora no início, ora no interior dos vocábulos: a aliteração da vibrante línguo-alveolar /r/¹⁶, que pode ser observada em cada um dos pés métricos, com exceção do 4º.

¹⁶ Faria (1958, p.22) afirma que “o *r* latino era produzido pelas vibrações da ponta da língua”.

Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna

Da mesma maneira, a cesura (||), marca de natureza sintático-semântica, nesse verso torna-se bastante significativa. Aqui ela é *pentemímera* – ocorre no 5º meio pé – e estabelece uma espécie de “pausa” no interior do verso, dividindo-o em dois hemistíquios, que contém, cada um, em seu início o verbo *redere* (“voltar”).

Assim, pode-se dizer que esses três fatores presentes no plano da expressão – a alternância rítmica regular marcada pelos pés métricos, a recorrência da vibrante /r/ também de maneira alternada e a cesura – corroboram a ideia de *retorno*, de circularidade, presente no plano do conteúdo.

Todos os recursos expressivos revelados pela análise permitem conferir ao verso o *status* de signo, uma vez que sua organização significativa contraiu, em bloco, o significado “retorno”, sua contraparte.

Expressa desse modo, a ideia de “retorno”, ao se mostrar como algo palpável¹⁷, revela aquilo que se denomina *ilusão referencial* (ou iconização), espécie de ênfase figurativa, que ocorre quando “relacionando o som com o sentido, o poeta procura dar a ver aquilo de que fala, manifestando o desejo de fazer que o poema se identifique concretamente com o referente” (THAMOS, 1998, p.67-8).

No momento em que o verso é proferido, o fato mesmo da volta da Idade de Ouro, ao se revelar materialmente aos sentidos, parece acontecer. Tem-se, assim, uma espécie de signo performativo, que realiza o acontecimento a que se refere: o verso é o próprio retorno da Idade de Ouro.

¹⁷ Note-se que do ponto de vista da língua, trata-se de expedientes da materialidade da expressão: o som, o ritmo, a ordenação.

Verso 7:*iam noua progenies caelo demittitur alto*

Esse verso é uma referência ao pai Éter, que se precipita do céu em chuvas fecundantes, intumescendo a mãe Télus e formando o barro a partir do qual Prometeu criará o primeiro homem e toda a Natureza tomará força. Ovídio (*Metamorfoses*, I, 78-86) assim descreve:

*Natus homo est; siue hunc diuino semine fecit
 Ille opifex rerum, mundi melioris origo,
 80 Siue recens tellus seductaque nuper ab alto
 Aethere cognati retinebat semina caeli;
 Quam satus Iapeto mixtam pluuiialibus undis
 Finxit in effigiem moderantum cuncta deorum;
 Pronaque cum spectent animalia cetera terram,
 85 Os homini sublime dedit caelumque tueri
 Iussit et erectos ad sidera tollere uultus.*

Eis o homem nasce, e – ou tu, suprema Origem
 De melhor Natureza, e quanto há nela,
 Ou tu, pasmoso Artífice, o formaste
 Pura extração de divinal semente,
 Separada dos céus, lhes tinha o germe.
 Com águas fluviais embrandecida,
 Dela o filho de Jápeto afeiçoa,
 Organiza porções, e as assemelha
 Aos entes imortais, que regem tudo.
 As outras criaturas debruçadas
 Olhando a Terra estão; porém ao homem
 O Factor conferiu sublime rosto,
 Erguido para o céu lhe deu que olhasse.

Verso 18:

At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu

A partir desse verso o poeta passa a cantar as fases da vida do menino: a infância (versos 18 a 35), a juventude (versos 26 a 36) e a idade adulta (versos 37 a 45). Cada uma delas é marcada por acontecimentos bastante significativos, com elementos que, muitas vezes remetem à Idade de Ouro e reiteram as ideias de magnitude e benevolência que o poeta propõe cantar no início do poema.

Os elementos utilizados para descrever os acontecimentos que ocorrem com o crescimento do menino estão repletos de simbologias, que podem ser interpretadas como sendo uma reafirmação da sua descendência divina e de seu futuro glorioso.

Nesse trecho (versos 18-25), que se refere à infância, são criadas imagens que mostram como toda a Natureza irá reagir com a chegada do menino. Os presentes, como uma forma de solenizar o acontecimento, são oferecidos pela terra espontaneamente – o que é próprio da Idade de Ouro. Chama a atenção o fato de serem, esses presentes, plantas bastante simbólicas.

Versos 19 e 20:

*errantis hederas passim cum baccare tellus
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho.*

A hera com o bácaro e a colocásia com o acanto são os presentes oferecidos pela terra. A hera simboliza a força vegetativa e o ciclo do eterno retorno (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p.486, s.v. *Hera*). O bácaro era usado pelos antigos para entretecer coroas de louros. Plínio, o velho, em seu *Naturalis Historia*, XII, 45 (PLINE, 1970a) afirma que essa planta, também conhecida como nardo selvagem, era bastante perfumada.

Já a colocásia, espécie de junco, tinha cor púrpura e forte perfume. O acanto, planta espinhosa, serviu de modelo para a ornamentação de capitéis coríntios e outros detalhes arquitetônicos e artísticos da Antiguidade.

De acordo com Chevalier & Gheerbrant (1991, p.10, s.v. *Acanto*), a simbologia do acanto está em seus espinhos. A planta representa as grandes dificuldades superadas e os êxitos obtidos, por isso era muito utilizada na ornamentação de capitéis, carros fúnebres e até mesmo vestimentas de homens ilustres.

Assim, torna-se bastante significativo o fato de, no poema, a figura do acanto aparecer logo no começo da vida do menino: como uma espécie de primeiro prenúncio, a planta simbolizaria o êxito dos grandes feitos que o menino vai realizar em sua vida.

Versos 21e 22:

*Ipsae lacte domum referent distenta capellae
ubera, nec magnos metuent armenta leones;*

As cabras e a abundância de leite são elementos que simbolizam a nutrição. A cabra, como símbolo da ama-de-leite (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p.157 s.v. *Cabra*), parece aludir ao episódio da infância de Júpiter, quando o pai dos deuses foi amamentado pela cabra Amaltéia.

Verso 25:

[~ ~ ~] *Assyrium uolgo nascetur amomum.*

Plínio, o velho, em seu tratado de história natural, assim descreve o amomo, planta perfumada de origem asiática, também usada como condimento:

XII, 48. *Amomi uua in usu est ex Indica uite labrusca, ut alii existimauere, frutice tortuoso, palmi altitudine, carpiturque cum radice, manipulatim leniter componitur, protinus fragile. Laudatur quam maxime Punici mali foliis simile nec rugosis, colore rufo.* (PLINE, 1970a)

XII, 48. O amomo em bagas que se usa provém de uma videira silvestre da Índia, ou como outros pensaram, de um arbusto retorcido da altura de um palmo; colhe-se com raiz e armazena-se em feixes cuidadosamente, pois é muito frágil. O mais apreciado é o de folhas semelhantes às da romãzeira, não rugosas e de cor vermelha.

Versos 26 a 30:

*At simul heroum laudes et facta parentis
iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus
molli paulatim flauescet campus arista,
incultisque rubens pendebit sentibus uua,
et durae quercus sudabunt roscida mella.*

Esses versos marcam a nova fase da vida do menino. Até o hexâmetro 36 será cantada a sua juventude. É interessante notar como são traçados paralelos entre os acontecimentos da sua vida e os da Natureza – ambos marcados por verbos que indicam desenvolvimento, amadurecimento: intelectual do menino (*legere, cognoscere*) e natural dos alimentos (*flauescet, pendebit, sudabunt*).

Versos 31 a 33:

*Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.*

Os “vestígios” serão “poucos” porque restarão apenas nos relatos sobre as glórias dos heróis e sobre os feitos paternos que, nessa fase da vida do menino, poderão ser lidos por ele.

Os crimes seriam uma referência à da Idade de Ferro, tempo em que os homens eram obrigados a navegar para conquistar territórios, a proteger as cidadelas contra os inimigos e a cultivar a terra para ter alimento. É uma alusão ao tempo da discórdia, que, nesse momento da vida do jovem menino, será coisa do passado: o adjetivo *priscae*, ao tomar o futuro como tempo de referência, promove uma reorganização temporal, já que o que é referido como passado é, na verdade, um fato do presente (momento da enunciação). Esse recurso cria um efeito de distanciamento entre o fato referido (o período das Guerras Civis) e o enunciador.

Verso 34 a 36:

*Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo
delectos heroas; erunt etiam altera bella,
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.*

Aqui, o que chama a atenção é o uso dos pronomes *alter*, *altera* para referir os heróis e as guerras míticas, e do advérbio *iterum* para marcar a ida de Aquiles para Troia. Essa passagem é pouco comentada pelos tradutores da IV Bucólica. Coleman, comentador das Éclogas, afirma que *alter* é uma referência a uma segunda Idade dos Heróis, que corresponderá de perto à primeira (VERGIL, 2003, p.140).

Hesíodo (1996), em “O trabalho e os dias”, assim descreve a Raça dos Heróis, que antecede a de Ferro:

Mas depois também a esta raça [de Bronze] a terra cobriu,
de novo ainda outra, quarta, sobre fecunda terra
Zeus Cronida fez mais justa e mais corajosa,
raça divina de homens heróis e são chamados
semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim.
A estes a guerra má e o grito temível da tribo

a uns, na terra Cadmeia, sob Tebas de Sete Portas,
 fizeram perecer pelos rebanhos de Édipo combatendo,
 e a outros, embarcados para além do grande mar abissal
 165 a Troia levaram por causa de Helena de belos cabelos,
 ali certamente remate de morte os envolveu todos
 e longe dos humanos dando-lhes sustento e morada
 Zeus Cronida Pai nos confins da terra os confinou.
 E são eles que habitam de coração tranquilo
 170 a Ilha dos Bem-Aventurados, junto ao oceano profundo,
 heróis afortunados, a quem doce fruto
 traz três vezes ao ano a terra nutriz.

Seria essa a razão, segundo o comentador, para figurarem no poema personagens míticas como Tífis e a nau Argo com seus distintos heróis e Aquiles, enviado novamente a Troia. No entanto, todo o poema possui um tom otimista motivado pelo nascimento da criança. Logo de início (verso 4) se diz ter chegado a *ultima aetas*, a Idade de Ferro, fato que determina o renascimento da grande ordem dos séculos. É o retorno da Virgem que estabelece definitivamente o recomeço, a volta dos Reinos de Saturno, o início da Idade de Ouro, a *prima aetas* (Ovídio, *Metamorfoses*, I, 89).

Em razão disso, pela própria ordem de sucessão das idades, não parece fazer sentido que a Idade dos Heróis se interponha aos acontecimentos narrados no poema. A esse respeito, o próprio comentador pondera:

The regression from Iron to Heroic to Golden Age in this part of the poem does not belong to the cyclic conceptions of history alluded to earlier [...]. But logically the Age of Heroes ought to precede the Golden Age in this scheme and not break into it as it does here. (VERGIL, 2003, 141-2)

No período da vida do menino, ao qual se referem esses acontecimentos, não parece, de fato, haver espaço para o surgimento da discórdia entre os homens, como afirma o

comentador¹⁸: “Here in the very centre of the poem is a warning that, though the prophecies will indeed be fulfilled, a further period of discord and war must first be endured” (VERGIL, 2003, p. 142).

Uma referência mais simples e direta, fornecida pelo próprio texto, parece mais coerente com o contexto dessa passagem e mais condizente com o estilo do poema e do próprio autor. Em todas as fases da vida do menino há elementos que remetem ao período da Idade de Ouro. Ao iniciar a caracterização do período da juventude, o vate afirma que o menino poderá *ler* as glórias dos heróis (*heroum laudes legere*, v. 26-7), isto é, as narrativas épicas, cujas histórias ele conhecera por já lhe terem sido contadas.

A ida de Aquiles a Troia, a viagem dos Argonautas não são senão o que se pode contar sobre esses fatos. Tal como um discurso performático, é como se, no momento em que fossem lidas pelo menino, as ações gloriosas dos heróis acontecessem novamente, daí o uso dos pronomes *alter*, *altera* e do advérbio *iterum*, daí a referência ao período da Idade dos Heróis.

Versos 37 a 39:

*Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.*

A partir desses versos será cantata a idade adulta, tempo em que já se terá instaurado por completo a Idade de Ouro, não havendo nem sequer vestígios dos períodos de discórdia. E tudo será dado pela natureza, sem que seja necessário ao homem trabalhar a terra ou recorrer às práticas comerciais.

¹⁸ Segundo o qual, um paralelismo existente entre *alter...altera* e o triplo *quae* dos versos 31 a 33 indicariam que “The Argonautic reference can clearly be linked to *temptare Thetim ratibus*, the Trojan one *cingere muris oppida. infindere sulcos* perhaps contains a secondary allusion to the ritual in which the site of a conquered city was ploughed over to seal its annihilation [...]” (VERGIL, 2003, p.141).

Versos 40 a 45:

*nec uarios discet mentiri lana colores,
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti
murice, iam croceo mutabit uellera luto;
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.*

A imagem que se cria aqui é a da transformação dos rebanhos nos prados, em que a lã dos carneiros já terá naturalmente cores desejadas, cores estas recorrentes em todas as fases da vida do menino, mas que somente nesse ponto são efetivamente nomeadas. O dourado, amarelo açafroado – *croceo luto* – cor do ouro, símbolo da eternidade (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1991, p.40 s.v. *Amarelo*), do reino de Saturno, também está no mel e no trigo. O vermelho, púrpura – *rubenti murice* – cor emblemática, insígnia dos poderosos, usada nas vestimentas dos cônsules, generais e imperadores, e o escarlate – *sandyx* – vermelho vivo, solar, símbolo de beleza, força, juventude e riqueza (*Idem*, p.945 s.v. *Vermelho*), são cores evocadas com a colocásia, o bácaro, o amomo e a uva.

Versos 48 a 54:

*Aggredere o magnos aderit iam tempus honores,
cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!
Adspice conuexo nutantem pondere mundum,
terrasque tractusque maris caelumque profundum;
adspice uenturo laetantur ut omnia saeclo.
O mihi tum longae maneat pars ultima uitae,
spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!*

Os versos 50 a 53 apresentam uma sequência de imagens que vai do mais abrangente e geral – “*conuexo nutantem pondere mundum*” – ao mais particular e específico – “*mihi*”. O interessante aqui é que, precedendo o verso que descreve o mundo em sua imensidão, há uma

referência ao menino, agora homem, como filho de Júpiter – “*cara deum soboles, magnum Iouis incrementum!*”. Essa anteposição, que coloca o menino divinizado acima de todas as coisas, aumenta o contraste entre a sua grandeza e a pequenez do poeta, que deseja humildemente ter uma velhice longa para poder cantar os feitos do menino, então homem.

Versos 55 a 59:

*Non me carminibus uincet nec Thracius Orpheus,
nec Linus, huic mater quamuis atque huic pater adsit,
Orphei Calliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet,
Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.*

Aqui, mais uma referência usada para dar a verdadeira dimensão da grandeza desse homem com qualidades divinas: nenhum grande poeta mítico seria superior ao vate se a ele fosse dada a possibilidade de viver tempo suficiente para cantar os feitos gloriosos do menino na idade adulta.

O uso expresso da primeira pessoa é feito apenas nesse trecho final. Isso imprime uma marca muito forte de subjetividade ao discurso. É interessante notar que todos os fatos anteriormente vaticinados, em que o *ego* está subentendido, ganham força objetiva pelo contraste com esse trecho final.

Versos 60 a 61:

*Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem
(matri longa decem tulerunt fastidia menses)*

Os tempos verbais usados ao longo de todo o poema são, em geral, o presente do indicativo e o futuro simples. O uso do futuro marca o caráter profético do poema e é usado

para narrar os acontecimentos que vão ocorrer em cada fase da vida no menino. Já o presente aparece apenas no início e no final do poema. No início, marca a chegada da Idade de Ouro.

Chama a atenção o fato de que o vate invoca a proteção da deusa Lucina ao “*modo nascenti puero*”. *Puero* é o dativo singular, complemento do verbo *faue* (2ª pessoa do imperativo presente *faueo* “favorecer”); *nascenti*, também no dativo, concordando com o substantivo, é a forma de particípio presente do verbo *nascor* “nascer”. Esse particípio, modificado pelo advérbio de tempo *modo* (“imediatamente”, “agora”, “nesse momento”), indica uma ação que está ocorrendo em concomitância com o ato de fala. Assim, o sentido literal do predicado é “favorece o menino ‘nascente’ neste momento”, ou seja, “que nasce enquanto falo”.

Ao final do poema, após narrar como será a vida do menino, o enunciador volta a lhe dirigir a palavra, mas desta vez¹⁹, com o verbo no imperativo presente: a locução verbal *incipere cognoscere* parece se referir ao momento exato em que a criança é colocada nos braços da mãe. No conjunto, o poema todo marcaria assim o momento mesmo do nascimento da criança, e pode ser entendido como signo da renovação.

A tradução poética

Como se disse, o foco do trabalho de leitura não deverá privilegiar traduções, e sim o texto original. Por isso, a apresentação de traduções se faz pelo interesse em fornecer outros exemplos de leituras e interpretações do texto original.

Há várias traduções da IV Égloga virgiliana. A tradução que ora se apresenta é de autoria de Márcio Thamos. A opção por essa se deu principalmente por dois fatores, o

¹⁹ No verso 18, embora o enunciador se dirija ao menino (cf. vocativo *puer*) ele o faz para dizer que a terra lhe dará presentes (*fundet*, verbo *fundo* “espalhar” no futuro).

ineditismo e a expressividade: trata-se de uma tradução poética em versos decassílabos, bastante fiel ao original. Segundo o autor, a tradução de hexâmetros por decassílabos permite alcançar uma “equivalência métrica expressiva entre a poética da língua latina e a da língua portuguesa” (2007, p.312).

Não se pretende discutir aqui teorias, procedimentos e técnicas de tradução. No entanto, vale destacar a seguinte afirmação a propósito do modelo métrico como princípio de ordenação:

A expressividade que uma língua alcança através da poesia está relacionada com a natural adequação da fala a um determinado ritmo prosódico. O decassílabo não é uma mera convenção métrica; ele constitui uma espécie de frase ideal do português, um modelo de fala ludicamente construído através da percepção viva da língua para permitir a expressão justa do significado poético. O mesmo certamente pode-se dizer do hexâmetro com relação ao latim. (THAMOS, 2007, p.312)

A concepção do verso como simples convenção métrica decorre da distorção imposta pela primazia da escrita sobre a oralidade, que leva a ver no signo gráfico as regras para os fatos da linguagem.

Entender o hexâmetro como expressão rítmica condizente com a prosódia da língua latina, e não como esquema artificial forjado pela modalidade escrita, é também uma forma de entender o latim como língua materna e não como um código de eruditos.

Virgílio, IV Bucólica

Ó musas da Sicília, agora é hora
 de elevarmos um pouco o nosso canto;
 pequenos bosques, baixos tamarizes
 nem sempre a todos podem agradar;
 5 se cantamos florestas, oh, cantemos
 florestas que de um cônsul sejam dignas.
 Eis que é chegada aquela idade, a última
 nas predições de Cumas decantada:
 a grande ordem dos séculos renasce,
 10 volta a Virgem e o reino de Saturno,
 do alto céu uma nova raça desce.
 Tu, ó Casta Lucina, favorece
 o menino que acaba de nascer
 – com quem pela primeira vez se encerra
 15 uma raça de ferro e em todo o mundo
 eleva-se uma nova raça de ouro –,
 pois, Lucina, já reina o teu Apolo.
 E é no teu consulado, Polião,
 que essa glória do tempo surgirá;
 20 nobres meses virão sob o teu mando.
 Se vestígios de nossos crimes restam,
 pouco importa: espantados fugirão
 deixando as terras livres de pavor.
 Viverá como um deus esse menino,
 25 junto aos divinos há-de ver heróis
 e ele mesmo entre aqueles se verá;
 possuidor das virtudes de seu pai,
 um mundo enfim em paz governará.
 E a ti, criança, Télus, sem cultivo,
 30 te dará os primeiros presentinhos:
 as heras, que com o báculo se espalham,
 e as colocásias, com o viçoso acanto.

As cabrinhas por si virão à casa,
 trazendo o leite nas tetinhas cheias;
 35 não haverá leão que assuste o gado;
 e a ti, o próprio berço dará flores.
 Morrerá a serpente venenosa,
 e a erva venenosa morrerá;
 nascerá sem cessar o amomo assírio.

40 E quando tu por si puderes ler
 os feitos dos heróis e os de teu pai
 e o valor da virtude avaliar,
 a delicada espiga, pouco a pouco,
 tingirá de amarelo vastos campos;
 45 as uvas rubescentes penderão
 da sarça agreste; e dos carvalhos duros,
 um orvalhado mel escorrerá.

Contudo, restarão do crime antigo
 vestígios que talvez ainda façam
 50 ser Tétis vulnerada pelos remos,
 cingidas de muralhas as cidades,
 e aberta com profundos sulcos Télus;
 um outro Tífis haverá então
 e outra Argo que conduza heróis seletos;
 55 haverá outras guerras, e outra vez
 será mandado a Troia o grande Aquiles.

Mas quando, já madura, a idade em ti
 tiver moldado um homem por inteiro,
 os viajantes deixarão os mares,
 60 e os navios não farão nenhum comércio:
 por toda parte, Télus dará tudo;
 o campo e a vinha livres ficarão
 de arados e de foices, e dos jugos
 o lavrador seus touros soltará;
 65 a lã não mentirá diversas cores,
 pois o próprio carneiro, já nos prados,

ora em ameno púrpura-escarlate,
 ora em dourado, o velo mudará;
 um vermelho espontâneo e natural
 70 vestirá os cordeiros pelos pastos.

“Tais séculos fiaí” – assim disseram
 as Parcas a seus fusos, em acordo
 com o poder imutável do destino.

75 Chegada a hora, vai e encontra a glória,
 divino rebento, oh filho de Júpiter!
 Contempla a plenitude do universo:
 olha as terras, o mar e o céu profundo;
 olha e vê como tudo já se alegra
 à espera desse século vindouro.

80 Oh, que eu possa viver bastante ainda,
 e não me falte engenho com que eu cante,
 nos meus versos, os grandes feitos teus.
 O próprio Orfeu a mim não venceria
 ainda que o inspirasse a mãe Calíope;
 85 nem valeria a Lino o pai Apolo.

Se o próprio Pã comigo disputar
 – e sendo a Arcádia o juiz –, o próprio Pã
 seja vencido – e sendo a Arcádia o juiz!

90 Começa, menininho, num sorriso
 a conhecer a mãe que te gerou
 (em nove longos meses de fastio);
 começa, menininho: à mãe, sorri!
 Quem não sorri assim não compartilha
 de um deus a mesa, de uma deusa o leito.

CONCLUSÃO

“o saber humano só se constrói de dentro para fora; como algo que o intelecto concebe e a vontade individual implementa com as características de projeto, um projeto humano.”

Alceu Dias Lima, 2000, p.4

Todo o encaminhamento aqui empreendido com vistas ao ensino de latim se fez com a consciência de que

A primeira e mais forte razão para o estudo programado de línguas antigas é terem elas servido de expressão a obras, cujo desconhecimento, por assim dizer, sistemático representará para o homem a perda irreparável de alguns dos documentos mais representativos da sua capacidade criadora. A observação impõe-se com a mesma premente gravidade com que se defende o direito universal e público à subsistência, à educação, aos benefícios, em suma, da própria civilização. (LIMA, 2000, p.8)

As dificuldades impostas ao ensino de latim devem-se, em grande parte, não à natureza mesma dessa língua antiga, mas sim ao fato de que dela não restaram senão registros escritos nos quais, em razão das próprias condições dessa modalidade de expressão, é muito difícil reconhecer a variante coloquial.

A falta de manifestações desprovidas dos artifícios estilísticos próprios da escrita determinou que o ensino desse idioma antigo fosse, ao longo dos séculos, regulado por uma rígida disciplina escolar. Esse é um dos fatores que contribuíram para que se criasse uma espécie de mito de superioridade do latim frente às demais línguas (PRADO, 1992, p 71-4).

Acredita-se que um método que encaminhe a reflexão sobre a linguagem permite desfazer essa mistificação sustentada pelo ensino tradicional do latim. O ensino inicial feito

nos moldes linguísticos que aqui se apresentaram permite que se forme de fato a consciência de que latim é língua materna, embora não seja a de nenhum falante da atualidade.

A inexistência da expressão oral em latim implica a necessidade de se trabalhar apenas com a recepção de seus textos escritos. E uma manifestação escrita em latim será sempre o registro de um uso resultante de escolhas estilisticamente conscientes realizadas por um falante natural, dotado da capacidade ilimitada de produzir enunciados. Foi essa capacidade que permitiu a esse falante explorar os recursos da linguagem verbal em seu mais alto grau.

Os ensinamentos fornecidos pela ciência da linguagem permitem reconhecer que a existência dessa fala, de qualquer fala, pressupõe a língua, uma língua natural. Partindo da oposição saussuriana de *Língua e Fala*, revista e ampliada pelos conceitos de *Semióticas denotativas* e *Semióticas conotativas* de Hjelmslev, pôde-se chegar ao entendimento do texto latino, ao mesmo tempo, como única prova material remanescente da existência dessa língua materna, e como objeto de significação particular pertencente a essa cultura antiga.

Se o que resta como testemunho da língua materna desse povo antigo é o que está registrado nos textos escritos que chegaram aos dias atuais, estes devem, pois, ser o objetivo principal daqueles que se ocupam do estudo desse idioma. Não se há de negar que existam outros interesses envolvidos no estudo de uma língua como o latim¹. No entanto, entende-se que formação do latinista deve ter em vista, antes de tudo, a aquisição de uma competência receptiva escrita.

Em razão disso, o percurso de ensino do latim que se procurou traçar tem como objetivo a formação de leitores.

O método “Da Fala à Língua” se mostrou bastante adequado para encaminhar o estudo inicial e sistematizado do idioma, uma vez que ao ensino impõem-se como ponto de partida textos estilisticamente elaborados. A adequação do método se deve, principalmente, à

¹ Como os estudos filológicos, essenciais para o estabelecimento dos textos latinos apresentados pelas boas edições críticas que são tomadas como referência para todos os trabalhos de língua e literatura, por exemplo.

coerência com os preceitos da ciência de linguagem que permite reconhecer o latim como língua materna e derrubar o mito de superioridade do latim.

Todo esforço em sistematizar um método que encaminhe essas questões se faz com o intuito de propiciar ao aluno o acesso a esses textos legítimos que compõem a literatura latina. Por tratar-se de trabalho desenvolvido nos quadros de uma formação em Letras, o enfoque à luz da Teoria da Linguagem é fundamental para que se forme nesse aluno a capacidade de refletir sobre a linguagem verbal, sua principal especialidade. E assim habilitá-lo à leitura efetiva desses textos antigos.

Em razão desse objetivo, cumpre evitar, no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo em seu início, dados teóricos que não possam ser verificados na prática e que, por isso, sejam didaticamente irrelevantes. Isso pode resultar em um acúmulo de dados não transferíveis e que, em razão disso, não poderão constituir, de fato, um conhecimento. Por outro lado, também é preciso evitar excessos de informações fornecidas apenas em nome de didatismos que, quando não recebem a devida atenção, podem ser confundidos com os dados teoricamente relevantes. A falta de cuidado com a prática pode levar o aluno a desacreditar no discurso do professor.

A conclusão de um trabalho que propõe um encaminhamento para questões do ensino de latim se deve fazer, entretanto e acima de tudo, com a plena convicção de que nenhum material didático, por mais que fundado em boa teoria, pode substituir a reflexão indispensável a todo processo de construção do saber. Reflexão que só é possível quando desenvolvida em sala de aula, num esforço conjunto realizado por professor e aluno. É sobre essas bases que se constrói um saber transferível, sem o qual o aluno não poderá conquistar a desejável autonomia buscada em todo o percurso de sua formação.

Essa é a condição para que se possam formar especialistas conscientes de seu papel, capazes de conservar e transmitir a herança literária legada pela civilização romana. É

somente através do trabalho desses especialistas que se poderá ampliar o acesso à Cultura Clássica, ainda hoje fundamental para a formação dos cidadãos. Dessa forma, acredita-se, podem-se estabelecer as bases de um ensino verdadeiramente democrático.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDETT, Hanna. **Entre o passado e o Futuro**. 6ª ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- AZEREDO, José Carlos. **Gramática Huais da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Bauru: EdUSP, 1976.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 9ª reimpr. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CART, Allan. et al. **Gramática latina**. Trad. Maria Evangelina V. N. Soeiro. São Paulo: EdUSP, 1986.
- CORTINA, Arnaldo. Semiótica e leitura: os leitores de Harry Potter. In: CORTINA, A. e MARCHEZAN, R. C. (Org.) **Razões e Sensibilidades: a Semiótica em foco**. Araraquara: Laboratório Editorial / FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004. p.153-189.
- CORTINA, Arnaldo. **Uma abordagem sobre leitura: entre sociologia e semiótica**. In: Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 4.n.2, dezembro de 2006.
- COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 6ª ed. Rio de Janeiro: MEC / FENAME, 1982.
- FIORIN, José Luiz. Letras Clássicas no 2º grau : competência textual e intertextual. In: CARDOSO, Zélia de Almeida (Org.). **Mito, religião e sociedade**. Anais do II Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo, 1991. p.515-519.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2ªed. São Paulo: Ática, 2001.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006a.

- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006b. p.161-193.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**. Trad. Haqira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1973.
- HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- HESÍODO. **O trabalho e os dias**. 3ª ed. Tradução, introdução e comentários Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- HJELMSLEV, Luis. **Ensaio linguísticos**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Debates).
- HJELMSLEV, Luis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Estudos).
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 22ª ed. Trad. I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 2001.
- JONES, P. V. & K. C. SIDWELL. **Reading Latin: grammar, vocabulary and exercises**. 19.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 5ªed. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LIMA, Alceu Dias. A leitura do poético: questões de semiótica e de método. **Significação**: revista brasileira de Semiótica, n.1. Ribeirão Preto (SP), 1974, p.59-79.
- LIMA, Alceu Dias. Nota à tradução brasileira. In: BORNECQUE, H. e MORNET, D. **Roma e os Romanos**: literatura história e antiguidades. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: EPU, EDUSP, 1976. p. 174-5.
- LIMA, Alceu Dias. A oração adjetiva: conceitos e ensino. In: **Estudos de Filologia e Linguística**. São Paulo: T.A Queiroz: Edusp, 1981. p. 161-168.
- LIMA, Alceu Dias. Ensino das Letras: (des)encontros do 3º grau. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992a. p. 11-16.

- LIMA, Alceu Dias. A crise da tradição humanista e o ensino do latim. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992b. p. 25-28.
- LIMA, Alceu Dias. O golpe do latim. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992c. p. 67-70.
- LIMA, Alceu Dias. Denotação e conotação. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992d. p. 89-94.
- LIMA, Alceu Dias. O texto: sistemas semióticos e retro-leitura. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992e. p. 95-102.
- LIMA, Alceu Dias. Semiótica e estudos clássicos. In: _____ et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992f. p. 103-105.
- LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua?**: questões de linguagem e de método. São Paulo: UNESP, 1995.
- LIMA, Alceu Dias. **Memorial** - Concurso para obtenção de cargo de Professor Titular. Departamento de Linguística, Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Araraquara, [2000].
- LIMA, Alceu Dias e THAMOS, Márcio. **Verso é pra cantar: e agora Virgílio?** Araraquara: Alfa, (49)2, 2005, p. 125-132.
- LONGO, Giovanna. **Ensino de Latim: problemas linguísticos e uso de dicionário**. Araraquara, 2006. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- MIOTTI, C. M. **O ensino de Latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método *Reading Latin***: um estudo de caso. Campinas, 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- OVIDE. **Les métamorphoses**. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1985. v.1
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Trad. Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução: Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.
- PHÈDRE. **Fables**. Texte établi et traduit par Alice Brenot. 12^{ème} ed. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

- PINTO, Milton José. Introdução - a mensagem narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5ªed. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes: 2008.
- PLINE, L' Ancien. **Histoire Naturelle**. Livre XII. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1970a.
- PLINE, L' Ancien. **Histoire Naturelle**. Livre XXII. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1970b.
- PRADO, João Batista Toledo. O texto documento. Sugestões de trabalho. In: LIMA, Alceu Dias et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992. p. 33-7.
- PRADO, João Batista Toledo. Latim, moinhos e cavaleiros andantes. In: LIMA, Alceu Dias et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992. p. 71-4.
- PRADO, João Batista Toledo. **Língua Latina I**: anotações de aula. Araraquara, 2007.
- RAMPIONI, Anna. Giordano. **Manuale per l'insegnamento del latino nella scuola del 2000**: dalla didattica alla didassi. 2ª ed. Bologna: Pàtron Editore, 1999.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 25ª ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2003.
- SAVIOLI, Francisco Platão e FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16ªed. São Paulo: Ática, 2003.
- SEGA, Giovanni e TAPPI, Oreste. **Versioni latine**: avviamento alla traduzione. 2ª ed. Firenze: La nuova Italia, 1986.
- TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**: Objetos teóricos. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.187-209.
- TEÓCRITO. Idílios. In: **Bucólicos Griegos**. Introducciones, traduciones y notas por Manuel Garcia Teijeiro y Maria Tereza Molinos Tejada. Madrid: Editorial Gedos, 1986. p.53-250.
- THAMOS, Márcio. **Poesia e imitação**: a busca da expressão concreta. Araraquara, 1998. 154f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.
- THAMOS, Márcio. **As Armas e o Varão**: leitura e tradução do Canto I da Eneida. Araraquara, 2007. 329f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.
- THAMOS, Márcio. **Percepção e experiência na criação poética**. Cadernos de Semiótica Aplicada, Vol. 8.n.2, dezembro de 2010, p. 1-5
- TITE-LIVE. **Histoire romaine**. Livre I. Texte établi par Jean Bayet et traduit par Gaston Baillet. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

VIRGIL. **Eclogues**. Edited by Robert Coleman. United Kingdom: Cambridge, 2003.

VIRGILE. **Eneide**. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

VIRGILE. **Bucoliques**. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1926.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. e FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2006.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária** Trad. Ivan C. Lopes et al. São Paulo: Nacional - EdUSP, 1976.

BRUNO, Haroldo. Equívocos nos estudos latinos. In: LIMA, Alceu Dias et al.. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992a. p. 75-82

BRUNO, Haroldo. Latim e formação linguística. In: LIMA, Alceu Dias. et al.. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992b. p. 25-28

CARRETER, F. L. La enseñanza del latín. In: _____ **Las ideas lingüísticas en España durante el siglo XVIII**. Baecelona: Critica, 1985.

COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].

DAREMBERG, Charles & SAGLIO, Edmond. **Dictionnaire des antiquités grecques e romaines**. Paris: Hachette, 1877.

- DEZOTTI, José Dejalma. Flexão latina: a rigidez da norma atomizante. In: LIMA, Alceu Dias et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992a. p. 83-5.
- DEZOTTI, José Dejalma. O papel do texto documento. In: LIMA, Alceu Dias et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: UNESP, 1992b. p. 29-31.
- DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Linguística**. Trad. dirigida e coordenada por Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ECO, Umberto. **Semiótica e Filosofia da Linguagem**. Trad. Mariarosaria Fabris e José Luiz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.
- ERNOUT, Alfred & MEILLET, Antoine. **Dictionnaire éthymologique de la langue latine**. Paris: Klincksieck, 1959.
- ERNOUT, André. **Morfologie historique du latin**. 3^e éd. Paris: Klincksieck, 1974.
- FARIA, Ernesto. **Curso de latim: para a terceira e quarta séries dos cursos ginásiais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 10^a ed. São Paulo: Contexto, 2001a.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 7^a ed. São Paulo: Ática, 2001b.
- FIORIN, José Luiz. Tempo e temporalização. In: CAGLIARI, L. C. (Org.). **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p.9-39.
- GAFFIOT, Felix. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.
- GLARE, P.G.W. **Oxford latin dictionary**. 4th reimpr. Oxford: The Clarendon Press, 1985.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 2^a ed. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
- HÉNAULT, Anne. **História concisa da Semiótica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. (Na ponta da língua)
- HOUIS, Maurice. Langage et Culture. In: POIRIER, Jean. **Ethnologie générale**. Paris: Gallimard, 1968. p. 1433-1432. (La Pleiade).
- JONES, P. V. & K. C. SIDWELL. **Reading Latin: text**. 18thed. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MARTINET, André. **Elementos de Linguística geral**. Trad. Jorge Morais-Barbosa. Lisboa: Sá da Costa, 1964.

- REY, Allan et al. **La sémantique. Langue Française.** Paris: Larrousse, n° 4, 1969.
- ROSSET, Charles. **L'enseignement élémentaire du latin.** Paris, 1970. 1028f. Thèse. Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Université de Paris (Sorbonne), Paris, 1970.
- SARAIVA, F. R. Santos. **Novíssimo dicionário latino-português.** 11^a ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale.** Édition critique préparée par T. de Mauro. Paris: Payot, 1988.
- TORRINHA, Francisco. **Dicionário latino-português.** 2^a ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.
- VIRGILE. **Géorgiques.** Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1966.
- VIRGÍLIO. **Bucólicas.** Trad. Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Tessitura/Crisálida, 2005.
- WÜLFING, Peter. **Temi e problemi dessa didattica delle lingue classiche.** Roma: Herder Editrice, 1986.

ANEXO

CURSO
DE
LÍNGUA LATINA



GIOVANNA LONGO

- 2011 -

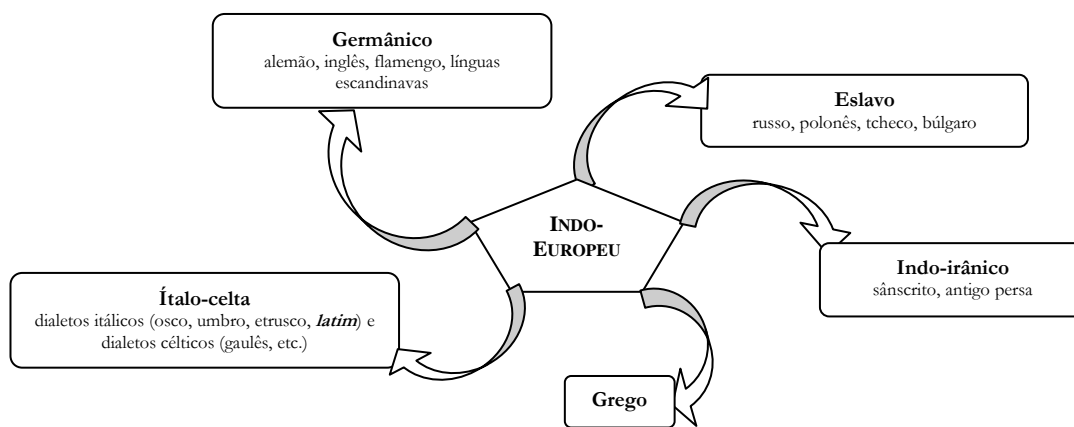
Sumário

I	Apresentação	3
	<i>Características gerais da Língua Latina</i>	5
	Texto I: Virgílio, <i>Bucólicas</i> , IV	13
II	O caso nominativo	16
III	O caso acusativo	26
IV	O caso genitivo	30
IV	O caso dativo	36
V	O caso ablativo	40
VI	O sistema verbal: o modo indicativo	45
VII	A voz passiva	60

APRESENTAÇÃO

O Latim é a *língua materna* dos antigos habitantes de Roma. Deve-se entender com isso que houve um povo para o qual viver consistiu em ouvir, falar e também ler e escrever em latim.

Essa língua antiga, assim como a maior parte das línguas da Europa e da Ásia, deriva de um tronco comum chamado *Indo-europeu*, que nada mais é que um estágio hipotético de língua, que remonta à pré-história e ao qual só se pôde chegar por meio de estudos comparativos. Cinco grandes grupos derivam do Indo-europeu:



No princípio, falado apenas pelos habitantes da região central da Península Itálica, o latim prevaleceu sobre os outros dialetos e difundiu-se por toda região graças às conquistas e ao desenvolvimento alcançado pelo povo romano ao longo de sua História.

As primeiras manifestações escritas em latim de que se tem registro são encontradas em monumentos e objetos pertencentes ao século VII ou VI a.C. Foi apenas no século III a.C. que a língua latina começou a adquirir forma literária.

No curso de sua longa história, a língua dos romanos passou por várias transformações, e o desenvolvimento de sua literatura sofreu influências especialmente da literatura grega.

A literatura latina pode ser dividida em três grandes períodos:

- *Período Arcaico*: do séc. III a.C. ao séc. I a.C.
Principais autores: Cato, Ennio, Plauto e Terêncio.
- *Período Clássico*: do séc. I a.C. ao início do Império (ano 14 d.C.).
Principais autores: Cícero, César, Catulo, Horácio, Lucrecio, Ovídio, Tito Lívio, Virgílio.
- *Período Pós-Clássico*: do séc. I d.C. ao séc. II d.C.
Principais autores: Fedro, Juvenal, Lucano, Marcial, Petronio, Quintiliano, Sêneca, Suetônio, Tácito.

Após esse último período, tem-se o *Latim tardio*, que se confunde com o Latim Medieval.

Todos esses estágios marcam a existência do latim como língua literária. Já a fala coloquial – aquela que o falante, qualquer que fosse seu nível de instrução, usava na conversação do dia-a-dia – é o que se costuma denominar Latim Vulgar. Foram as transformações sofridas por essa modalidade da linguagem ao longo dos séculos que culminaram no surgimento de línguas românicas como o italiano, o francês, o espanhol, o romeno, o português, entre outras.



Veja mais:

- Artigo *Uma língua latina com certeza*, de Márcio Thamos, disponível em: www.neomundo.org.br
- Capítulo *A língua latina e sua formação histórica*, de Zélia de A. Cardoso, no seu livro **Iniciação ao Latim**.

Características gerais da Língua Latina



CVM QVODAMCA
AS REGIONIS PINEE
IOICI S'LATIN
S'HELIOVIA
NONICISCVLSAN
I L'OTR'ES MISSE

O alfabeto

No período Clássico, o alfabeto latino era composto de 23 letras:

A B C D E F G H I K L M N O P Q R S T V X Y Z

- Os romanos não conheciam os sons correspondentes aos grafemas -J- e -V-. Grafa-se **i** tanto como vogal: *Cicero* (Cícero), *dominus* (senhor), quanto como semiconsoante **Iuno** (Juno), **Iulius** (Júlio). Da mesma forma é o uso de **u**, **v**: como vogal *urbs*, *Vrbs* (cidade); como semiconsoante: *Venus* (Vênus), *nouus* (novo).
- O -Y- e o -Z- foram introduzidos no final do século I a.C., para transcrever palavras gregas.

CVM QVODAMCA
AS REGIONIS PINEE
IOICI S'LATIN
S'HELIOVIA
NONICISCVLSAN
I L'OTR'ES MISSE

A pronúncia

Latim é língua materna, embora não seja a de nenhum falante da atualidade. O fato de não mais possuir falantes naturais acarreta a impossibilidade de se produzirem novos discursos nesse idioma. E uma das razões para isso é a de não ser possível saber, ao certo, como se realizavam concretamente os fonemas da língua. Assim, a pronúncia utilizada no aprendizado do latim é, na verdade, convencional e puramente substitutiva.

Fruto de importantes estudos filológicos, a **pronúncia restaurada** (ou reconstituída) é um modelo aproximativo do que teria sido o latim no período clássico. Para falantes de português, são poucas as diferenças a serem observadas:

Os grafemas *-I/-i-* e *-V/-u-*, sejam semiconsoantes, sejam semivogais, são pronunciados sempre como *-i-* (**Itália**) e *-u-* (**unidade**). Nos dicionários, as semiconsoantes são transcritas *-J-* e *-V-*. A palavra *iuuenis* (jovem), por exemplo, é transcrita nos dicionários como *juvenis*. Apesar disso, a pronúncia será sempre dos sons *-i-* e *-u-*.

O *-Y-*, que aparece apenas nas palavras gregas, é pronunciado como o *u* francês.

O *-ph-* lê-se com som da letra *-f-*: *Zephyrus* (Zéfiro).

As consoantes em geral são pronunciadas como em português, exceto :

- *-C-* se lê sempre como *-K-*, mesmo diante de *-e-*, *-i-* ou *-y-*: *Cicero* (Cícero) lê-se “kíkero”, *ciuis* (cidadão) lê-se “kíuis”;
- *-G-*, mesmo diante de *-e-*, *-i-* ou *-y-* se lê como o português *-gu-* (**guerra**, **guincho**): *gens* (gente) lê-se “guens”;
- *-H-* é sempre aspirado: *homo* (homem) “rômo”;
- *-M-* e *-N-* em final de sílaba não nasalam a vogal precedente e devem ser pronunciadas (como em inglês *then* x *them*): *flumen* (rio): “flúmen”;
- *-S-* intervocálico é sempre surda: *Caesar* (César): “cáessar”;
- *-X-* tem sempre o som de “ks”: *dux* (general): “duks”;
- *-Z-* se lê “dz”: *Zephyrus* “dzéfirus”

A quantidade silábica

Uma das principais diferenças entre o latim e as línguas românicas é a de que naquela língua antiga as vogais possuíam uma característica quantitativa. Quantidade silábica é a **duração** (tempo) **de pronúnciação** de uma sílaba. Desse modo, as vogais latinas caracterizavam-se como *longas* ou *breves*.

Como não há mais falantes naturais de latim, é impossível saber como se diferenciavam concretamente as vogais longas das vogais breves. O único dado que se possui é o de que uma sílaba longa, sua duração, equivale a duas sílabas breves. Esse dado, no entanto, é insuficiente para que se pronunciem essas vogais de modo a percebê-las como fonemas, como ocorria naturalmente aos ouvidos de um romano.

Os sinais gráficos que marcam a quantidade silábica são o macro (¯), para as sílabas longas e a braquia (ˇ), para as sílabas breves. Assim, a língua latina possuía dez vogais: ā, ē, ī, ō, ū e ä, ě, ĭ, ŏ, ů. É importante ressaltar que os sinais gráficos de longa e breve não fazem parte da escrita alfabética, isto é, eles não aparecem em textos como os sinais diacríticos do português, por exemplo (til, acento grave, agudo, circunflexo). Esses dados podem ser encontrados em gramáticas e dicionários.

O acento tônico

Acento tônico é o destaque, relevo ou realce que uma sílaba ou uma palavra têm em comparação com outras na mesma cadeia falada¹.

Em latim não há palavras *oxítonas*, isto é, com o acento tônico na última sílaba, como o port. *sabiá*. As palavras em latim são:

- ou *paroxítonas* (com o acento tônico na penúltima sílaba, como o port. *cultura*):
são paroxítonas as palavras com duas sílaba: *puer* (menino) e as palavras com mais de duas sílabas cuja penúltima sílaba seja longa *dubitāre* (duvidar).
- ou *proparoxítonas* (com o acento tônico na antepenúltima sílaba, como o port. *máquina*):
são proparoxítonas as palavras cuja penúltima sílaba seja breve: *facēre* (fazer).

A declinação

O latim, assim como o português, é uma língua *flexiva*. Ser uma língua flexiva significa possuir classes de palavras que variam de acordo com determinadas categorias gramaticais.

Assim, das nove classes de palavras existentes no latim, quatro são variáveis (substantivos, adjetivos, pronomes, alguns numerais e verbos) e cinco são invariáveis (preposições, conjunções, advérbios, interjeições e numerais)².

¹ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Categorias gramaticais nominais: gênero, número e caso

As classes nominais em latim flexionam-se, isto é, apresentam variações em forma de desinências. Essas desinências, ou sufixos flexionais, expressam categorias de gênero, número e caso.

O gênero

Em latim, os substantivos se dividem em três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. Todo substantivo possui necessariamente um gênero. Por ser uma característica, em geral, determinada por convenção, os gêneros das palavras são sempre muito particulares de cada idioma, já que essas convenções também envolvem questões culturais. Por esse motivo, o gênero é sempre informado em qualquer dicionário.

Mesmo não havendo como estabelecer critérios muito bem definidos para a distinção entre masculino, feminino e neutro em latim, pode-se afirmar que:

- *São de gênero masculino*: nomes e profissões de homens, animais do sexo masculino.
- *São de gênero feminino*: nomes e profissões de mulheres, animais do sexo feminino e nomes de árvores.
- *São de gênero neutro*: substantivos que se referem aos seres inanimados.

Como será visto mais adiante, há certos índices que permitem identificar o gênero de um substantivo, como a desinência e a concordância com adjetivos.

² Em latim não há um conjunto de palavras determinantes correspondente ao que em português classifica-se como *artigos* (definidos e indefinidos). A determinação ou indeterminação em latim é efetuada por outros expedientes, com o uso de adjetivos e pronomes.

O número

Em latim, como em português, há uma categoria gramatical para indicar a unidade (singular) ou a pluralidade (plural) dos nomes (substantivos e adjetivos) e dos pronomes. Também o número é marcado por terminações específicas nas palavras.

O caso

A principal diferença entre o latim e o português é o fato de o latim ser uma língua de *natureza declinatória*. Isso significa que as classes nominais em latim, indicam, por meio de uma flexão (além das categorias de gênero e número, como em português) também a categoria chamada *caso*.

Os casos representam a *função* que a palavra exerce na frase em relação aos demais elementos. À função de um termo no contexto frasal dá-se o nome de *função sintática*.

O latim possui seis casos³ que correspondem, *grosso modo*, às seguintes funções sintáticas em português:

CASO		FUNÇÃO SINTÁTICA EM PORTUGUÊS
Nominativo	↔	Sujeito, Predicativo do sujeito
Vocativo	↔	Apóstrofe, Interpelação
Acusativo	↔	Objeto direto
Genitivo	↔	Complemento do nome ⁴
Dativo	↔	Objeto indireto
Ablativo	↔	Adjunto adverbial

Desse modo, as palavras pertencentes às classes nominais em latim apresentam uma terminação – que a partir de agora será chamada *desinência* – que indica, conjuntamente, as categorias de *gênero, número e caso*.

³ Há ainda resquícios de um sétimo, chamado *locativo*, mas que, por ter um uso muito restrito, será visto em um momento posterior.

⁴ A denominação *complemento do nome* engloba as funções que em português denominam-se *adjunto adnominal* formado por locução adjetiva e *complemento nominal*.

Por essa razão é que se diz que no latim as palavras são declináveis. *Declinação* nada mais é do que a *alternância de desinências de acordo com as categorias gramaticais de gênero, número e caso*. Assim, uma mesma palavra poderá se apresentar de diversas maneiras, uma vez que terá sua desinência alternada de acordo com seu gênero, seu número e também com a função sintática que estiver desempenhando na frase.

Esses dados serão apresentados ao longo do curso. Vejamos, por ora, um breve exemplo.

Observe-se cada uma das frases em português:

A 1. *Catulo ama Léssia.*

B 1. *Léssia ama Catulo.*

Ambas são constituídas pelos mesmos elementos; no entanto, é clara a diferença de sentido entre elas. O que determina essa diferença de sentido?

Vejamos agora as correspondentes latinas para as frases portuguesas:

A 2. *Catullus Lesbiam amat.*

B 2. *Catullum Lesbia amat.*

Observando atentamente cada uma das frases latinas e os termos nelas contidos, o que é possível deduzir?

Comparando-se as orações em português, é possível observar que as mensagens nelas contidas são diferentes, embora cada um dos termos que as compõe, se tomados isoladamente, sejam os mesmos (“Catulo”; “Léssia”; “ama”). Pode-se afirmar, portanto, que, em português o que determina a diferença de sentido das mensagens é a *ordem* dos termos na oração em relação ao verbo.

Já nas frases latinas, nota-se que os termos estão igualmente ordenados: 1º o substantivo “Catulo”; 2º o substantivo “Léssia”; 3º o verbo “amar”. Mas há uma diferença na

configuração dos termos. Na frase A 2, o primeiro termo é *Catullus* e, na frase B 2, é *Catullum*. O mesmo ocorre com o segundo termo: em A 2, é *Lesbiam* e, em B 2, é *Lesbia*.

Com essas observações, chega-se à seguinte conclusão: o sentido de uma mensagem em língua latina é determinado pelas diferentes formas sob as quais a palavra se apresenta na oração. Em latim, o valor de um termo na oração é expresso pela sua desinência, ou seja, *as palavras flexivas mudam de configuração para indicar mudança de valor na relação com as demais palavras da oração* (relação sintática). Isso determina que, ao contrário do português, as palavras na frase latina têm grande mobilidade.



A conjugação

O sistema verbal do latim possui várias semelhanças com o do português.

Do mesmo modo que as palavras pertencentes às classes nominais, os verbos apresentam variações em sua forma dependendo das categorias por eles expressas. Diz-se, assim, que eles são conjugáveis. *Conjugação* é a alternância de desinências verbais de acordo com as categorias gramaticais.

Categorias gramaticais verbais

As categorias gramaticais próprias dos verbos são *tempo, modo, número, pessoa, voz* e *aspecto*. O sistema verbal latino será estudado na Unidade VI.

